



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E
LINGUAGENS

HALANNA SOUZA ANDRADE

“E SE CLARINA FOSSE PROTAGONISTA DE EM FAMÍLIA?”
NARRATIVAS ATIVISTAS DO FANDOM CLARINA CONTRA A HOMOFOBIA NO
BRASIL

Vitória da Conquista

2017

HALANNA SOUZA ANDRADE

“E SE CLARINA FOSSE PROTAGONISTA DE EM FAMÍLIA?”

**NARRATIVAS ATIVISTAS DO FANDOM CLARINA CONTRA A HOMOFOBIA NO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens como pré-requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima

Vitória da Conquista

2017

A565c

Andrade, Halanna Souza.

“E se Clarina fosse protagonista de em família?” Narrativas ativistas do Fandom Clarina contra a homofobia no Brasil. / Halanna Souza Andrade, 2017.

137f. il.; (algumas color.).

Orientador (a): Dr. Marcus Antônio Assis Lima.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, Vitória da Conquista, 2017.

Inclui referência F. 94 – 101.

1. Ativismo na internet - Homofobia. 2. Cultura de fãs. 3. Voz. 4. Lésbicas. I. Lima, Marcus Antônio Assis. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL. T. III.

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

HALANNA SOUZA ANDRADE

“E SE CLARINA FOSSE PROTAGONISTA DE EM FAMÍLIA?”

**NARRATIVAS ATIVISTAS DO FANDOM CLARINA CONTRA A HOMOFOBIA NO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras: Cultura, Educação e Linguagens como pré-
requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título
de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Data de Aprovação: 27/06/2017

Professor Dr. Marcus Antônio Assis Lima
Orientador (UESB)

Professora Dra. Márcia Santos Lemos
Examinadora Interna (UESB)

Professora Dra. Sônia Caldas Pessoa
Examinadora Externa (UFMG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, mães Claudia e Jane, pai Jorge e tia Carmo por todo apoio e amor dedicado a mim durante todos esses anos. Minha avó Creuza que partiu num rabo de cometa e deixou saudades. Todas as tias maravilhosas e primos sempre dispostos a ajudar. Minha companheira de vida Eline que lidou com o meu esgotamento e ansiedade nos últimos anos e emprestou seus ouvidos para que eu percebesse o caminho por onde seguir. Amora que me encheu de amor e calor nos pés durante o período de escrita.

Aos camaradas da ADUSB que me deram muita força para concluir essa etapa, especialmente Thaís, um ser extremamente valoroso que deu o sangue durante as minhas ausências para escrever a dissertação. Vilma que sempre me encheu de esperança e carinho. As diretorias do sindicato que foram solidárias e compreensivas comigo.

Ao meu orientador e amigo Marcus que trilha a jornada acadêmica comigo há algum tempo com respeito e confiança. Teve paciência com as minhas crises e sempre consegue ter uma saída para os mil problemas que sempre encontro em tudo. Às professoras Marília Flores Seixas e Joana Ziller que participaram da minha banca de qualificação e deram orientações preciosas para os rumos do trabalho.

Aos camaradas de militância que estão comigo nas lutas cotidianas pela transformação social e que entenderam a necessidade dos períodos de ausência para a dedicação à academia. À Ana Valeska que ajudou com as traduções e a todo momento se dispôs a me ouvir.

Aos colegas de turma, professores e funcionários do PPGCEL participantes ativos da construção desse trabalho. Especialmente Tamires e Letícia, amigas de desabafo e trocas de figurinhas.

Ao Fandom Clarina que esteve unido contra a discriminação lésbica e possibilitou muitas risadas ao longo do estudo.

RESUMO

O trabalho tem como finalidade articulação dos conceitos de voz (COULDRY, 2010), ativismo na internet e cultura de fãs (JENKINKS, 2015) por meio das narrativas do Fandom Clarina. O grupo de fãs do casal lésbico Clara e Marina, da novela *Em Família*, exibida pela Rede Globo em 2014, foi responsável por ações ativistas na internet contra a homofobia e pelo tratamento igualitário dos homossexuais. Partimos da ideia de que os seres humanos são dotados da capacidade de criar narrativas-de-si e do mundo, denominada de voz. Entretanto, ter voz não é suficiente, é necessário que o indivíduo seja capaz de operacionalizá-la e seja valorizado por isso. Contudo, a influência do neoliberalismo na política, economia e conseqüentemente nas relações sociais impede o desenvolvimento pleno da voz. O ativismo surge então como uma forma de manifestação contrária ao silenciamento das vozes, que quando combinado com a internet e práticas da cultura de fãs tem seu potencial amplificado. As narrativas do Fandom Clarina foram analisadas a partir do *blog Boteco Clarina* e do perfil do *Twitter @viaclarina*.

Palavras-chave: Cultura de fãs; voz; ativismo na internet; lésbicas.

ABSTRACT

The purpose of this project is to articulate the concepts of voice (COULDRY, 2010), internet activism and fan culture (JENKINKS, 2015) using the narratives of the Clarina Fandom. The fan group of the lesbian couple Clara and Marina, from the soap opera *Em Família*, broadcasted in Rede Globo in 2014, was responsible for internet activist actions against homophobia and in defense of the equality in the same-sex relations. We begin from the idea that humans are capable to create narratives-of-themselves and from the world, nominated voice. Yet, having a voice is not enough, it's necessary to the individual to be able to operationalize it and be valuable because of it. However, the influence of neoliberalism on politics, economics and, consequently, on social relations hinders the full development of the voice. In that way, activism emerges as a form of manifestation contrary to the silencing of voices, and when it's combined with the internet and the fan culture practices, it's potential rises. The narratives of the Clarina Fandom were analyzed from the Boteco Clarina blog and the Twitter profile @viaclarina.

Keywords: Fan culture; voice; internet activism; lesbians

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Giovanna Antonelli e Tainá Müller em foto de divulgação de Em Família.....	18
Figura 2 - Banner de divulgação de Twitaço.....	66
Figura 3 - TAG do Fandom Clarina nos Trending Topics.....	67
Figura 4 - Mapa da abrangência da base de fãs Clarina.....	68
Figura 5 - Clara e Marina passeiam no shopping.....	70
Figura 6 - Meme V de Vingança.....	71
Figura 7 - Dilma Rousseff defende Clarina.....	80
Figura 8 - Foto de divulgação de Seu Benjamin e sua cadela.....	83
Figura 9 - Clarina não tem química e sim a tabela periódica inteira.....	84
Figura 10 - Kit de sobrevivência Clarina.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. VOZ, FÃS E INTERNET:RECONFIGURAÇÕES DA VIDA PÚBLICA.....	14
2.1 Crise de Voz.....	19
2.2 Internet e participação política.....	21
2.3 Cultura de fãs.....	25
2.3.1 Práticas de fãs.....	27
2.4 Pertencimento, participação e telenovelas.....	29
2.5 Comportamentos e perfil do Fandom Clarina.....	35
3. PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS: O PRECONCEITO CONTRA LÉSBICAS E O ATIVISMO HOMOSSEXUAL.....	41
3.1 Lesbianismo: amor sáfico e invisibilidade.....	41
3.2 Afinal de contas, o que é ser lésbica?.....	44
3.3 Mulheres e homossexualidade.....	45
3.4 Preconceito contra lésbicas.....	49
3.5 Movimento LGBT sai do armário.....	52
3.6 Movimento LGBT no Brasil.....	55
3.7 Ativismo e Internet.....	59
3.7.1 Mobilização Mediada do Fandom Clarina.....	62
3.7.2 Interferência Cultural do Fandom Clarina.....	69
4. ROMPENDO O SILÊNCIO: CONSTRUÇÃO E VALORIZAÇÃO DA VOZ.....	72
4.1 Voz como processo.....	72
4.2 Voz como valor.....	76
4.2.1 Humor.....	78
4.2.1.1 Hipérbole.....	81
4.2.1.2 Neologismo.....	83
4.2.1.3 Metáfora.....	84
4.2.1.4 Ironia.....	86
4.2.2 Então, a voz importa.....	87
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91

REFERÊNCIAS	94
--------------------------	----

ANEXOS	102
---------------------	-----

Anexo 1 – Boteco Clarina “E se Clarina fossem as protagonistas de Em Família?”.....	102
Anexo 2 – Boteco Clarina “O Laudo: Aqui jaz o Fandom Clarina”.....	104
Anexo 3 – Boteco Clarina “O Laudo: Eu acho é pouco”.....	109
Anexo 4 - Boteco Clarina “[Utilidade Clarina] Campanha apoio a Clarina”.....	113
Anexo 5 – Boteco Clarina “[Utilidade Clarina Mutirão Somos Todos Fandom Clarina]”.....	117
Anexo 6 - Boteco Clarina “Família Brasileira é o Fandom (sqn)”.....	121
Anexo 7 - Boteco Clarina “[Utilidade Clarina] Mutirão Somos Todos Fandom Clarina II”.....	123
Anexo 8 - Boteco Clarina “[Utilidade Clarina] #ChutaOBaldeClara”.....	125
Anexo 9 - Boteco Clarina “O Laudo: O dia que baixou o Seu Benjamin no Fandom Clarina”.....	126
Anexo 10 - Boteco Clarina “[Utilidade Clarina] Passe a Palavra.....	129
Anexo 11 - Boteco Clarina “[Utilidade Clarina] Queremos beijoS Clarina.....	130
Anexo 12 – Boteco Clarina “Notícias: Vai ter Copa sim”.....	131
Anexo 13 - Boteco Clarina “O Laudo: Valeu, foi bom, adeus!”.....	135

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre fãs ainda são recentes no Brasil e, portanto, tivemos certa dificuldade em encontrar bibliografia nacional, especialmente a partir de uma ótica que fugisse do sentido literal da palavra fã: fanático. Henry Jenkins (2009; 2012, 2014; 2015) surgiu como um grande farol, pois sua concepção ultrapassa a comum sobre os fãs, tratados como seres sem qualquer senso crítico, e os considera como “saqueadores da cultura de massas”. Exatamente porque a cultura de fãs está ancorada na participação, criatividade, transgressão e solidariedade, pois ao se frustrarem com as obras originais, os fãs criam novas a partir das suas necessidades, interesses e visão de mundo.

É notável que isso aconteça em tempos de grave crise de participação política dos cidadãos nos espaços públicos. Nick Couldry (2010) considera a realidade como fruto do sistemático silenciamento das vozes. O conceito de voz é trabalhado pelo autor como a capacidade humana de criar narrativas-de-si e do mundo. A obstrução da voz acontece pela implantação de políticas neoliberais, responsáveis por colocar os interesses econômicos da classe dominante acima das necessidades, mesmo as mais básicas, da população. Desse modo, as narrativas produzidas pelos cidadãos comuns são simplesmente ignoradas, trazendo consequências graves para a formatação da realidade, bem como à subjetividade dos próprios sujeitos. Quando tratamos de uma minoria social, o processo é ainda mais agressivo. O ativismo surge exatamente como a luta para emergir e reconhecer essas vozes. A concepção de ativismo adotada é a de organização coletiva de ações transgressoras, enquadradas politicamente como de esquerda, geradoras de solidariedade, que não possuem como horizonte a transformação radical da sociedade capitalista. Com o surgimento da internet, as configurações dessas ações coletivas foram alteradas, assim como a cultura de fãs. Os antigos fã-clubes tomaram outra forma, adotaram uma dinâmica diferenciada e passaram a se chamar de fandom, uma abreviação de *fan kingdom* (reino de fãs).

Em geral, a cultura de fãs é voltada ao entretenimento, com ativismo ligado ao consumo de produtos culturais, como a mobilização contra o cancelamento de uma série de televisão. O Fandom Clarina, no entanto, chamou a atenção por atuar também no campo do ativismo que visa a mudança da realidade social. Seu nome vem da junção dos nomes Clara e Marina, uma prática fã chamada de *shipping*¹. Clarina é uma referência às personagens da telenovela *Em Família*, exibida pela Rede Globo em 2014. Durante o período de veiculação

¹ A palavra é uma abreviação de *relationship* (relacionamento). Uma forma de envolvimento emocional dos fãs em geral com um casal em que há o desejo do relacionamento.

da trama, os fãs realizaram diversas ações coletivas para que Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller) concretizassem um relacionamento lésbico. O Fandom acreditava que a luta pela representação positiva do amor entre mulheres era importante para o combate à homofobia no Brasil.

Apesar de se tratar especificamente do preconceito contra lésbicas, o Fandom Clarina não utiliza com frequência o termo lesbofobia. Consideramos que a opção do grupo de fãs tenha sido uma forma de abranger a luta contra a discriminação de todas os LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero). Portanto, no decorrer do trabalho seguiremos a perspectiva adotada pelo grupo de fãs. Ainda no que se refere à utilização de terminologias, designaremos por vezes homossexuais e o movimento homossexual de LGBT e movimento LGBT respectivamente, inclusive em momentos antes da criação da sigla nos anos de 1990. O mesmo vale para o uso de homofobia em contextos anteriores à década de 1970, quando a terminologia foi convencionada. Outra ressalva diz respeito à linguagem deste trabalho. Posto que discutiremos assuntos como invisibilidade lésbica e que a língua portuguesa, em sua forma culta usual, dificulta a visibilidade das mulheres, a contradição fica colocada. Contudo, como não conseguimos contornar o problema sem que o texto ficasse carregado, preferimos alertar o leitor desde já.

Diante do apresentado, nosso objetivo central foi estabelecer um diálogo entre cultura de fãs, ativismo na internet e o processo de construção e valorização da voz (COULDRY, 2010) a partir das narrativas do Fandom Clarina. Antes mesmo de formatada a concepção do trabalho, no segundo semestre de 2014 realizamos a identificação dos espaços de organização e realização de ações ativistas do Fandom Clarina. O blog ²*Boteco Clarina*, criado pela fã Bruna Cezário, e o perfil do *Twitter* ³*@viaclarina*, criado pela fã Pepé, foram considerados como os mais relevantes por manterem um amplo diálogo com o grupo de fãs, além de possuírem claramente o reconhecimento do Fandom, já que as ações discutidas eram colocadas em prática.

Inicialmente arquivamos todas as publicações do *Boteco Clarina*. Por conta da efemeridade da cultura de fãs, tínhamos a preocupação com a retirada do conteúdo do ar. Desse modo, coletamos 395 *posts* com data de publicação entre 1 de abril a 15 de setembro de 2014. Devido a instantaneidade do *Twitter* e maior dificuldade na coleta, foi possível arquivar 843

² Site que permite a fácil criação e atualização. Os blogs também são conhecidos como uma espécie de diário online.

³ Rede social criada em 2008 em formato de microblog na qual o usuário pode utilizar até 140 caracteres em cada postagem, denominada *tweet*. É popular no meio jornalístico como fonte de pauta.

imagens publicadas pelo @viaclarina de 5 de junho a 10 de julho de 2014.

No *Boteco Clarina* escolhemos utilizar duas editorias: a) By Boteco: debate de fatos marcantes de *Em Família*, avaliações acerca do Fandom e planejamento de ações ativistas. Priorizamos o uso das publicações da editoria que possuíam o prefixo “O Laudo” e “[Utilidade Clarina]”; b) Notícias: discussão sobre acontecimentos futuros de *Em Família*, criação de histórias por fãs (*fanfic*) e avaliação da atuação do Fandom. Também levamos em consideração os comentários de fãs das editorias citadas. Com o @viaclarina optamos pelos *banners*⁴ com orientações para os protestos no *Twitter*⁵ e seus resultados, além dos *memes*⁶.

No capítulo dois discutimos os estereótipos negativos dos fãs e como a internet influenciou a cultura de fãs, com foco na organização dos fandoms. Por estarem ligados, em geral, com o entretenimento, abordamos a diferença das ações coletivas do Fandom Clarina com o ativismo de consumo (JENKINKS, 2009). O conceito de voz foi apresentado a partir das relações com o ativismo: a crise de voz contemporânea (COULDRY, 2010). As reconfigurações da participação política com o advento da internet foram debatidas em paralelo com características da cultura de fãs, como a participação. Para análise do perfil e comportamento do Fandom Clarina, tratamos de práticas de fãs (DUFFETT, 2013), sentimento de pertencimento, espaço ocupado pelas telenovelas e a representação lésbicas nesses produtos televisivos.

Na sequência, recuperamos algumas menções relevantes sobre lesbianismo na História, a origem dessa terminologia e o silêncio causado pela invisibilidade das mulheres homossexuais. Discutimos aspectos para a definição do “ser lésbica”, que para nós está além de uma determinada prática sexual. Partimos então para o debate sobre as raízes do preconceito contra homossexuais e da dupla discriminação sofrida pelas lésbicas: de gênero e sexual. A partir de Daniel Borillo (2010), elencamos aspectos da homofobia, bem como suas classificações, inclusive as específicas, onde se enquadra a lesbofobia. Após esclarecidas as causas para discriminação, abordamos a organização dessa minoria social contra essa realidade. Os primeiros passos do movimento LGBT internacional e suas influências para a mobilização no Brasil. Ressaltamos a organização lésbica por meio dos seus principais grupos e lutas de relevância. Chegamos à contemporaneidade por meio do ativismo na internet, com

⁴ Mensagens curtas veiculadas na internet, em geral publicitárias, no formato de imagem.

⁵ Os protestos no Twitter ficaram conhecidos no Brasil como twitaços e consistem em levar uma determinada mensagem (hashtag) ao ranking dos assuntos mais comentados da rede social. O objetivo de quem organiza esses protestos é ganhar visibilidade.

⁶ A utilização convencional do termo refere-se a imagens normalmente carregadas de humor, sarcasmo ou ironia amplamente veiculadas na internet.

suas características e gêneros (LIMA, 2013; 2014). O Fandom Clarina foi contextualizado nesse novo cenário de ações virtuais e teve suas ações ativistas analisadas a partir da mobilização mediada e interferência cultural (LIMA, 2014).

No capítulo quatro retornamos ao debate iniciado no capítulo dois sobre voz (COULDRY, 2010). As narrativas foram apresentadas como elementos fundamentais para nos considerarmos seres humanos. Portanto, a obstrução sistemática da voz (crise de voz) traz consequências para a vida material, assim como para a subjetividade dos sujeitos, especialmente das minorias sociais. A voz foi abordada nos níveis de processo e valor. O primeiro trata dos elementos de construção das narrativas-de-si e do mundo, tendo em vista que ter sob seu próprio controle as condições para contar uma história faz parte do processo político (COULDRY, 2010). Narrativas ativistas do Fandom Clarina foram examinadas a partir das condições, definidas por Nick Couldry, para o estabelecimento da voz: socialmente enraizada, agenciamento reflexivo, processo adquirido, forma material e práticas que podem minar vozes. A voz como valor trouxe a reflexão sobre a necessidade de considerar as narrativas individuais como socialmente relevantes. Para isso abordamos os conceitos relacionais de liberdade e reconhecimento. Apresentamos a principal estratégia narrativa do Fandom Clarina para a valorização da sua voz, bem como seus respectivos recursos narrativos. Elencamos aspectos convergentes entre a construção e valorização da voz, cultura de fãs e o ativismo. Por fim, em busca da maior imersão do leitor ao Fandom Clarina, incluímos nos anexos todas as publicações do Blog Boteco Clarina citadas ao longo dos capítulos.

2. VOZ, FÃS E INTERNET: RECONFIGURAÇÕES DA VIDA PÚBLICA

Dizer ser fã de algum artista, banda, série de televisão ou escritor é um tipo de prática bastante popular atualmente, não só entre o público jovem. No que se refere à etimologia da palavra, fã é uma abreviação de *fanatic* (fanático), que possui raiz no latim *fanaticus*. Em seu sentido mais antigo, *fanaticus* não possuía conotação negativa. Era a palavra utilizada para designar aqueles que pertenciam, serviam ou eram devotos a algum templo (JENKINS, 2015). No entanto, com o passar do tempo, foram incorporadas uma série de noções negativas.

O termo *fanatic* passou de referência a certos excessos na crença e reverência religiosa a qualquer “entusiasmo excessivo ou enganado”, geralmente levantado em crítica a crenças políticas de oposição, e depois, de forma mais geral, a insanidades, “tais como as decorrentes de possessão por divindade ou demônio” (JENKINS, 2015, p. 31, *aspas no original*).

Apesar do vínculo com os excessos, inclusive ligados a forças sobrenaturais, os relatos de Jenkins (2015) apontam que a palavra *fan* era utilizada de forma bem-humorada e ácida pelos jornalistas estadunidenses para tratar dos seguidores de times profissionais, ao final do século XIX, durante o processo de transformação dos esportes em espetáculos de massa.

Tão logo tornou-se popular, a expressão passou a englobar todos os devotos do entretenimento. A invenção da televisão e seu sucesso pelo mundo em meados do século XX, criou um enorme número de fãs de programas televisivos. Para a Teoria Crítica (Escola de Frankfurt), marco das discussões sobre indústria cultural e cultura de massa, os fãs são considerados como seres alienados, sem capacidade de discernimento ou crítica da realidade.

A influência deste pensamento, somada ao tratamento dos fãs como algo exótico, inusitado, fora do comum pela própria televisão, contribuiu para consolidação de estereótipos negativos. Henry Jenkins (2015, p. 30) elenca uma série de construções acerca das representações sociais dos fãs de programas televisivos: a) Consumidores compulsivos de produtos ligados de qualquer forma ao seu programa favorito; b) Dedicção fiel e exacerbada a conhecimentos considerados inúteis pela sociedade; c) Apreciadores de produtos culturais indignos; d) Aficionados que possuem dificuldades para integrar-se socialmente, gerando supressão de experiências sociais; e) Pessoas infantilizadas, sem maturidade emocional e intelectual, que não conseguem discernir a realidade; f) Feminilizados ou assexuados.

Há ainda diferenças na construção da imagem de fãs de acordo com o objeto de dedicação e ao gênero. Fãs de esportes, que de forma genérica são homens, possuem um *status* bastante diferente em relação aos apreciadores de programas de TV. Por se tratar de uma devoção ligada a espetáculos não-ficcionais e ditos como masculinos, a prática fã é naturalizada e conseqüentemente mais afastada dos estereótipos negativos. No Brasil, é

bastante comum que pais comprem aos filhos recém-nascidos roupas e acessórios de todo tipo do time de futebol preferido. Bares inteiros são decorados tematicamente e frequentados pelos fãs de determinada equipe. Os torcedores são considerados viris e a prática fã do futebol é tomada como parte da identidade do brasileiro⁷.

Fãs de televisão, por outro lado, ocupam posição abaixo nessa hierarquia, independente do gênero. Os fãs homens ocupam o espaço do cômico, do psicótico, que não possuem interesse em questões sexuais. Já as fãs mulheres são erotizadas, histéricas, hiper emotivas e dispostas a inclusive se submeterem sexualmente aos homens por quem são dedicadas. Para Jenkins (2015), essa diferenciação está diretamente ligada ao machismo que constrói uma representação feminina:

Essas mulheres não só são incapazes de manter distanciamento crítico da imagem, elas querem tomá-la para dentro de si, obter 'intimidade total'. Ainda assim, essas representações fazem o processo dar mais um passo: a espectadora feminina em si vira espetáculo erótico para espectadores machos comuns, enquanto sua renúncia a qualquer distanciamento da imagem vira um convite para as fantasias eróticas de quem assiste (JENKINS, 2015, p. 34).

Alguns fatos certamente dificultam o fim das representações negativas de fãs, tanto das femininas, quanto das masculinas. Os Beatles foram o maior fenômeno musical da década de 1960. Com seus cabelos compridos, visual moderno e som inconfundível, tornaram-se uma das maiores bandas de rock de todos os tempos. Bateram recordes impressionantes como a venda de mais de um bilhão de discos e cassetes, em 1964 tiveram cinco canções no topo da tabela *top 100* da *Billboard*, um dos *rankings* de música mais importantes dos Estados Unidos da América. Depois do fim da banda em 1970, um dos seus integrantes, John Lennon, continuou a carreira solo. O sucesso seguiu e os fãs permaneceram fiéis aos Beatles, mesmo separados. A trajetória de Lennon, entretanto, teve seus dias contados. Em 8 de dezembro de 1980, Mark Chapman, fã do ex-Beatles, invadiu o Edifício Dakota, em Nova York, disparou quatro tiros à queima-roupa e matou John Lennon.

A cantora pop estadunidense Beyoncé já recebeu cartas ameaçadoras de um fã que tinha absoluta certeza que ela estava morta e uma usurpadora ocupava seu lugar. Em 2014, um fã invadiu a residência da atriz norte americana Sandra Bullock com uma metralhadora para ficar próximo à sua diva. Celebidades brasileiras também passam por esse tipo de situação. Em

⁷ Segundo Luiz Carlos Ribeiro (2003), o futebol é um dos patrimônios culturais dos brasileiros. A situação se deve ao fato de que o futebol teve um papel importante na “construção da identidade nacional brasileira, na medida em que foi se transformando numa 'paixão nacional', compondo de maneira significativa o mosaico da cultura política nacional”.

março de 2016, a apresentadora e modelo, Ana Hickmann, sofreu um atentado em Belo Horizonte. Rodrigo Augusto de Pádua sofria com o não retorno da famosa nas redes sociais, com quem pensava ter um relacionamento e tentou acabar com a vida dela.

Contudo, seria precipitado e até mesmo equivocado classificar os fãs de forma pejorativa. Apesar de certos excessos cometidos por alguns, há muito mais por trás desta cultura do que os estereótipos apontados. Jenkins (2009; 2015) defende uma visão alternativa dos fãs, como possuidores de uma cultura extremamente rica e participativa. A compreensão é de leitores da cultura de massa que consomem determinado produto, interpretam e criam algo novo a partir dos seus próprios interesses, inclusive dando voz a parcelas da população que não são ouvidas pela mídia dominante.

Sem abalar-se com autoridades ou com competência institucional, os fãs afirmam seu direito de formular interpretações, propor críticas e construir cânones culturais. Sem intimidar-se com as concepções tradicionais de propriedade literária e intelectual, os fãs **saqueiam a cultura de massas**, reclamando seus materiais para uso próprio, reelaborando-os como base para suas próprias criações culturais e interações sociais. Os fãs parecem borrar as fronteiras entre fato e ficção, falando de personagens como se tivessem uma existência à parte de suas manifestações textuais, adentrando o reino da ficção como se fosse um lugar tangível que podem habitar e explorar. A cultura do fã posiciona-se como um desafio aberto à 'naturalidade' e desejabilidade das hierarquias culturais dominantes, uma recusa à autoridade autoral e violação da propriedade intelectual (JENKINS, 2015, p. 37, grifo do autor).

Para Henry Jenkins (2009; 2015) a relação entre fãs e cultura de massa é extremamente contraditória, pois ao mesmo tempo em que o fascínio se desenvolve, surge também a frustração com a obra. Os fãs em geral não se satisfazem plenamente com as histórias elaboradas, falta exploração do potencial máximo das narrativas, aprimoração de personagens secundários e outras infinitas formas de intervenção. Mesmo sendo parte importante da audiência dos produtos consumidos, “falta aos fãs acesso direto aos meios de produção cultural comercial e restam-lhes apenas mínimos recursos com os quais influenciar as decisões da indústria do entretenimento” (JENKINS, 2015, p. 45).

Apesar da proposta de ruptura da visão corriqueira dos fãs, não é possível desconsiderar que nem todas as elaborações de fãs possuem tal espírito de resistência e originalidade. Também não é possível afirmar que todas as propostas sejam ligadas a uma perspectiva política progressista, pois a comunidade fã, assim como a sociedade, não é homogênea. Contudo, para os fins deste estudo, consideramos que a cultura de fãs tem se mostrado um espaço com características positivas no que diz respeito à participação dos seus integrantes na vida pública da comunidade. Enquanto estudiosos contemporâneos investigam o declínio vertiginoso do interesse da população em participar de forma efetiva da discussão de assuntos públicos e do

engajamento político, os fãs apontam para uma outra direção. A cultura de fãs é ancorada fundamentalmente no debate e na participação da comunidade, mesmo antes da era digital.

Com o surgimento da internet, essa realidade foi ampliada e ganhou complexidade global. A internet modificou profundamente a cultura de fãs. Ao contrário do que acontecia décadas atrás, os fãs-clubes não necessitam de um local físico para encontro, nem de reuniões presenciais para discussão sobre determinado assunto ou atividade, também não se faz necessário participar de grandes convenções para encontrar fãs de outra localidade. O mundo virtual permitiu a associação voluntária por assuntos comuns em qualquer canto do planeta, desde o tema mais popular ao mais desconhecido.

Esse novo tipo de configuração, é conhecido como fandom, uma abreviação da expressão em inglês *fan kingdom* (reino de fãs). Entre suas principais características estão o compartilhamento de sentimentos e interesses em comum, crítica, produção de conteúdo, cooperação e solidariedade.

O termo surge ainda em 1990, referindo-se à transformação de produtos da cultura de massa em um produto exclusivo da subcultura de fãs, devido às suas reapropriações, as quais aconteciam como uma consequência do seu sistema organizacional ainda antes da internet, mas que apenas com o auxílio dessa, suas ações ganharam maior notoriedade (MASCARENHAS; TAVARES, 2010, p.3).

O que acontece, contudo, quando um fandom ultrapassa as fronteiras do entretenimento e passa a atuar como ativista? Importante ressaltar que o ativismo compreendido aqui não se trata da luta contra o cancelamento de um programa, pela agilidade na publicação do próximo livro de um determinado autor ou divulgação antecipada de um novo CD. O sentido defendido é o de “ações coletivas que produzem transgressão e solidariedade” (JORDAN, 2002 *apud* ASSIS, 2006, p. 13). Henry Jenkins (2012) defende um conceito mais específico para o ativismo produzido por fãs.

Fã-ativismo refere-se às formas de engajamento cívico e participação política que emergem de dentro da própria cultura de fãs. Muitas vezes em resposta aos interesses comuns, outras realizadas por meio da infraestrutura das práticas existentes e relacionamentos, ou mesmo enquadrada através de metáforas extraídas da cultura popular e participativa. Descrevo como "cívicos" essas práticas que são projetadas para melhorar a qualidade de vida e fortalecer os laços sociais dentro de uma comunidade, seja definida em termos geograficamente locais ou dispersas (JENKINS, 2012, tradução nossa).

O Fandom Clarina é um exemplo desse comportamento ativista. Seu nome é originado do *shipping* de Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller), personagens da telenovela

Em Família, exibida no horário nobre da Rede Globo em 2014. A partir do início da trama, fãs iniciaram as discussões sobre o possível casal lésbico, anunciado como um dos assuntos a ser tratado pela novela. Durante o período de exibição da telenovela, de 3 de fevereiro a 18 de julho de 2014, o fandom realizou protestos virtuais para pressionar a Rede Globo a efetivar o casal lésbico, denunciar a homofobia e defender o tratamento igualitário dos LGBT brasileiros. As ações consistiam, por exemplo, em colocar *hashtags*⁸(TAG) nos *Trending Topics*⁹(TT) do *Twitter* (conhecidos no Brasil como Twitaços), mensagens para o Fale Conosco da Globo, campanhas de fotos nas redes sociais, agendamento da mídia e envio de e-mails para o autor da novela Manoel Carlos.



Figura 1: Giovanna Antonelli e Tainá Müller em foto de divulgação de *Em Família*

Para além do “ativismo de consumo” (JENKINS, 2009), o qual os fãs se engajam com personagens ou roteiros, o fandom associou o *shipp* Clarina à luta por representação, o objetivo de fazer com que os produtores atendessem às suas reivindicações sobre o destino de visibilidade lésbica na televisão brasileira e contra a homofobia. Portanto, ultrapassou as práticas corriqueiras do universo fã para o emprego de forças em um processo de contribuição para a transformação social.

A ideia geral ligada ao ativismo é o fazer ouvir a sua voz, considerada como opinião, posicionamento político, em relação a uma determinada situação avaliada como necessitada de algum tipo de mudança. Nick Couldry (2010) associa os principais problemas do mundo contemporâneo às desigualdades de possibilidade de expressão da população sobre pensamentos, interesses, ideias e anseios. O autor defende que faz parte da nossa essência narrar, contar histórias, refletir acerca de si e do outro. “Tratar as pessoas como se elas não

⁸ São palavras-chave usadas nas redes sociais para categorizar publicações. No Twitter é comum o uso do símbolo jogo da velha antes do texto. Um exemplo de hashtag do Fandom Clarina é #GloboHomofóbica.

⁹ É o ranking dos assuntos mais comentados do momento no Twitter. A listagem pode ser configurada para visualização por cidade, estado, país e mundo. O Fandom Clarina apresentou resultados relevantes sempre nas categorias Brasil e Mundo.

tivessem essa capacidade, é tratá-las como se não fossem humanas” (COULDRY, 2010, p.1, tradução nossa). Voz significa mais do que o som pelo qual nos comunicamos ou o sentido comum de opinião. Voz é essa capacidade de criar narrativas de si e do mundo. Todavia, construir narrativas não é suficiente. É preciso que controlemos suas formas de operacionalização e que elas sejam valorizadas. O principal obstáculo para que a proposta seja colocada em prática, de acordo com Couldry, é o neoliberalismo, ideias políticas e econômicas capitalistas surgidas na década de 1970, para proporcionar o desenvolvimento econômico e social dos países.

Um governo neoliberal defende privatizações, incentivo à entrada de empresas multinacionais, redução do Estado, fortalecimento das empresas privadas, flexibilização das leis e relações de trabalho. Significa dizer que são medidas criadas para beneficiarem o mercado e conseqüentemente os grandes capitalistas à custa dos trabalhadores.

O funcionamento do mercado não exige a troca de narrativas incorporadas entre agentes reflexivos, mas a voz sim. A voz em nosso sentido é o que os economistas chamariam de uma externalidade do funcionamento do mercado. Isso se torna um problema quando, o principal defensor do neoliberalismo Milton Friedman, argumenta que os mercados são o melhor (na verdade, o único bom) modelo de organização social e política (COULDRY, 2010, p. 11-12, tradução nossa).

Portanto, o neoliberalismo assume que a voz não importa. A liberdade defendida não é a da livre expressão do povo, mas do mercado. Não levar em conta o que a sociedade pensa e deseja afasta a população da vida pública. Nega a possibilidade de intervir na construção das políticas públicas, sociais e econômicas. A situação em que vivemos é considerada pelo autor como uma crise contemporânea de voz.

2.1 Crise de voz

O conjunto das medidas políticas e econômicas constituintes do neoliberalismo defendem a ideia de dividir - no sentido contrário à organização - os sujeitos para mantê-los sob controle. O poder econômico, bem como seus representantes, por vezes legitimados como lideranças do Estado, não admite qualquer movimentação do povo que coloque em risco o projeto político dominante em exercício. Ao mesmo tempo, não valoriza as especificidades dos cidadãos ou mesmo suas necessidades mais básicas, desde as condições necessárias para a sobrevivência digna, até a produção das narrativas de vida e seu reconhecimento como importantes para uma sociedade democrática.

No livro *Por que a voz importa?* (tradução nossa), Couldry (2010) classifica este problema como uma crise de voz contemporânea, fator considerado responsável pelo gradual afastamento da esfera civil dos assuntos de interesse comum e da participação pública. Lima (2012) concorda com a existência da situação citada e destaca o papel da voz para a superação

dos problemas vividos na atualidade.

O indivíduo precisa saber que sua voz interessa, na verdade, a oferta de voz eficaz é crucial para a legitimidade das democracias modernas; e mesmo o lado econômico e cultural da vida tem oferecido voz de diversas maneiras. No entanto, temos fomentado usos que favorecem modos de organizar as coisas da vida cotidiana de maneiras que ignoram a voz, que assumem que ela não importa (LIMA, 2012, p.1-2).

Couldry afirma que o neoliberalismo está enfraquecido por essas razões. O autor justifica o problema pela incapacidade de os neoliberais perceberem que as pessoas podem dar conta-de-si e pensar nelas para além do lucro. Defende ainda que com o domínio da operacionalização da voz e sua valorização será possível a criação de democracias mais justas e participativas (LIMA, 2012).

A “voz” é apresentada aqui como um termo de ligação que rompe da visão do neoliberalismo, da economia e da vida econômica. Contesta a alegação do neoliberalismo que sua visão da política, de como funciona o mercado, supera todas as outras, o que nos permite construir uma visão alternativa da política que é, pelo menos parcialmente, orientada a processos de valorização da voz, e inclui dentro dessa visão de política, o reconhecimento das capacidades das pessoas para a cooperação social baseada na voz (COULDRY, 2010, p. 2. tradução nossa).

Para os que consideram exagerado falar acerca de uma crise de voz, o autor inglês traz no livro citado algumas situações práticas que ilustram o momento político. Em fevereiro de 2009, a Grã-Bretanha publicou um relatório sobre o ensino infantil, produzido pelo economista Richard Layard. O documento mostra que o sistema de ensino do país está mais focado nos interesses do governo e do mercado, do que na qualidade do processo educativo. Na tentativa de explicar a desigualdade de renda na educação das crianças, autores apontaram a falta de moral e o individualismo excessivo.

O problema do individualismo também aparece em outro relatório, desta vez da Fundação Joseph Rowntree, elaborado por meio de consulta popular de três mil entrevistados, como o principal problema da Grã-Bretanha. Couldry defende que o individualismo excessivo e os valores do mercado são legados do neoliberalismo. Para a geração de mudança deste quadro, é necessário pensar em valores alternativos, afrontar o neoliberalismo de modo que a democracia seja mais do que um formalismo.

A esperança radical repousa, Lear explica, em pelo menos três coisas: enfrentar a crise atual de forma tão aberta e evidentemente quanto possível; de frente para o desconhecimento das transformações que uma forma de vida atual será submetida; e encontrar algum princípio subjacente do passado que pode ser sustentado em um período futuro cuja característica ainda não pode ser prevista. Isso nos traz de volta ao status de voz como um segundo valor de ordem: a sua insistência de que, qualquer que sejam as transformações que as

estruturas sociais, políticas e econômicas sofram, nenhuma será aceitável a menos que elas sejam baseadas na valorização da capacidade dos indivíduos para dar relatos de si mesmos e das condições sob as quais eles vivem (COULDRY, 2010, p. 18).

Em vista das considerações apresentadas, não há como esquecer de uma dimensão importante para a tomada de força das vozes, as novas tecnologias da comunicação. Sem dúvidas, elas têm afetado a vida das pessoas e modificado a atuação política dos cidadãos nos debates públicos.

2.2 Internet e participação política

A ideia de esfera pública foi por muito tempo ligada a espaços físicos concretos. Praças, cafés, associações de moradores, assembleias sindicais eram locais nos quais os cidadãos trocavam informações sobre temas de interesse comum, impressões acerca de uma figura pública, socializavam opiniões, críticas e anseios. No entanto, com o decorrer do tempo, Habermas (1984) reformulou o conceito de maneira a integrar as transformações do sistema político e do Estado (MITRE; DOIMO; MAIA, 2003).

Antes de ingressarmos na discussão da nova concepção de esfera pública, é importante compreender o contexto econômico e social, especialmente no Brasil, o que nos leva à aplicação das políticas neoliberais, mencionadas anteriormente como motivadoras da crise contemporânea de voz.

Em 1956, Juscelino Kubitschek (JK) assumiu a presidência do Brasil e iniciou o seu famoso “plano de metas”, cujo lema era “cinquenta anos em cinco”. As orientações estavam situadas na produção de bens não duráveis pelo capital nacional e duráveis pelo internacional, já os bens de produção ficaram a cargo da indústria estatal.

O governo JK, além de ampliar a atividade do Estado na área econômica, defendia uma postura favorável à entrada de investimentos externos, oferecendo estímulos e facilidades. Estimulava o ingresso destes investimentos nos setores produtivos de bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos etc), atraindo empresas multinacionais. A política econômica de JK estava voltada para a consolidação da industrialização brasileira. Para tanto, o governo buscava congrega a iniciativa privada aliada ao capital e à tecnologia externa, com a intervenção do Estado, atuando como planejador, orientando os investimentos (NOVAES, 2008, p. 4)

A política aplicada gerou inflação e dívida externa, mas não foi rompida com o golpe militar de 1964. O momento econômico internacional favorável aos investimentos permitiu o crescimento do país nesse período, conhecido como “milagre brasileiro”. No entanto, com o

endividamento do Estado e o esgotamento do seu fôlego, os anos de 1970 foram marcados pela crise econômica, estendida à América Latina, nos países que também faziam uma política desenvolvimentista (NOVAES, 2008).

A dívida externa passou a ser um problema, especialmente com o aumento da taxa de juros e interrupção dos financiamentos internacionais devido a uma crise econômica mundial. As ideias neoliberais começam a ser difundidas pelo sistema financeiro internacional e logo alcançaram a América Latina nos anos de 1980 (NOVAES, 2008). Para que os países pudessem renegociar suas dívidas externas, Estados Unidos da América, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento impuseram a aplicação de políticas neoliberais durante o Consenso de Washington (1989) que defendia:

1. Ajuste fiscal: o Estado limita seus gastos à arrecadação, eliminando o déficit público.
2. Redução do tamanho do Estado: limitação da intervenção do Estado na economia e redefinição de seu papel, com o enxugamento da máquina pública.
3. Privatização: o Estado vende empresas que não se relacionam à atividade específica de regulamentar as regras sociais e econômicas e de implementar políticas sociais.
4. Abertura comercial: redução das alíquotas de importação. Estímulo ao intercâmbio comercial, de forma a ampliar as exportações e impulsionar o processo de globalização da economia.
5. Fim das restrições ao capital externo.
6. Abertura financeira: fim das restrições para que instituições financeiras internacionais possam atuar em igualdade de condição com as do país.
7. Redução da presença do Estado no seguimento.
8. Desregulamentação: Redução das regras governamentais para o funcionamento da economia.
8. Reestruturação do sistema previdenciário.
9. Investimento em infra-estrutura básica.
10. Fiscalização dos gastos públicos e fim das obras faraônicas (NOVAES, 2008, p. 7).

O Brasil foi o último país da América Latina a ceder ao neoliberalismo, não por falta de esforços da classe dominante, mas por conta da efervescência política daquele momento. Na contramão do que acontecia na América Latina, os brasileiros realizaram greves históricas na década de 1980 e conquistaram a Constituição Federal de 1988, que garantia direitos importantes para trabalhadoras e trabalhadores. No entanto, frações da burguesia brasileira, decididas a barrarem os avanços e a aplicarem de forma rápida e integral o projeto neoliberal, se agruparam na defesa das candidaturas à presidência da república de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, levando-os à vitória (FILGUEIRAS, 2006).

Os efeitos da política neoliberal foram nefastos para a população. Um alto índice de desemprego foi verificado na década de 1990 e junto com ele veio a desregulamentação do mercado de trabalho (FILGUEIRAS, 2006, p. 187). As contratações se tornaram mais instáveis, por vezes sem respeito às leis trabalhistas, a jornada de trabalho foi ampliada, direitos trabalhistas flexibilizados, além do aumento do trabalho informal (p. 188). A privatização em

massa das empresas públicas foi iniciada, fato que proporcionou o fortalecimento de grupos privados nacionais e estrangeiros “dando origem a oligopólios privados, redefinindo a força relativa dos diversos grupos econômicos e enfraquecendo grupos políticos regionais tradicionais; além de permitir demissões em massa e enfraquecer os sindicatos” (FILGUEIRAS, 2006, p. 194).

O neoliberalismo ampliou a concentração de renda, a desigualdade social e a precarização das relações de trabalho. O estudo *Concentração de renda num contexto de desenvolvimento tardio: a investigação das maiores receitas no Brasil, utilizando registros fiscais de 1933 – 2013* (tradução nossa), publicado em 2015, pelo economista Marc Morgan Milá, traz dados que comprovam essa ideia. Cerca de 1% dos mais ricos possuem 27% da renda total do Brasil. Os 10% mais abastardos da população concentram quase 70% dos recursos. Significa dizer que a forma de vida imposta à população, devido ao compromisso do Estado com interesses outros, que não os do bem-comum, é um fator importante a ser levado em consideração quando se trata da discussão atual de esfera pública e participação:

Os cidadãos de hoje, envolvidos em inúmeras atividades cotidianas “não-políticas” que consomem sua energia e tempo, precisam cada vez mais de esferas públicas abstratas (que prescindem da co-presença) para continuar manifestando suas opiniões e, desta maneira, controlar as ações do Estado. A realização destes atos de comunicação e de debate, que unem virtualmente indivíduos territorialmente distantes em torno de questões de seu interesse (Habermas, 1997), são um primeiro passo para influenciar, mesmo que indiretamente, nas tomadas de decisão (MITRE; DOIMO; MAIA, 2003, p.65).

Sem dúvidas, os meios de comunicação de massa atuam como espaços de grande importância para o debate público, no que se refere ao volume de exposição, disseminação e visibilidade (GOMES, 2008). Com a legalização e burocratização do sistema político e crescente afastamento da esfera civil do processo de tomada de decisões públicas, a experiência política em geral passou a se dar pelo ambiente midiático. Todavia, a própria estrutura e a constituição intrínseca de interesses privados em tais veículos fazem emergir outros problemas.

Jornais, rádio e televisão foram alvo de uma série de críticas acadêmicas que apontaram para a padronização de seu conteúdo, sua capacidade de manipulação (Adorno, 1977), seu funcionamento como vitrine de opiniões pré-fabricadas (Habermas, 1984) e o risco de adiarem as reflexões sobre a ética (Bucci, 2000). Como consequência, seu papel de fomentar o questionamento crítico da realidade e de atuar como porta-vozes dos interesses de diversos segmentos da sociedade foi colocado em questão (MITRE; DOIMO; MAIA, 2003, p. 65).

Nesse contexto de “esferas públicas abstratas” e crescente descontentamento com os efeitos gerados pela atuação dos meios tradicionais de comunicação de massa, a internet surge

como um raio de esperança na aproximação dos cidadãos da vida pública. Sua estrutura descentralizada permite a conexão de indivíduos em qualquer parte do planeta, troca de informações - inclusive as que não são publicadas pelas corporações de mídia – e interatividade.

Maia (2011) aponta que diversos autores defendem que a internet contribui para criar comunidades virtuais, aumentar redes de contato, relacionamento de pessoas por temas de interesse comum e de forma voluntária, além de facilitar a organização de ações coletivas. Gomes (2011) define três tipos de iniciativas digitais de relevância democrática: fortalecimento da cidadania, com a responsabilização de representantes políticos e transparência do Estado, bem como a participação civil; Defesa da organização da sociedade como Estado de Direito; ampliação da diversidade na esfera civil e instâncias de deliberação, de forma a oferecer maior oportunidade de influência e representação aos grupos minoritários. Sem esquecermos do potencial da liberdade de opinião e expressão. A internet também atuaria como uma “potencializadora e propulsora de uma inteligência coletiva, capaz de criar conteúdo e disseminar informações; e, ainda, como espaço livre para armazenamento de dados” (CAPONE, 2015, p. 22).

O otimismo, contudo, não é partilhado por todos os estudiosos do tema. Maia (2011, p.70) assinala alguns pontos considerados negativos da internet: a) afastamento das interações face a face, inclusive as próximas, como familiares e amigos; b) utilização de tempo que poderia ser gasto em engajamento cívico; c) risco à confiança e tolerância, devido ao anonimato e criação de laços fracos; d) aumento do estresse e depressão, já que as relações e cobranças do trabalho passam a penetrar o domínio privado. Além disso, a participação política ficaria restrita aos que possuem acesso à internet e às novas tecnologias, deixando de lado o princípio da universalização do debate.

“Nem tanto ao céu, nem tanto ao mar”, já dizia o provérbio. É certo que a internet possui um enorme potencial no que diz respeito ao engajamento cívico dos cidadãos e debate político. No entanto, possui seus limites e deve ser analisada dentro de um contexto social, pois por si só não é suficiente para resolver os problemas da democracia. “A internet deve ser entendida de modo integrado ao conjunto da vida suplementando as interações face a face e o uso de outras tecnologias de comunicação mais tradicionais” (MAIA, 2011, p. 71).

Retomando fatos históricos, Wilson Gomes vai mais adiante na crítica ao papel da internet. “Se o sindicalismo, desde o século XIX, e, por fim, as revoluções proletárias do século XX, não conseguiram impedir que o modelo das democracias representativas fosse historicamente vencedor, não será a internet a modificar o estado das coisas” (GOMES, 2011, p. 24). O autor diferencia ainda ações de usuários na rede de práticas políticas. Buscar notícias

sobre eleições, problemas sociais, acompanhar *blogs* de movimentos sociais ou assistir um vídeo sobre causas do desemprego no *Youtube* não pode ser considerado como participação política (GOMES, 2011, p.37). Isso se daria apenas no processo ativo de engajamento, através de construção de campanha online contra o desmatamento ou violação dos direitos humanos, debate em fórum eletrônico sobre a gestão orçamentária de um município, da escola que estuda e instituições afins, por exemplo.

Estudos continuam a demonstrar que, genericamente tomados, os usuários de internet não são lá grandemente interessados em participação política. Mais que isso: confirmam ainda que nem sequer estão particularmente interessados em política, em bases normais. Mas há sólida documentação de que esses usuários podem participar da política de modo extremamente relevante em algumas circunstâncias específicas (...). Tudo o que se pode fazer, acredito, é criar os meios de participação, oferecer oportunidades para que estes meios possam ser usados e esperar que características incluídas nas oportunidades (constrangimentos ou recompensas) sejam suficientes para motivar a participação (GOMES, 2011, p. 39 – 41).

Enquanto a falta de engajamento dos cidadãos se configura como um problema contemporâneo, grupos de fãs fazem o percurso reverso. Saem cada vez mais do estigma de segmento marginalizado para reivindicar espaço, visibilidade e participação efetiva, inclusive nas tomadas de decisão, de assuntos ligados à cultura de massa. Determinadas comunidades de fãs também assumem postura ativista, ultrapassando as fronteiras do entretenimento. No capítulo três trataremos com mais detalhes o ativismo realizado pelo Fandom Clarina.

2.3 Cultura de fãs

Em *Cultura da Convergência* (2009), Henry Jenkins questiona a passividade da sociedade no que se refere à relação com os meios de comunicação, por meio do estudo de grupos de fãs. Não há mais uma linha divisória clara entre produtores e consumidores, com regras pré-estabelecidas. A convergência midiática tem um papel importante nesse processo, pois força as empresas a repensarem suas práticas de acordo com a realidade de conexão social entre consumidores, internet e novas tecnologias.

Convergência é definida como o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p.30). O autor alerta sobre a importância da diversificação dos canais de comunicação para conseqüente pluralidade de vozes a serem transmitidas.

Embora algumas vozes tenham mais proeminência que outras, nenhuma voz fala sozinha com autoridade inquestionável. A nova mídia opera sob

princípios diferentes daqueles que regiam a mídia de radiodifusão que dominou a política americana por tanto tempo: acesso, participação, reciprocidade e comunicação ponto a ponto, em vez de um para muitos. Em vista desses princípios, podemos antever que a democracia digital será descentralizada, dispersada de forma desigual, profundamente contraditória e vagarosa em seu surgimento. Essas forças tendem a surgir primeiro em formas culturais – um senso de comunidade diferente, uma sensação maior de participação, menos dependência de expertise oficial e maior confiança na solução coletiva de problemas (JENKINS, 2009, p. 298).

Desse modo, a convergência contribui na criação de novas formas de participação e colaboração. O público tem exigido o direito de se integrar à cultura, da forma como entende ser melhor, e o respeito às suas condições para isso.

Jenkins (2009) faz uso de uma expressão de W. Lance Bennet, “paradigma da juventude desengajada”, para situar o momento de afastamento dos jovens do engajamento cívico tradicional e a troca pelo mundo da ficção, que não possui relação com a superação dos problemas reais. Apesar de reconhecer as dificuldades, o autor elenca fatores positivos que também fazem parte desse contexto de modificação das formas de participação e colaboração, como a cultura do conhecimento.

A nova cultura do conhecimento surge ao mesmo tempo em que nossos vínculos com antigas formas de comunidade social estão se rompendo, nosso arraigamento à geografia física está diminuindo, nossos laços com a família estendida, ou mesmo com a família nuclear, estão se desintegrando, e nossas alianças com Estados-nações estão sendo redefinidas. Entretanto, novas formas de comunidade estão surgindo: essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem mudar de um grupo a outro, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio da produção mútua e troca recíproca de conhecimento (JENKINS, 2009, p. 55).

A cultura do conhecimento está ligada ao que Pierre Lévy denomina como “inteligência coletiva”: “Ninguém sabe tudo, todo mundo sabe alguma coisa, todo conhecimento está na humanidade” (LÉVY, 2004, p. 19, tradução nossa). A referência engloba todas as formas de inteligência, inclusive as não oficiais. O autor defende os conhecimentos legitimados como uma parcela muito pequena dos ativos pela humanidade. A internet e as novas tecnologias contribuem positivamente para coordenar as interações no universo virtual de conhecimento e pode levar à mobilização efetiva de competências (LÉVY, 2004), estabelecendo um avanço positivo para a democracia e cidadania.

Os grupos de fãs estão, portanto, inseridos nessa complexa teia de participação, conectividade e compartilhamento de conhecimento. Para Jenkins (2009), as atividades dos fãs

não são “perda de tempo” e ele chama atenção para essa nova forma de organização - comprovadamente capaz de reunir um grande número de pessoas trabalhando coletivamente em prol de algo comum - pois esse potencial pode, quem sabe, ser utilizado no futuro em “coisas sérias”.

O fandom, de acordo com Jenkins, nasce do equilíbrio entre fascínio e frustração, pois “se a mídia não nos fascinasse, não haveria o desejo de envolvimento com ela; mas se ela não nos frustrasse de alguma forma, não haveria o impulso de reescreve-la e recriá-la” (JENKINS, 2009, p. 340). A ideia de consumir algo exatamente da forma estabelecida e regulada por conglomerados de mídia definitivamente não é apreciada pelos fãs. Os produtores tentam controlar o conteúdo cultural e os fãs lutam para construir sua própria cultura (JENKINS, 2009, p. 282).

Cunha (2007) acredita que fãs produzem uma “narrativa própria à volta do seu interesse que pode corresponder em parte à realidade, mas que é completada e preenchida por suposições e enredos que originam novas narrativas sobre o texto original” (p. 3). A criatividade é tomada como ilimitada, de forma a não se esgotar com a realidade dos fatos.

Neste cenário, três características do fandom são apontadas como importantes: discriminação, inclusão e divulgação. O primeiro termo refere-se à diferenciação entre quem faz parte do fandom e quem não. O segundo é exatamente o sentimento de pertencimento a uma comunidade de semelhantes. Por fim, a terceira característica está ligada ao processo de construção de narrativas e sua manifestação pública, em geral na internet (CUNHA, 2007, p.4). Debateremos como o Fandom Clarina materializa essas características ao longo desse capítulo.

Fãs também são classificados como passivos e ativos (CUNHA, 2007). Os consumidores comuns, por não terem um grau de interesse maior com os produtos culturais, são considerados fãs passivos. Os ativos estão ligados por noções de “sensibilidade e afeto”, gerando, por conseguinte, um alto grau de envolvimento e desejo de interferir, de produzir e participar de alguma forma dele, tornando-se um “agente criador” (p. 5-6), como o Fandom Clarina.

2.3.1 Práticas de fãs

Como discutido anteriormente, existem uma série de características e práticas pertencentes aos fãs, que variam de acordo com o objeto de devoção e grau de envolvimento pessoal na atividade fã. Mark Duffett em *Understanding Fandom* (Compreendendo Fandom) elenca como práticas de fãs a caça de autógrafos, encontro com celebridades, coleção de produtos midiáticos, criação de vídeos e músicas de fãs, tradução de filmes, livros e programas,

dentre outras. Discutiremos a seguir, a partir do estudo de Duffett (2013), as práticas relevantes para a análise do Fandom Clarina.

Spoiler é o ato de divulgar informações extraoficiais antes do lançamento previsto. Para fãs de programas de televisão, *spoiler* pode significar o anúncio de que determinada personagem sofrerá um acidente grave nos próximos capítulos. Fãs de música podem considerar um *spoiler* ter a data de um lançamento surpresa de um CD. O desejo de saber mais sobre o produto cultural, de interagir com ele, de desafiar a ordem da própria indústria cultural, além de obter respeito dentro da comunidade fã por obter “informações privilegiadas” são alguns dos aspectos que motivam fãs a fazer *spoiler*. No entanto, a prática não é consenso entre a própria comunidade de fãs. Alguns acreditam que saber informações com antecedência estraga a experiência do objeto de devoção. Outros questionam a forma como a notícia foi conquistada, sugerindo a necessidade de uma espécie de ética na prática *spoiler*.

Fanfic é a escrita fictícia criada por fãs a partir da inspiração nos produtos dos quais são dedicados. Assim como a literatura convencional, existem uma série de classificações de *fanfic*. Podemos citar como exemplos a *genfic* (ficção de interesse geral), a *cross-universe* (histórias com personagens de obras diferentes que interagem entre si), a ficção de pessoa real (criação de enredos sobre a vida de celebridades do mundo real) ou mesmo o *slash* (ficções sobre relacionamentos eróticos ou não entre personagens do mesmo sexo). Escrever *fanfic* é uma das formas de materialização da insatisfação dos fãs com a obra original. Nasce do desejo dos fãs de explorar pontos considerados de menor relevância pelos produtores, de subverter enredos de acordo com necessidades específicas, de reinventar aquilo que os fascinam e frustram ao mesmo tempo. Assim como o *spoiler*, a produção de *fanfics* é considerada por parte dos fãs como uma prática negativa, pois “viola” e “distorce” a obra original.

Fanzines são uma espécie de revista artesanal independente publicada por fãs com conteúdo diverso ligado ao universo fã (cinema, música, televisão, política, literatura). Os zines, como são conhecidos, em geral são criados sem a perspectiva de lucro, com distribuição em bancas de revista, lojas de música ou por correspondência. Na década de 1970, tiveram ascensão durante a subcultura *punk* quando as publicações *underground* discutiam política de libertação, anarquismo e música. Fanzines também contribuía para a divulgação de outras produções de fãs como *fanfics* e *fanarts* (artes de fãs). Todavia, os custos de produção em geral não eram pagos com a distribuição e os zines quebravam com frequência. Com o surgimento da internet, os *fanzines* foram de certa forma substituídos pelos *blogs*. Por oferecerem um espaço de discussão público, de baixo custo, alta facilidade para armazenamento de conteúdo e com uma plataforma que possibilita a divulgação de produção de fãs, eles se tornaram mais viáveis do

que as publicações em papel. Apesar de aparentemente mais fáceis de serem encontrados, os usuários necessitam conhecer seu endereço para acessá-lo. Mesmo estando na internet, com seu potencial de amplo debate público, em geral os blogs são usados para expressão individual de opinião.

Outra prática presente na cultura de fãs é o *shipp*. O termo é uma abreviação de *relationship* (relacionamento) e significa torcer por um determinado casal em uma série de televisão, novela ou mesmo por casais da vida real como músicos, atores ou celebridades diversas. No Brasil, a expressão *shipp* foi adaptada para o português e transformada no verbo shipar. Voltaremos a abordar o assunto ainda neste capítulo.

2.4 Pertencimento, participação e telenovelas

Discutimos até aqui, de maneira geral, o fandom como grupo de fãs, associados voluntariamente, com fascínio partilhado, características intervencionistas em relação a cultura, produtores colaborativos, de imaginação ilimitada e contestadora. “As conexões dentro desse grupo de fãs são construídas através dos laços sociais, que por sua vez são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009 *apud* MONTEIRO, 2010, p. 4). Para que a interação aconteça, é preciso antes encontrar outros fãs.

A situação, contudo, é mais complexa quando se tratam de fãs ligados às minorias sociais. Estar em um fandom LGBT ou de temática homossexual significa para o sujeito identificação, representação e pertencimento àquele grupo oprimido em qualquer nível que seja, o que pode gerar certo constrangimento social por conta da homofobia. Todavia, a comunidade de fãs devido a esses mesmos sentimentos de identificação, representação e pertencimento se torna um importante espaço para a sociabilidade de um conjunto de pessoas que são impedidas de vivenciarem livremente sua sexualidade.

Na década de 1940 e meados dos anos de 1950, os fãs-clubes de determinados artistas de rádio eram um espaço de integração da comunidade homossexual, onde havia a tentativa de criar um ambiente diferente da sociedade preconceituosa da época (GREEN, 2000). Os laços formados estavam ligados à solidariedade de quem vivia a mesma discriminação sexual e possuía interesses em comum, no caso a devoção ao artista em questão.

Em suma, para muitos homossexuais, os fãs-clubes e as apresentações ao vivo nas rádios e, mais tarde, os programas de auditório na TV forneceram um sentimento de família e o de pertencer a um grupo. As cantoras tornaram-se figuras maternas simbólicas que graciosamente recebiam presentes, tais como utensílios domésticos, de seus ardorosos fãs. A coesão social formada nesses clubes e plateias, assim como a adoração coletiva de seus ídolos ajudaram muitos homossexuais a enfrentar o isolamento que a hostilidade social lhes

impunha com tanta frequência (GREEN, 2000, p. 272).

A internet contribuiu de forma significativa para esse tipo de comportamento homofílico na sociedade, independente do gênero ou sexualidade, pois permitiu que pessoas de qualquer lugar do mundo se conectassem pelos seus gostos em comum, realizassem suas práticas de fãs de forma mais ampla e globalizada (RECUERO; AMARAL; MONTEIRO, 2012). Contudo, para as lésbicas esse novo cenário - no qual inclusive o anonimato é permitido - as mulheres homossexuais oprimidas historicamente pela sociedade patriarcal podem se sentir mais livres para vivenciarem uma sociabilidade ligada ao lesbianismo. Margareth Cooper e Kristina Dzara (2010) desenvolveram um estudo nesse sentido e defenderam que “através de comunidades online, não só uma identidade pessoal pode ser testada e aceita, mas a conexão entre a identidade individual e a identidade coletiva se desenvolve” (p. 106, tradução nossa).

Tal sentimento de pertencimento – seja por de fato ser homossexual ou por se identificar de alguma forma com o grupo minoritário – à esta comunidade ligada pela solidariedade, pode ser considerado como um dos fatores responsáveis pelo Fandom Clarina se engajar na luta contra a homofobia e pelo tratamento igualitário dos LGBT, materializada no ativismo por uma representação lésbica positiva na telenovela *Em Família*.

Isto porque apesar do Brasil ter aprovado a união civil entre pessoas do mesmo sexo e permitir a adoção por casais homoafetivos, não se trata de um país “aberto” aos homossexuais. Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia, de 2011 a meados de 2016, mais de 1.600 pessoas foram assassinadas por motivações homofóbicas, o que torna o Brasil um dos países mais perigosos para LGBTs em todo mundo. O sociólogo e fundador do Grupo Gay da Bahia Luiz Mott escreveu em 1987 o livro *O lesbianismo no Brasil*, no qual retrata por meio de diversos depoimentos a cruel realidade das mulheres homossexuais brasileiras.

A intolerância à homossexualidade [...] atinge dimensões chocantes e requintes de crueldade em nosso país, fruto de uma ideologia machista e heterossexista que vê os homossexuais como traidores e demolidores da supremacia do super-homem e encara das lésbicas como ameaça e desafio à violenta superioridade do sexo-forte. Quando uma família suspeita que uma filha revela tendências homossexuais, todos os recursos são acionados a fim de corrigir e curar a indesejada anormalidade. Broncas, surras, castigos, humilhações, tratamentos médicos, internações – vale tudo na luta para não se manchar a honra da família. Até mutilações fazem parte desta sinistra cura do lesbianismo (MOTT, 1987, p. 140).

Para além disso, mesmo com a ampliação do debate na esfera pública sobre temáticas LGBT no Brasil, advinda dos grupos de defesa dos homossexuais, ainda é comum a associação dos indivíduos LGBT apenas aos gays, relegando-se a um segundo plano outras identidades,

como a lésbica. Tal prática não acontece por acaso, é fruto do que podemos chamar de uma “política do esquecimento” (NAVARRO-SWAIN, 2000), que discorreremos no capítulo III.

As raízes da invisibilidade lésbica estão intrinsecamente ligadas ao machismo da sociedade patriarcal, que até os dias atuais se faz presente e atuante. Se lésbicas são invisibilizadas, logo, não possuem representatividade social. Mott (1987) alerta sobre os problemas dessa realidade para mulheres homossexuais.

Ser ou não ser lésbica, eis a questão! O preço que a sociedade cobra por esta opção parece a muitas adolescentes alto demais para correrem o risco do estigma familiar e social. A falta de modelo de lésbicas felizes e bem-sucedidas na vida, o temor do desconhecido e do infortúnio de algumas tribades mal sucedidas certamente provoca medo, angústia, receio, conflito nas cabecinhas de milhões de donzelas que, sem saber por que, sentem-se atraídas por suas coleguinhas, amigas, professoras ou mesmo por fotografias de mulheres nuas (MOTT, 1987, p. 143).

Assim, para as mulheres homossexuais, além do enfrentamento do machismo, da lesbofobia, se faz necessária a luta também pela visibilidade e representatividade. As telenovelas tornam-se, portanto, um espaço importante de disputa no imaginário cultural do brasileiro, pois mesmo com a popularização do acesso à internet e a queda da audiência da televisão no Brasil, as novelas ainda exercem forte influência na vida cotidiana da população. Os folhetins ditam moda, criam ídolos, gírias, novos *hits* musicais, além de pautarem temas a serem debatidos ou que já estão em discussão na esfera pública.

Inesperada e inusitadamente alçada à posição de principal produto de uma indústria de proporções respeitáveis, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, das intimidades privadas às políticas públicas. Essa capacidade *sui generis* de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino, está inscrita no texto das novelas (HAMBURGER, 1998, p. 468).

A novela é um produto televisivo que trabalha com os sentimentos comuns do cotidiano do seu público: os problemas familiares, amorosos e de saúde, relações sociais no mercado de trabalho, na política, na educação, nos círculos de amizade, dentre outros. Seu sucesso, portanto, está ligado à capacidade de contar histórias que gerem identificação, instiguem o debate sobre o assunto ali transmitido e façam conexões interessantes entre ficção e realidade. Portanto, uma novela tem maiores chances de ter maior consumo se discutir questões sociais latentes. Exatamente por isso a homossexualidade foi tema razoavelmente recorrente em telenovelas brasileiras, principalmente da Rede Globo. Apesar de personagens homossexuais, em geral gays afetados em papéis cômicos, fazerem parte dos enredos há tempos, o amor entre mulheres

não tomava corpo e relevância.

De acordo com Arab (2015), a primeira telenovela brasileira a retratar um casal homossexual foi em *O Rebu*, transmitida em 1974 pela Rede Globo. Cinco anos depois a emissora apresentou a primeira tentativa de representação lésbica na novela *Os Gigantes*. Contudo, “as cenas que insinuavam a relação entre elas foram censuradas” (ARAB, 2015, p. 48).

A autora afirma que somente em 1998 a Rede Globo veiculou abertamente a história das lésbicas Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer) na novela *Torre de Babel*. As mulheres eram um casal público, bem-sucedido, com amigos que não pareciam se importar com a orientação sexual delas, donas de uma loja de jóias no shopping que centralizava boa parte das cenas da trama. Todavia, “a franqueza com que a relação das duas foi exposta despertou a rejeição do público” (ARAB, 2015, p. 50). Para agradar a parcela conservadora da audiência, o autor incluiu o casal nas mortes causadas pela explosão do shopping.

O levantamento de Arab também ressalta que o próximo casal lésbico de relevância foi Rafaela (Paula Picarelli) e Clara (Alinne Moraes), em 2003 na novela *Mulheres Apaixonadas*, também escrita por Manoel Carlos, autor de *Em Família*. Eram garotas adolescentes que enfrentavam o preconceito da família e da escola. O relacionamento não era explícito em boa parte do enredo, até que Clara afirma para a mãe em uma briga que Rafaela é sua namorada (ARAB, 2015). O único contato físico mais íntimo entre as duas foi um encostar de lábios durante uma peça escolar enquanto interpretavam *Romeu e Julieta* de Shakespeare.

No ano seguinte a novela *Senhora do Destino* da Rede Globo trouxe um casal mais avançado que em *Mulheres Apaixonadas*. Jenifer (Bárbara Borges) era uma estudante que se apaixona pela médica Eleonora (Mylla Cristie), uma lésbica assumida. O envolvimento entre as duas foi gradual, até que resolvem assumir o relacionamento para a família, que apesar do preconceito inicial passa a conviver com o casal (ARAB, 2015). Elas chegam a morar juntas e adotar uma criança, contudo, sem cenas de beijos ou carícias mais íntimas.

A novela *A Favorita*, exibida em 2008, apresentou a relação da dona de restaurante Stela (Paula Burlamaqui) e a dona-de-cada Catarina (Lília Cabral). Stela era amiga e conselheira de Catarina, que sofria violência doméstica e decidiu se separar do marido Leonardo (Jackson Antunes). Diversos homens assediam Stela, até que ela decide confessar sua paixão a Catarina. Como punição pela aproximação da ex-mulher, Leonardo tenta estuprar Stela. As duas não vivem um relacionamento explícito, mas ao final da novela, Catarina abandona o namorado atual e faz uma viagem junto com a amiga para Argentina (ARAB, 2015).

O primeiro beijo lésbico brasileiro em telenovela aconteceu em *Amor e Revolução*

veiculada pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em 2011, a trama retratava o período de ditadura militar no país. Marina (Gisele Tigre) era dona de um jornal de oposição ao regime militar que se considerava heterossexual, mas se apaixona pela advogada Marcela (Luciana Vendramini). A cena teve uma repercussão ruim por parte da audiência conservadora, fato responsável por fazer o SBT recuar em relação a exibição de outras cenas de carinho explícito do casal. Por ter sido exibido em uma emissora com menor audiência do que a Rede Globo, o relacionamento lésbico não obteve grande visibilidade.

Diante desse breve histórico da representação lésbica nas novelas e da reação da audiência conservadora, é possível identificar uma série de problemas para a vivenciar o lesbianismo no Brasil até mesmo em produções fictícias. A não aceitação do público é um fator importante a ser levado em consideração, pois trata-se de um gênero televisivo intrinsecamente ligado ao cotidiano e aos valores morais, logo, não conceber o amor entre mulheres na ficção é prova de um preconceito real, não-ficcional.

No livro *A Telenovela Brasileira - História, Análises e Conteúdo*, Artur da Távola afirma que a moral faz parte do desenrolar da telenovela, uma vez que o gênero se alimenta de impasses de natureza moral. Quando a atitude do personagem coincide com a do espectador, dá-se a identificação. Quando não coincide, acontece a frustração, a decepção (GOMIDE, 2006, p. 54).

Quando *Em Família* foi anunciada em 2014 havia uma grande expectativa do público. No entanto, o renomado autor Manoel Carlos não caiu nas graças do gosto popular. *Em Família* não alcançou grandes índices de audiência. De acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), a novela ficou na média dos 30,9 pontos. Em dados atualizados para 2015, significa dizer que mais de 7,2 milhões de lares estavam sintonizados de segunda a sábado no programa em todo país. Parece muito, mas sua antecessora *Amor à Vida* chegou aos 34,3 pontos. Além disso, outros sucessos do horário, como *Senhora do Destino*, ultrapassaram os 50 pontos.

A história de *Em Família* trata de duas famílias do interior do Estado de Goiás e passa pela infância, adolescência e vida adulta dos primos Laerte (Gabriel Braga Nunes) e Helena (Júlia Lemmertz), que vivem um amor desde a mais tenra idade.

Após uma infância juntos, o casal estava prestes a se casar, quando na despedida de solteiro, Laerte trai Helena com Shirley (Vivianne Pasmantier). Seu melhor amigo Virgílio (Humberto Martins), que nutria uma paixão secreta por Helena, briga com o noivo altamente ciumento e acaba desacordado. Laerte pensa que o amigo está morto e decide esconder o corpo, o enterrando vivo. Virgílio consegue escapar e desmascara Laerte no casamento, que é preso por tentativa de homicídio. Após cumprir pena de um ano, ele vai para a Europa estudar música.

Depois da tragédia, Helena muda-se para a cidade Rio de Janeiro grávida de Laerte, levando consigo mãe e irmãos para iniciar uma nova vida. Como a mãe de Virgílio trabalhava para a família de Helena, ele também muda de Estado.

Um salto de 24 anos no tempo é dado para o início da vida adulta dos personagens, momento no qual se desenvolve a maior parte da história. Helena surge como uma leiloeira de uma casa de jóias e casada com Virgílio, pai de sua filha Luíza (Bruna Marquezine). Em uma viagem de férias na Áustria, Luíza vai a um concerto de Laerte e ele fica encantado com a moça pela semelhança com o sua ex-noiva e amor de juventude. Luíza também fica atraída pelo músico. Ambos não conhecem o vínculo do passado que os une, inclusive fica a dúvida para o espectador se eles são pai e filha. Laerte retorna para o Brasil e decide se mudar para o Rio de Janeiro. A partir de então a história principal da novela se desenvolve pelo triângulo amoroso entre Helena, Laerte e Luíza.

O núcleo que interessa ao Fandom Clarina e conseqüentemente a esse estudo é o que envolve a irmã mais nova de Helena, a Clara (Giovanna Antonelli). Uma dona-de-casa casada com Cadu (Reynaldo Gianecchini) e mãe de um garotinho saudável e tranquilo chamado Ivan (Vítor Figueiredo).

A personagem é apresentada sem grandes problemas iniciais. Amava o marido, era correspondida, mas sofria com a sua ausência, já que Cadu estava empenhado em montar um pequeno restaurante. Clara tinha uma vida confortável em um apartamento no mesmo prédio da família, com problemas financeiros não muito significantes. Até que acompanha o marido em uma exposição fotográfica sobre mulheres onde conhece a estrela da noite, a fotógrafa bem-sucedida, assumidamente lésbica e com ares de conquistadora de nome Marina (Tainá Müller). A atração é mútua desde o primeiro instante entre as mulheres.

Inicialmente paira a dúvida se Marina quer conquistar Clara apenas por desejo sexual. No entanto, ela rapidamente se rende à paixão sentida pela dona-de-casa, deixando claro a todo instante o quanto a quer do seu lado. A fotógrafa mora e trabalha com a ex-namorada Vanessa (Maria Eduarda de Carvalho), que não esconde o desejo de reatar o relacionamento e planeja inúmeras situações para colocar ciúmes em Clara.

O drama está no dilema de Clara em romper com o modelo de família heteronormativa, sem problemas de violência, com um homem bonito e carinhoso para viver um romance lésbico. Como elemento complicador da situação, Cadu descobre que tem uma doença no coração e precisa de um transplante. Além disso, para permanecer com a amada, ameaça ficar com a guarda do filho, caso a mãe decida viver um amor entre mulheres.

As telenovelas brasileiras, especialmente as da emissora mencionada, são escritas no

decorrer da exibição, permitindo, assim, a modificação do enredo a depender da aceitação do público. Diante do conjunto relatado de expectativas anteriores frustradas de representação do amor entre mulheres de forma explícita, positiva e com relevância nas novelas da Rede Globo, exatamente pela não aceitação do público conservador, o Fandom Clarina iniciou ações ativistas em prol da concretização do casal lésbico Clara e Marina.

2.5 Comportamentos e perfil do Fandom Clarina

De acordo com Jenkins (2015) um fandom não pode ser considerado como um corpo homogêneo plenamente organizado. Além disso, não devemos supor que uma determinada base de fãs seja composta apenas do público cujo produto cultural tem como alvo. Dizer, todavia, de forma genérica que fandom é composto de fãs aleatórios espalhados por toda internet em suas mais diversas plataformas seria displicente. Afinal, a riqueza da cultura de fãs na era digital está exatamente na troca de ideias e produção de conteúdo de pessoas com interesses em comum dos locais e perfis mais variados.

Para os fins deste trabalho, analisaremos a organização do Fandom Clarina a partir de duas plataformas relevantes em que ocorriam frequentes debates de fãs: o *blog Boteco Clarina* e o perfil do *Twitter @viaclarina*. Apesar de ambos os espaços serem de fãs específicas, um amplo diálogo era realizado diariamente entre os fãs. Vale ressaltar que a partir de maio de 2014, quando o blog aprimorou seu sistema interno, algumas postagens alcançaram mais de 3.000 comentários, tornando-se quase um fórum.

Para o levantamento do perfil básico de quem compõe o Fandom Clarina, analisamos comentários do *Boteco Clarina*. A maior parte dos usuários utiliza nomes femininos, caracterizando a presença majoritária de mulheres. Todavia não podemos estimar com precisão a faixa etária. Por se tratar de uma temática lésbica, poderíamos afirmar que se tratam de lésbicas. Contudo, comentários demonstram que o fandom não é composto apenas de mulheres homossexuais.

No *post [Utilidade Clarina] Campanha de apoio a Clarina*, uma fã anônima afirmou “Eu e meu namorado, estamos na torcida por Clarina!! Acho um absurdo pessoas no meu convívio por exemplo colegas de trabalho, falando que pega mal curtir Clarina”. Na sequência relata sobre como a prima do namorado se assumiu lésbica e como a família dele foi preconceituosa, bem como a importância do apoio deles para que ela passasse por essa etapa difícil.

Outras fãs também apontaram a participação de heterossexuais no Fandom. No *post [Utilidade Clarina] #ChutaOBaldeClara* – uma convocação ao Fandom a enviar fotos com

uma placa de balde com a *hashtag* – a fã Minna diz “Meninas eu não posso mostrar meu rostinho. Sou uma Clara saída do armário só pra alguns. O q fazer? Gostaria de participar”. A fã Luciana Brito defendeu que “tem muito hétero apoiando também! Não tem nada a ver estar em Narnia¹⁰!”

A presença de homens também pôde ser detectada nos comentários do *post* [Utilidade Clarina] *Passe a palavra!* A fã Sami dá boas vindas ao fã Batman o chamando de “muso do boteco”. Ele prontamente responde “sou mesmo Sami decidi assumir isso aqui chega de insegurança boba eu sou o muso do boteco mesmo”.

Como observamos, o *blog Boteco Clarina*, apesar de ter basicamente Bruna Cezário como produtora das postagens, tornou-se um amplo espaço de discussão de fãs do casal Clarina. Portanto, um elemento importante para compreensão da vida interna do Fandom. O que contrasta com a perspectiva de *blog* fã apontado por Duffett (2013), que os considera em geral como espaços para expressão de opinião individual.

Ironicamente, no dia 1º de abril de 2014, conhecido no Brasil como dia da mentira, o *Boteco Clarina* foi colocado no ar com seu primeiro *post* “E se Clarina fosse protagonista de Em Família?”. A postagem recheada de ironia e humor apresentava uma *fanfic*, no qual as personagens teriam destaque total na trama.

Ai acontece aquelas coisas tudo que já vimos porque não sou besta nem nada de mudar todas essas cenas lindas, fofas, da minha vida todinha que vi até agora, só que a única diferença é que não ia ter aqueles picotes malditos que a edição anda dando, pois quem picotasse ia ser demitido e só ia conseguir emprego vendendo [cerveja] Nova Schin na praia (CEZARIO, 2014a).

Do seu primeiro dia de atividade ao último, em 15 de setembro de 2014, o “Boteco Clarina” reuniu 395 *posts*, entre *fanfics*, avaliações de momentos importantes para a história das personagens, discussão de *spoiler*, *memes* e textos para organização de ações ativistas pro Clarina, localizados principalmente na editoria “By Boteco”, com as indicações “[Utilidade Clarina]” e “O Laudo”.

Os fãs acreditam que um dos maiores adversários para a consolidação do romance entre o casal lésbico é a chamada “família brasileira” ou “família tradicional brasileira”. Na visão do Fandom, essa parcela do público é homofóbica e emprega sua influência – materializada na audiência à emissora – para impedir o tratamento igualitário de Clarina. A expressão e suas variações estão presentes em diversos momentos nos *posts* e comentários do *blog Boteco*

¹⁰ Referência aos filmes e livros da série “As Crônicas de Nárnia”, onde as crianças protagonistas encontram um novo mundo após atravessarem um guarda-roupa. Ligação com o processo de se assumir enquanto homossexual.

Clarina. Aprofundaremos a discussão acerca do preconceito à homossexualidade no capítulo III.

O *post Família Brasileira é o fandom (sqn)*, publicado em 20 de maio de 2014, deixa clara essa relação, a começar pelo título. A expressão “é o fandom” é utilizada pela Bruna Cezário para demarcar posicionamento político ou atitude considerada positiva vinda de personagens da ficção ou pessoas reais. A irmã da personagem Clara, Juliana, interpretada pela atriz Vanessa Gerbelli, foi uma das poucas personagens da trama que apoiou claramente o romance *Clarina*. O Fandom logo a elegeu como rainha e passou a usar “Juliana é o fandom” em seus textos. O “(sqn)” trata-se de uma expressão comum nas redes sociais no Brasil, uma abreviação para “só que não”. É utilizada para contestar algo de forma irônica.

O *post* em questão faz referência à sondagem discutida anteriormente realizada pela Rede Globo sobre a avaliação do público em relação à telenovela *Em Família*. A fã Bruna Cezário prontamente emitiu seu parecer sobre a situação.

Saiu recentemente que o fandom *Clarina* foi completamente injusto com a *Família Brasileira*, pois diferente do que pensávamos eles apoiam sim o romance entre Clara e Marina, contanto que não tenha encoxada no bistrô, flashback destruidor e muito menos beijo na mão, porque francamente, onde já se viu pessoas trocando caricias quando estão em um relacionamento não é verdade? Eu também acho o cúmulo da ofensa isso (CEZÁRIO, 2014f).

O texto traz ainda uma série de entrevistas fictícias com personagens caricatos apresentando motivos pelos quais a “família tradicional brasileira” é contrária às demonstrações públicas de afeto entre homossexuais.

Durante a análise dos comentários e *posts* do *blog Boteco Clarina* não foram observados fãs contrários à prática de *spoiler*. Uma das possibilidades para essa característica talvez seja o fato de ser comum no Brasil a divulgação de *spoiler* de novelas. O próprio site oficial da novela oferece resumos dos capítulos que estão por vir. Além disso, existem revistas especializadas nesse assunto.

O grupo de fãs que interagem no *Boteco Clarina* tratam o *spoiler* principalmente de duas formas: parâmetro para o planejamento de ações ativistas e fonte de informações para produção de *memes* e *fanfics*. Os *spoilers* de cenas são acompanhados pelos fãs e caso sejam cortadas da novela, manifestações virtuais são organizadas para pressionar a emissora, especialmente nos seus canais oficiais de comunicação.

Já a editoria Notícias do Boteco Clarina anuncia os *spoilers* como *fanfics* de humor. O *post Notícias: Vai ter copa sim*, publicado em 11 de junho de 2014, logo em seu título faz referência a uma piada do Fandom que relaciona o possível beijo entre Clara e Marina com a

Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil de 12 de junho a 13 de junho de 2014. “Vai ter copa sim” para o Fandom significa “vai ter beijo Clarina sim”. Além disso, todas as postagens desta editoria são iniciadas com *prints* originais do título do resumo do capítulo do site de *Em Família* ou alguma montagem que imite o estilo do *site* oficial.

O *post* é iniciado com a narração de que Clara e Marina finalmente se tornarão um casal real e que Cadu sairá de casa após separar da esposa. Na sequência, são criados possíveis diálogos engaçados entre as personagens, por vezes com direito a *print* das cenas futuras disponibilizadas pela Globo. De acordo com o *spoiler* do referido *post*, Clara e Marina apareceriam juntas caminhando de mãos dadas conversando sobre planos futuros. A fã Bruna descreveu o diálogo iniciado por Clara da seguinte forma:

- Às vezes eu penso: e se a gente encontrasse um cantinho gostoso para nós duas? Um lugar menor? Acha loucura pensar assim?
- Você está falando sério?
- Marina perguntará pelo fandom, pois ninguém vai estar acreditando que é a vida real, porque parece sonho.
- Eu penso nisso desde que eu era moradora do armário de sucupira. Assim que Ivan entender que ter você como mãe é um ponto positivo, pois ele vai ter alguém expert em Xavecós & Cantadas para ajudá-lo com as namoradinhas, eu quero muito assistir a nova temporada de Orange is the new Black ¹¹com você. Você não quer?
- Claro que sim! Mesmo com a Laura Prepon ¹²só aparecendo em 4 episódios, eu mal posso esperar por isso. Vai ser o dia mais feliz da minha vida.
- Das nossas vidas. Incluindo a do fandom que não aguentava mais. Espero estar desculpada por tudo depois dessa. - Dirá Clara beijando Marina (CEZÁRIO, 2014m).

Ainda no que se refere à organização interna do Fandom Clarina, é importante discutir o relacionamento estabelecido com a Rede Globo. A relação entre fãs e indústria é complexa. Para alguns, “a natureza não comercial da cultura do fã é uma de suas características mais importantes” (JENKINS, 2009, p. 287). O mercado de tempos em tempos prioriza a criação de produtos para determinado segmento do público, antes pouco explorado, como é o caso das lésbicas, gerando produções para o atendimento de gostos e interesses específicos. Contudo, a situação gera um paradoxo.

Ser desejado pelas redes é ter seus desejos transformados em mercadorias. Por um lado, tornar-se uma mercadoria expande a visibilidade cultural do grupo. Grupos que não possuem valor econômico reconhecido são ignorados. Por outro lado, é também uma forma de exploração. Os grupos transformados em mercadorias tornam-se alvo de um marketing mais agressivo e muitas vezes sentem que perderam o controle sobre sua própria cultura, já que ela é produzida e comercializada em massa. Esses grupos não conseguem evitar

¹¹ Série produzida pela Netflix sobre uma prisão feminina nos EUA. A produção ficou famosa entre as lésbicas por possuir histórias de mulheres homossexuais.

¹² Uma das atrizes de Orange Is The New Black de maior sucesso entre as lésbicas.

sentimentos conflitantes, pois querem ser representados, mas não querem ser explorados (JENKINS, 2009, p. 98).

Fãs podem elaborar e disseminar conteúdos diversos sobre aquilo que consomem. O caminho inverso também é possível. Empresas apropriam-se das produções autorais tanto para aproximarem-se do público, como no caso de videoclipes feitos por fãs, quanto no sentido considerado negativo. Um caso emblemático são os livros da trilogia *50 tons de cinza* de E. L. James. A história começou a ser escrita como uma *fanfic* da saga *Crepúsculo* e foi transformada em literatura comercial, o que gerou revolta em parte dos fãs que acompanhavam a *fanfic*.

Além disso, problemas relacionados à violação de direitos autorais ainda são realidade para diversos conglomerados de mídia. Enquanto empresas utilizam-se do compartilhamento, bem como das releituras feitas por fãs para ampliar a influência e divulgação dos seus produtos, outras optam pela punição dos consumidores ativos ou retiram os trabalhos de fãs do ar.

A Rede Globo está enquadrada em certa medida na postura mais rígida em relação aos fãs. Os materiais que não são alvos de fácil comercialização, como *fanfics* e *fanarts* (artes/ilustrações feitas por fãs), não passam por políticas de constrangimento. No entanto, os compartilhamentos de vídeos da emissora no *Youtube*, por exemplo, não são permitidos.

Devido a tal política, os fãs de *Em Família* que desejavam assistir alguma cena novamente ou acompanhar um capítulo perdido acessavam o site oficial da novela, no portal da emissora com publicidade obrigatória antes dos vídeos. Em 2015, a empresa lançou o *Globo Play*, plataforma de vídeos online com produções antigas e atuais, além de transmissão ao vivo. Além da publicidade, o conteúdo completo e sem limite de acesso fica disponível apenas para assinantes. Vale ressaltar que apesar das restrições, durante a exibição da telenovela, fãs burlavam a decisão da Globo e publicavam capítulos completos legendados para que fãs de outros países pudessem assistir, clipes e montagens do casal Clara e Marina na plataforma de vídeos (análoga ao *Youtube*) *Vimeo* que, por não possuir tanta visibilidade, era menos provável de sofrer censura.

Como já citado anteriormente, o Fandom Clarina surgiu através de conversas entre fãs do casal na internet e vem da junção dos nomes das personagens Clara e Marina, fruto de uma prática comum de comunidades de fãs, o *shipp*. Torcer por um casal no universo fã é mais que “mandar boas energias” ou “fazer votos de felicidade”. Trata-se de produção de conteúdo como montagens, *gifs*, acompanhamento das redes sociais, enviar mensagens, discutir “fofocas” e outras atividades que envolvam a vida das celebridades ou personagens em questão. Para que seja possível dimensionar a prática *shipp* traremos o exemplo abaixo.

A atriz brasileira Bruna Marquezine (a Luiza de *Em Família*) e o jogador de futebol brasileiro Neymar são um casal shipado na internet pelo nome Brumar. A atriz e o jogador de futebol começaram a namorar em 2012. Tiveram um relacionamento de dois anos, recheado de fotos e declarações de amor nas redes sociais, que levaram os fãs ao delírio. O vídeo criado por fãs e postado no *Youtube Bruna Marquezine e Neymar = BruMar*, com fotos musicadas do casal, alcançou mais de 95 mil visualizações. Já o vídeo *Homenagem para Neymar e Bruna Marquezine*, também produzido por fãs, teve mais de 90 mil acessos. Quando o craque foi contratado pelo Barcelona Futebol Clube e se para a Espanha, os problemas começaram. Fotos de Neymar com outras mulheres vazaram na rede. Após idas e vindas, Brumar chegou ao fim justificado por ambos os envolvidos pela distância. Com o fim das Olimpíadas, em agosto de 2016, começam a surgir boatos na imprensa de que Bruna Marquezine e Neymar poderiam se reconciliar. O casal foi filmado por fãs se beijando e postado no *Youtube* com o nome *Recaída - Neymar aos beijos com Bruna Marquezine em festa* e alcançou a marca das 147 mil visualizações.

Apesar de o ato de shipar ser aplicado também à vida real, a prática nasceu das *fanfics*, nas quais autores criavam em suas produções casais diferentes das histórias originais. Aquele que shipa alguém é um *shipper* e quem recebe a “torcida” é shipado. Algumas classificações de *shipp* também foram criadas pelos fãs: a) *Canon Shipp*: são casais que existem realmente na trama original; b) *Cult Shipp*: personagens que não possuem um relacionamento, mas os fãs acreditam que seriam uma boa combinação; c) *One True Paring – OTP* (único casal verdadeiro): expressão para designar o casal favorito de um fã dentre as diversas produções que consome; d) *Ghost shipp*: casal em que pelo menos um personagem morre no decorrer da história; e) *Crack shipp*: torcer por um casal formado por personagens de histórias diferentes; f) *Slash*: relacionamento gay; g) *Femslash*: casal lésbico.

Como *Em Família* foi escrita no decorrer da sua exibição, Clarina era considerado pelo Fandom como um *cult shipp* com possibilidade de se tornar *canon*. Veremos no capítulo a seguir as causas geradoras da opressão contra lésbicas e as movimentações ativistas do Fandom para transformar Clarina em um *canon shipp*.

3. PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS: O PRECONCEITO CONTRA LÉSBICAS E O ATIVISMO LGBT

Avaliamos até o momento as dificuldades para a participação pública, que associados com o neoliberalismo, geram a crise contemporânea de voz (COULDRY, 2010). A internet e a

cultura de fãs foram apresentadas como potências para a modificação do cenário de afastamento da vida pública, e o Fandom Clarina como um exemplo palpável dessa possibilidade apontada para o ativismo.

Para compreendermos as motivações que levaram o Fandom Clarina a iniciar as mobilizações em defesa da representação lésbica e do tratamento igualitário é preciso ter em vista do que se trata a opressão sofrida por essa dita minoria social. Portanto, discutiremos lesbianismo, as raízes deste preconceito e a trajetória do movimento LGBT no Brasil, com foco no movimento lésbico, para então chegarmos à perspectiva de ativismo adotada neste trabalho. Verificaremos ações do Fandom no *blog Boteco Clarina* e *Twitter* por meio do @viaclarina com o objetivo de compreender o comportamento ativista do grupo de fãs.

3.1 Lesbianismo: amor sáfico e invisibilidade

Um dos mais relevantes registros sobre a homossexualidade feminina no mundo refere-se à ilha grega de *Lesbos* na Ásia Menor, onde viveu entre os séculos VI e VII A.C. a poetiza Safo. Sua obra consistia em nove livros com poemas dedicados ao amor entre mulheres, que no século XI foram queimados pelo papa Gregório VII (MOTT, 1987, p. 20). Por conta da fama alcançada por Safo, considerada por alguns como a maior poetiza da antiguidade, mulheres que se relacionam com mulheres ficaram conhecidas como sáficas, lésbicas e outras derivações da poetiza e sua ilha.

Não significa dizer, no entanto, que Safo quem “inventou” o lesbianismo. Segundo Luis Mott (1987, p. 20), “tanto quanto a homossexualidade masculina, o lesbianismo sempre foi praticado por todos os povos estudados pelos cientistas sociais”. No Brasil, muito antes de ser iniciado o processo de colonização, suas moradoras já se relacionavam entre si, inclusive de uma forma muito mais naturalizada que após 500 anos. Relatos de cronistas portugueses ressaltavam que:

A homossexualidade feminina, além de muito praticada, assumia manifestações fortemente institucionalizadas tanto no comportamento invertido – na fala, no corte do cabelo, na adoção de tarefas próprias do sexo oposto, no casar-se com outra mulher de seu próprio sexo genital – quanto no status assumido por tais viragos sobretudo nas atividades guerreiras, a fonte principal da ascensão social e prestígio desta sociedade ameríndia (MOTT, 1987, p. 22)

As índias Tupinambá que apresentavam esse comportamento eram apontadas como mulheres que não consentiam em deitar-se com homens de forma alguma, mesmo que isso significasse a morte (MOTT, 1987). Eram conhecidas pela expressão Tupinambá

“çacoaibeguirá”, que para os portugueses significava “machão que não conhece homem e tem mulher e fala e peleja como homem” (MOTT, 1987, p. 23).

No século XIX era comum fazer referência às lésbicas como tribadistas. Adriana Agostini (2010), a partir dos estudos de Viñuales (2006), aponta que o tribadismo tem origem grega, da palavra “tribo” com o significado de “frotar”, “em português aquecer por fricção, esfregar” (p. 27). Uma associação a um determinado comportamento sexual lésbico. O lesbianismo não estava presente apenas entre as índias das tribos litorâneas do nosso extenso território, alcançou brancas, negras e alguns dizem que até a família imperial (MOTT, 1987).

A presença de lésbicas na História, contudo, é repleta de silêncio. Se as mulheres de um modo geral foram apagadas por diversos momentos dos anais da História, o silêncio referente às sáficas é absurdamente maior. Os poucos registros antigos sobre a homossexualidade focam suas atenções nos gays. Tania Navarro-Swain (2004) aponta que a História é contada sob uma ótica estipulada, possuidora de uma série de determinações sobre o que se pode e o que não se pode ver. Para a autora, as lésbicas são vítimas de uma política do esquecimento, pois “apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época” (p. 15).

A “política do esquecimento” (NAVARRO-SWAIN, 2004) manifesta-se também no campo da linguagem, com o uso do masculino como designação universal, cuja utilização impossibilita verificar a participação de mulheres em diversos processos históricos. Além, é claro, do não emprego de palavras específicas para designar homossexuais femininas.

No século XVII, por exemplo, a Inquisição denominava as lésbicas de sodomitas, mesma alcunha dos gays. Navarro-Swain (2004) considera isso significativo pois “ao nomear cria-se uma imagem, cria-se um personagem no imaginário social. As mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, logo, à existência” (p. 19). Isso porque “o poder define o que pode ser dito e o que deve ser silenciado” (GUIMARÃES, 2006, p. 31), e essa correlação de forças é refletida na formatação política e social. Na sociedade machista e patriarcal, é inaceitável que mulheres ocupem qualquer espaço social ou político para além das expectativas de gênero depositadas nelas. Não esperam que mulheres sejam guerreiras, ocupem espaço na política, façam descobertas científicas importantes ou dispensem de alguma forma a presença dos homens de suas vidas, por isso o silêncio, o esquecimento.

Voltando ao exemplo da Inquisição, em 1646 o Conselho Geral de Lisboa comunicou aos seus representantes no Brasil que não deveriam mais receber denúncias de casos de sodomia entre mulheres (MOTT, 1987). A medida faz parte da mesma estratégia de invisibilização lésbica.

Uma história atribuída à rainha Vitória da Grã-Bretanha no século XIX ilustra bem a situação política colocada. Segundo Daniel Borillo (2010), a rainha foi questionada sobre a falta de punição às lésbicas por se relacionarem sexualmente com mulheres, enquanto gays eram castigados pelo mesmo motivo. A rainha teria dito “como punir algo que não existe?” (p. 27). Portanto, não havia necessidade de castigá-las porque a sexualidade era negada às mulheres e especialmente às lésbicas. A homossexualidade feminina não era levada a sério, vista como brincadeira, momento passageiro, parte de jogos fúteis e juvenis, sem maiores consequências como uma gravidez, “perda de virgindade” ou destruição de um casamento, por exemplo (GUIMARÃES, 2006, p. 49). A ideia é de que o lesbianismo “não representa um perigo, pois as mulheres não têm nenhum poder na sociedade e seus casos amorosos não atentam contra a organização social” (ARC, 2009, p. 104). Contudo, sob nenhuma hipótese podemos confundir esse processo com tolerância ou aceitação social do lesbianismo.

Se as lésbicas foram, visivelmente, menos perseguidas que os gays, tal constatação não deve ser interpretada, de modo algum, como indício de uma maior tolerância a seu respeito; pelo contrário, essa indiferença nada mais é do que o sinal de uma atitude que manifesta um desdém muito maior, reflexo de uma misoginia que, ao transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino, torna impensáveis as relações erótico-afetivas entre mulheres (BORILLO, 2010, p. 28-29).

Mesmo sem leis que punissem diretamente o comportamento lésbico, certamente as sáficas não estavam livres para viverem essa sexualidade. O controle social sobre as mulheres era tamanho, que viviam sob o julgo de pais e maridos, a quem eram obrigadas a serem obedientes. Na França, até 1907 o marido tinha direito de receber o salário da esposa e até 1965 elas precisavam de autorização deles para poderem trabalhar (ARC, 2009, p. 102). Sem condições de se sustentarem e viverem uma vida autônoma, as lésbicas eram silenciadas e impelidas a seguirem as regras impostas pela sociedade machista.

Stéphane Arc (2009) evidencia a diferenciação das formas de repressão para as mulheres homossexuais. “Para cada uma delas, os opressores eram as instâncias privadas, mais do que os poderes públicos: a família mais do que a polícia, o hospital psiquiátrico mais do que a prisão, os costumes mais do que o Código Penal” (p. 103). Portanto, a sociedade não trata as lésbicas de forma branda, mas as reprime no âmbito do privado, destino imposto às mulheres pelo patriarcado.

3.2 Afinal de contas, o que é ser lésbica?

Diante da complexidade do entendimento sobre identidade gênero e orientação sexual da contemporaneidade, quais características devem ter uma lésbica? As definições estão comumente ligadas aos estereótipos negativos ligados à inversão sexual “mulher-macho,

paraíba, mulher feia, mal amada, desprezada” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 35). As lésbicas que povoam o imaginário popular são desprovidas de beleza e que se deitam com mulheres exatamente por não despertarem o interesse dos homens. Desde os relatos dos cronistas portugueses podemos perceber a retratação de lésbicas como seres que assumem um “comportamento masculino”, se tornando, portanto, uma caricatura tosca do “verdadeiro homem”.

Uma possível forma objetiva de descrever uma lésbica seria afirmar que se tratam de mulheres que se relacionam sexualmente com outras mulheres. Entretanto, nem mesmo essa conclusão simplista é considerada consenso, já que para algumas lésbicas o ser mulher não está condicionado ao sexo biológico, mas ao que a filósofa Judith Butler define como performance de gênero. A partir da máxima de Simone Beauvoir de que ninguém nasce mulher, torna-se mulher, Butler reflete que não há uma rigidez no trato da identidade de gênero de alguém pois:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2003 *apud* RODRIGUES, 2012, p. 151).

Diante dessa fluidez e performatividade de gênero, mulheres transexuais que se relacionam com outras mulheres transexuais ou cisgênero, por exemplo, podem se reivindicar lésbicas (perspectiva adotada para os fins desse estudo). O argumento, no entanto, é rechaçado pela ala mais radical do movimento lésbico, que leva em conta a constituição a partir do sexo biológico de origem.

Além disso, como alguém poderia ser definido apenas como uma prática sexual? Partimos da ideia de que não é possível caracterizarmos uma identidade lésbica ou mesmo um conceito estático sobre o que é ser lésbica, pois seria impossível contemplar as múltiplas formas de como se materializa o lesbianismo. Contudo, a partir de Adriana Agostini (2010) elencaremos pontos comuns convergentes no diz respeito ao que concebemos como lésbicas neste trabalho.

a) No que tange à orientação sexual, são mulheres que preferem se relacionar com outras mulheres (independente do seu sexo biológico de nascimento) (p. 33);

b) São consideradas “cidadãs de segunda categoria, pois na maioria dos países, entre eles o Brasil, elas ainda não partilham dos mesmos direitos civis das mulheres que preferem se relacionar sexualmente com homens” (p. 33);

c). Trazem consigo a “identidade ferida” (ERIBON, 2008) dos LGBTs, pautada na luta cotidiana contra a melancolia, o medo, a vergonha e a violência. Identidade que não coincide

com a ordem estabelecida socialmente (AGOSTINI, 2010, p. 33).

O que nos interessa, portanto, não é definir uma possível identidade lésbica ou o que seria uma lésbica, mas trazer elementos importantes para a análise que afetem esse conjunto de pessoas de forma coletiva. Adriana Agostini defende que essas questões:

Estarão sempre em tensão, em negociação na composição desses estilos de vida lésbicos, entre elas o gênero – o ser mulher –, a orientação e as práticas sexuais não heterocêntricas, a rede de afetividade e sociabilidade. Interessa ainda pensar nessa dificuldade de se colocar todas as mulheres que se identificam como lésbicas sob o mesmo guarda-chuva e estar atentos para o fato de que estilos de vida e identidades estão sempre em trânsito, em movimento (AGOSTINI, 2010, p. 34).

Neste sentido apontado, Navarro-Swain (2004, p. 60) compreende que o efeito político do lesbianismo é uma recusa ao enquadramento às normas sociais fundamentais implicadas às mulheres, como o controle ao corpo, emoção e desejo sexual feminino. Discutiremos a seguir como tais princípios foram sancionados socialmente em vista da manutenção da sociedade patriarcal.

3.3 Mulheres e homossexualidade

Para compreendermos a origem da dominação masculina sobre as mulheres e conseqüentemente sobre as lésbicas é preciso voltar o olhar a quatro a oito mil anos atrás. Ao contrário do que o sistema patriarcal nos tenta fazer acreditar, houve um tempo em que não existia opressão institucionalizada contra as mulheres.

Os estudos feitos por Engels (2009), em sua obra *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, afirmam que homens e mulheres viviam em condições sociais de igualdade na sociedade pré-histórica. Também eram comuns os relacionamentos homossexuais tanto entre homens, quanto entre mulheres (OKITA, 2007).

Nestas sociedades fundacionais, os sujeitos estavam engajados num estilo de vida comunal, com um forte senso de coletividade, que era extremamente necessário para a luta cotidiana com a natureza pela sobrevivência, pois a economia era pautada na caça, pesca e coleta. Como existia liberdade entre homens e mulheres para a escolha de parceiros e parceiras sexuais era impossível estabelecer uma descendência do bando a partir dos laços masculinos (ENGELS, 2009). Sérgio Lessa explica traços importantes dessa forma de organização social na obra *Abaixo a Família Monogâmica*.

Como apenas era possível criar um determinado número bastante pequeno de bebês por ano, era preciso regular da melhor forma possível a quantidade de mulheres adultas, de homens adultos e, portanto, de crianças e bebês de cada um dos sexos. Se fosse necessário aumentar a proporção dos homens, os bebês

femininos eram abandonados, e vice-versa. E, também, como a morte de um homem adulto não alterava a quantidade de bebês que o bando poderia ter, a vida das mulheres era mais protegida e na divisão de tarefas não cabia a elas, na maior parte dos casos, as mais perigosas. A criação das crianças não podia ficar na dependência de um pai ou de uma mãe, como é hoje: a morte de um adulto seria ainda pior para a comunidade se o esforço dedicado à criação de algumas crianças fosse também perdido. Por isso a tarefa de criar os filhos era uma tarefa tão coletiva como qualquer outra (LESSA, 2012, p. 18).

O avanço das tecnologias de produção poupou parte considerável dos esforços da humanidade na luta incessante com a natureza pela sobrevivência. O domínio da agricultura e domesticação dos animais, por exemplo, possibilitou a criação de excedente de produção para o sujeito produtivo de forma individual. No entanto, como parte da sociedade não produzia, a exemplo de crianças, grávidas, idosos e doentes, os excedentes eram insuficientes para contemplar as necessidades de todos de forma coletiva (LESSA, 2012, p. 22). A partir daí criam-se as condições para a formação não mais de uma organização social pautada na coletividade, mas de uma sociedade de classes, onde:

Uma parte da sociedade, a classe dominante, explora a outra majoritária da sociedade. Como a classe dominante concentra uma riqueza que não consegue inteiramente consumir, sobra para investir no desenvolvimento dos seus negócios. E desenvolver negócios significa também a construção de portos, de estradas, a concentração dos trabalhadores, o desenvolvimento de novas tecnologias, etc. Temos, assim, nestas sociedades um desenvolvimento mais acelerado das forças produtivas do que nas sociedades primitivas (LESSA, 2012, p. 22)

Nesse momento de transição para a sociedade de classes, era preciso controlar o processo de resistência daqueles que passariam a constituir a classe explorada (LESSA, 2012, p. 26). Portanto, a garantia das condições para sobrevivência deveria deixar de ser responsabilidade coletiva e integrar o âmbito individual. A instauração da concorrência social inviabilizou a criação de filhos, alimentação e moradia coletivas, com transferência da responsabilidade para o sujeito em sua vida privada. “É assim que a família se descola do coletivo e se constitui em núcleo privado: essa nova forma de organização de família é a família monogâmica ou família nuclear (p. 26).

As relações foram remodeladas e a organização social com características matriarcais superadas para o estabelecimento gradual do patriarcado. Nele, é fundamental a procriação de filhos com hereditariedade masculina incontestável para perpetuar a acumulação de bens via herança. A realização disso só foi possível com o confinamento das mulheres no âmbito doméstico, onde lhes era impossível a escolha de outros parceiros e outras parceiras sexuais. Assim, tanto as mulheres heterossexuais, quanto as lésbicas, foram excluídas da possibilidade

de terem bens e atuarem na vida pública. Vale lembrar que esse modelo familiar não determina a monogamia para os homens, cenário que permanece inalterado até os dias de hoje. Hiro Okita ressalta como esse processo alterou a forma como a sexualidade era tratada.

A sexualidade em geral, assumiu uma significação social negativa. Era uma forma de expressão pessoal incompatível com a nova ordem patriarcal, somente sendo permitido dentro dos limites rígidos da família monogâmica dominada pelo homem. Este fato resultou em que a homossexualidade, pela primeira vez, era um fenômeno condenado. As relações homossexuais da mulher, como também as heterossexuais casuais, eram limitadas pela dominação patriarcal (OKITA, 2007, p. 33-34).

Outros estudos ¹³apontam explicações diferentes para a formação da família monogâmica que não o surgimento da propriedade privada e da sociedade de classes. Contudo, ambas concordam com o que é fundamental para este trabalho: que a família monogâmica transformou as mulheres em propriedade dos homens, sem prestígio social, autonomia econômica e liberdade sexual. Além disso, as relações heterossexuais tornaram-se as aceitáveis socialmente e ficou evidente hierarquização das sexualidades.

Essa ordem sexual, ou seja, o sexismo, implica tanto a subordinação do feminino ao masculino quanto a hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia; por conseguinte, a evocação constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política de construção da normalidade sexual (BORILLO, 2010, p. 30).

Ademais dos assuntos abordados, um fator importante para a solidificação da opressão contra mulheres e homossexuais foi a intolerância por parte significativa das religiões. Para além do campo econômico, ligado à propriedade privada, as restrições à homossexualidade passaram com as religiões para o campo da subjetividade. Focaremos nossa discussão no cristianismo, já que toda sociedade ocidental sofreu sua influência.

Por volta dos séculos I e II as seitas cristãs começaram a se propagar amplamente em Roma, especialmente entre a população mais pobre (OKITA, 2007). Paulo de Tarso, um dos primeiros líderes cristãos, condenava publicamente a homossexualidade, sob a pena dos praticantes queimarem no fogo do inferno. Com o passar do tempo o cristianismo ganhou mais e mais adeptos, inclusive das classes abastardas. O momento crucial, no entanto, aconteceu em meados do século IV quando o imperador Constantino tirou o cristianismo da ilegalidade e passou a combater o paganismo como forma de obter maior controle sob o povo.

Constantino converteu-se ao Cristianismo, passou a obrigar a todos os cidadãos do maior império do planeta a tornar-se cristãos, daí o sexo passou a

¹³ Por exemplo, a explicação focada na descoberta pelo homem de sua participação na concepção das crias, segundo Camille Paglia (1992) ou explicações biológicas e arqueológicas, como apresenta Harari (2016).

ter uma conotação apenas de meio de gerar filhos e a homossexualidade se tornou uma conduta condenável (GIMENO, 2005). No ano de 390 d.C., iremos encontrar o registro do primeiro castigo corporal aplicado a homossexuais no reinado de Teodósio, o Grande (346 d.C. - 395 d.C.), e a primeira lei proibindo a homossexualidade foi promulgada em 533 d.C. pelo imperador Justiniano, que associou as relações homossexuais ao adultério ficando punidas com a pena de morte; leis posteriores obrigavam os homossexuais a arrependem-se e penitenciarem. A partir do século VII, com o surgimento e expansão do Islamismo em paralelo com o Cristianismo contribuíram para solidificar o conceito de que o sexo deveria ter finalidade procriatória e a homossexualidade devia ser banida da sociedade (GUIMARÃES, 2006, p. 42-43).

Além da religião, a medicina também cumpriu com o papel de legitimar a heteronormatividade, dessa vez através da ciência. Desde o século IV, Agostinho de Hipona acreditava que as práticas homossexuais eram antinaturais e considerava os sujeitos como invertidos sexuais (MIRA, 1999). Essa inversão era tida por exemplo como “um corpo masculino com alma de mulher ou um corpo feminino com alma de homem” (p. 401, tradução nossa). Desde então, para justificar tais pensamentos eram estudadas mulheres com características físicas tidas como masculinas (altura elevada e estrutura óssea forte) e homens fisicamente “feminilizados” (quadrilargos, pés pequenos, etc) (p. 401).

O primeiro livro médico a tratar exclusivamente sobre a homossexualidade foi o *Sexual Inversion* (Inversão Sexual) de Havelock Ellis em 1897 (GUIMARÃES, 2006, p. 44). A obra classificava a homossexualidade como fruto de anomalia genética e transtornos mentais familiares. Navarro-Swain (2004, p. 56) descreve que no Brasil dessa época as mulheres que se vestissem fora do padrão feminino determinado, mesmo as que exerciam alguma profissão, eram tomadas como sociopatas e internadas em hospitais psiquiátricos.

No Brasil, a primeira obra dedicada à homossexualidade foi publicada apenas em 1906 e também não tomou um caminho mais tolerante. O livro *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro* foi escrito pelo médico José Ricardo Pires de Almeida (MOTT, 1987, p. 46). A imposição do silêncio às lésbicas foi de certo modo notado por Almeida, que irritado pela dificuldade de obter informações sobre as mulheres homossexuais declarou que “as lesbianistas mais do que os uranistas (pederastas) se encerram em uma discrição que se lhes honra o sentimento do pudor, prejudica em todo caso à ciência” (p. 47). O médico afirmou ainda que esse comportamento era comum às lésbicas de todas as classes sociais.

Vigorava naquele momento os postulados psicanalíticos da evolução da sexualidade nas fases anal, oral, genital, que acompanhavam o crescimento que conferiam o período da infância até a fase adulta (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 57). De acordo com esse pensamento, homossexuais não alcançaram o pleno desenvolvimento do percurso sexual, fato gerador de

práticas sexuais tidas como infantilizadas.

Outro marco teórico preocupante no Brasil é o ano de 1961, com a publicação do livro *Homossexualismo e delinquência* de Luis Angelo Dourado (MOTT, 1987, p. 57). Depois de 20 anos de estudos e observações como chefe do Serviço de Biopsicologia da Penitenciária do Rio de Janeiro, Dourado concluiu que “homossexuais de ambos os sexos tinham certa disposição congênita para a criminalidade” (MOTT, 1987, p. 57). Especificamente sobre as lésbicas, o médico as caracterizava como “produto de uma infância desajustada que teve sua normal evolução emocional destruída” (MOTT, 1987, p. 59).

Existiam vertentes que acreditavam na cura homossexual por meio de tratamentos violentos. Segundo Navarro-Swain (2004, p. 56), alguns deles destinado às mulheres consistiam em impedir a masturbação com a cauterização ou ablação do clitóris, tentativas de curar o não-conformismo - definido como neurastenia - e o encorajamento de “sentimentos heterossexuais”, uma espécie de autocontrole sobre os impulsos sexuais.

Quantas e quantas meninas, adolescentes e mulheres adultas, não foram estupradas na sua identidade homossexual, cobaias indefesas nas mãos de médicos antiquados e machistas, vários deles até hoje considerando o homoerotismo como perversão, anormalidade, tara, desvio, etc, etc. Quantos confinamentos em quartos trancados a sete chaves, internações compulsórias em clínicas especializadas em “reabilitação” sexual, recondicionamento de orientação erótica através de terapias torturantes à base de choques, ácidos e psicotrópicos?! (MOTT, 1987, p. 59).

A influência negativa do mundo médico para a homossexualidade foi imensa e só começou a mudar quando o movimento homossexual já estava organizado e pressionava para a mudança deste cenário de violência institucionalizada. Como reflexo disso, em 1979 a “Associação Americana de Psiquiatria finalmente reconheceu a homossexualidade como uma inclinação natural do ser humano e assim, retirou a homossexualidade da lista oficial de doenças mentais” (GUIMARÃES, 2006, p. 44). A ação contribuiu para o processo de descriminalização da homossexualidade nas décadas de 1980 e 1990 na maior parte dos países do ocidente.

3.4 Preconceito contra lésbicas

Podemos considerar que a repulsa àquelas e àqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, causada por todos estes acontecimentos históricos, foram elementos importantes para a perpetuação da homofobia até os dias de hoje. Adotaremos aqui o conceito de homofobia defendido por Daniel Borillo (2010) de “atitude de hostilidade contra as/os homossexuais” (p. 13). Alberto Mira (1999) considera homofobia um “conceito útil porque ajuda a identificar a causa das dificuldades encontradas tanto pessoalmente, como do ponto de vista das estruturas

e imagens sociais” (p. 377, tradução nossa).

Mesmo que essa atitude seja muito antiga, como pudemos observar nas seções anteriores, o termo começou a ser utilizado recentemente. Borillo estima que seu emprego tenha sido em 1971 nos EUA e ganhou o mundo nos anos de 1990. As definições mais comuns nos dicionários conectam homofobia a uma rejeição irracional aos homossexuais. Contudo, a situação é muito mais complexa, pois a homofobia tem uma função social, não se trata de um “medo irracional” de altura ou insetos, por exemplo.

Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma – outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo (BORILLO, 2010, p. 13)

Por conta dessa hierarquização, a pessoa homossexual é aquela que não deve causar qualquer identificação, porque se ela existe, logo, o identificado também se torna parte do conjunto “anormal”. As fronteiras criadas para estabelecer de forma rígida a sexualidade e o gênero também afetam os não-homossexuais que não se enquadram de algum modo nas expectativas impostas socialmente (BORILLO, 2010, p. 16). Uma mulher heterossexual que aja de forma não convencional é taxada de lésbica, por exemplo.

A homofobia é alimentada não só pela força da violência física, que mata milhares de LGBTs em todo mundo a cada ano, mas também pela violência verbal. O xingamento “lésbica imunda” a uma homossexual, por exemplo, é uma comunicação à mulher, pautada no lugar designado a ela no mundo. Didier Eribon (2008) faz uma discussão importante sobre o processo de injuriar homossexuais e seus efeitos para os indivíduos LGBT.

A injúria é um ato de linguagem – ou uma série repetida de atos de linguagem – pelo qual um lugar particular é atribuído no mundo àquele que dela é destinatário. Essa atribuição determina um ponto de vista sobre o mundo, uma percepção particular. A injúria produz efeitos profundos na consciência de um indivíduo pelo que ela diz a ele: “Eu te assimilo a”, “Eu te reduzo a”. A injúria [...] tem por função produzir efeitos e principalmente instituir ou perpetuar, o corte entre os “normais” e aqueles que Goffman chama de “estigmatizados”, fazendo esse corte entrar na cabeça dos indivíduos. A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou (ERIBON, 2008, p. 29).

Borillo (2010) diferencia a homofobia afetiva da cognitiva. A primeira estaria ligada ao campo psicológico por meio da condenação da homossexualidade. A segunda faz referência ao campo social cujo objetivo é manter a diferenciação entre homossexuais e heterossexuais, com

possibilidade inclusive de algum nível de tolerância. “Ninguém rejeita os homossexuais; entretanto, ninguém fica chocado pelo fato de que eles não usufruam dos mesmos direitos reconhecidos aos heterossexuais” (BORILLO, 2010, p. 24)

Há também a classificação de homofobia geral e específica (BORILLO, 2010). Como o nome sugere, a homofobia geral trata do preconceito sofrido pela comunidade LGBT como um todo, já a específica diz respeito às opressões exclusivas de cada segmento, como lesbofobia, gayfobia, transfobia. Nesse sentido, as lésbicas, diferentes dos gays, sofrem uma dupla discriminação, a de gênero por serem mulheres e da sexualidade por serem homossexuais.

A lesbofobia se caracteriza pela repulsa ou aversão que alguns grupos ou indivíduos sentem frente às relações afetivas e sexuais entre mulheres e a misoginia - aversão a tudo que possa ser considerado feminino, cujos fatores são apontados como os maiores causadores de violência contra as lésbicas em todo o mundo (GUIMARÃES, 2006, p. 38).

Para Silvia Gomide (2006), a mulher homossexual passa pelo dilema de viver como lésbica ou prosseguir com a heterossexualidade compulsória. Escolhido o segundo caminho, “destinado” a ela desde os seus primeiros dias de vida, seguem na sequência as expectativas de se tornar mãe e esposa, seus papéis naturalizados socialmente.

A homofobia e outras formas estruturais de discriminação, como o racismo e a opressão de classe, são criadas para legitimar a exclusão - baseadas na lógica da inferiorização, da desumanização do outro - e justificativa para a violência. Enquanto a estratégia da violência de forma geral é supervalorizar uns e menosprezar outros (BORILLO, 2010, p. 34).

A ideologia homofóbica está contida no conjunto das ideias que se articulam em uma unidade relativamente sistemática (doutrina) e com finalidade normativa (promover o ideal heterossexual). Forma sofisticada das concepções populares e cotidianas sobre a homossexualidade, as teorias homofóbicas, através de suas diferentes vertentes, propõem uma forma de considerar os gêneros e as sexualidades pela construção de um sistema de valores (a promoção da heterossexualidade monogâmica) e pela proposição de um projeto político (a diferenciação, a cura, a segregação ou a eliminação dos/as homossexuais). As doutrinas heterossexistas permitem fortalecer a dominação dos "normais" sobre os "anormais", além de ter em comum - da medicina à sexologia, passando pela psicanálise e pela antropologia – essa formidável capacidade para produzir discursos sobre a homossexualidade; aliás, tais discursos estão na origem da justificativa das políticas discriminatórias (BORILLO, 2010, p. 64).

São incontáveis os membros da comunidade LGBT que tiveram suas vidas arrancadas por meio da violência gerada pela homofobia ao longo da História. Séculos de repressão se tornaram combustível para que a comunidade LGBT iniciasse a luta contra a discriminação e pelo tratamento igualitário.

3.5 Movimento LGBT sai do armário

As primeiras mobilizações organizadas de homossexuais ocorreram na Alemanha ao final do século XIX. O médico Benkert, sob o pseudônimo K. M. Kertbeny, escreveu em 1860 uma carta ao Ministro da Justiça que retratava a indignação com a intolerância e o fanatismo alemão contra homossexuais, termo que ele mesmo cunhou para designar as pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo (OKITA, 2007).

No mesmo documento, ele denunciava com preocupação a aplicação do parágrafo 175 do Código Penal, cujo conteúdo tratava a homossexualidade como delito (p.53). Benkert defendia que a aplicação de tal parte da lei era “um perigoso sintoma de que o relógio da História começava a retroceder” (p. 54). Suas preocupações estavam fundadas na evolução do interesse médico em estudar a homossexualidade (OKITA, 2007, p. 54) e como já apontado anteriormente, as visões a respeito da comunidade homossexual eram extremamente preconceituosas.

A partir das discussões levantadas por Benkert, homossexuais alemães começaram a se mobilizar em torno da pauta antidiscriminatória, todavia, (OKITA, 2007, p. 55) a primeira organização formal surgiu apenas em 1897 sob a liderança do Dr. Magnus Hirschfeld. Os principais objetivos do Comitê eram: atuar no campo legislativo contra a discriminação homossexual, especialmente pela revogação do parágrafo 175 do Código Penal; publicizar a homossexualidade para a sociedade sob outra ótica; engajar os próprios homossexuais na luta por seus direitos (p. 55).

Traçado plano, (OKITA, 2007) o Comitê pôs em prática diversas atividades para fazer com que os objetivos fossem alcançados. Uma das mais relevantes foi a coleta de assinaturas de celebridades de diversos campos e nacionalidades para uma petição pelo fim do tratamento criminal a atos homossexuais (p. 56).

Os partidários dessa petição sublinhavam, entre outros pontos, a injustiça da lei, que poderia fazer com que milhares de cidadãos caíssem em mãos de chantagistas e extorsionistas e que ao invés de libertar o homossexual da sua inofensiva inclinação os jogava nos braços do desespero, e frequentemente os levava ao suicídio (OKITA, 2007, p. 56).

Depois da I Guerra Mundial (1914-1918), o Comitê se juntou a outros grupos de defesa da causa homossexual, o que resultou na coleta de mais de seis mil assinaturas à petição (OKITA, 2007). O documento foi apresentado em 8 de março de 1922 ao Parlamento Alemão, que devolveu ao governo um ano depois e lá ficou estagnada devido ao “caos econômico e social do pós-I Guerra chegou a tal extremo que a existência do Comitê se viu seriamente

ameaçada e seus esforços foram eclipsados” (OKITA, 2007, p. 57), com suas atividades encerradas em 1933. O parágrafo 175 só foi alterado em 1969, fruto da mobilização do movimento homossexual.

O levantamento de Hiro Okita (2007, p. 60) afirma que desde 1920 Hirshfeld sofria ataques de grupos fascistas, nazistas e antissemitas, que o deixaram inclusive com uma fratura no crânio. Os inúmeros livros, fotografias e outros materiais reunidos pelas organizações homossexuais sobre sexualidade foram queimados publicamente em 1933 (p. 61). A perseguição à população LGBT era feita por fascistas, nazistas e stalinistas, o que resultou na fuga e morte de milhares de homossexuais (p. 61).

Esta primeira fase do movimento homossexual também teve reflexos importantes na Rússia. Com a revolução de caráter socialista de 1917, o governo bolchevique pôs fim às leis que criminalizavam homossexuais (OKITA, 2007, p. 63), uma posição política avançada para a época. A ação estava associada à revolução sexual russa, pautada principalmente pela juventude. De forma geral o governo bolchevique acreditava que “a homossexualidade não fazia dano a ninguém” (p. 64). Contudo, os ideais revolucionários foram rapidamente deturpados com a chegada de Stalin ao poder.

Em 1929 o stalinismo havia começado a desenvolver uma mitologia sobre a “homossexualidade como produto da decadência do setor burguês da sociedade como resultado da “perversão fascista”, a que os fascistas (e nazistas) responderam qualificando qualquer desvio da pureza moral que glorificavam como “bolchevismo sexual”. Os stalinistas pregavam as excelências da “decência proletária” e começaram a purgar o partido. As discriminações, a vigilância e a denúncia de homossexuais tiveram início (OKITA, 2007, p. 68).

Sob a influência do stalinismo, a Revolução Cubana de 1959 também perseguiu os homossexuais por considerá-los parte da decadência burguesa, “resquícios do bordel que o país foi sob a ditadura de Batista” (OKITA, 2007, p. 70). O resultado disso foi o envio de homossexuais para campos de trabalho forçado, motivo da fuga muitos não-heterossexuais da ilha.

Outro momento fundamental para a organização do movimento homossexual mundialmente foi a revolta de Stonewall em 27 de junho de 1969, “quando gays, lésbicas e travestis reagiram com violência física contra uma das freqüentes incursões policiais ao bar Stonewall” (GOMIDE, 2006, p. 19). O movimento resultante do protesto ficou conhecido como *Gay Liberation* (Liberação Gay) e criticava os valores da sociedade heteronormativa, os papéis de gênero, a monogamia e as leis (p. 19). O movimento foi o primeiro a considerar o processo de se assumir publicamente como homossexual, o *coming out of the closet* (saída do armário),

como um posicionamento político importante para a causa LGBT.

Inspirados nas lutas dos negros, mulheres, heróis vietnamitas, o movimento tomou uma orientação altamente política. Nos anos seguintes o movimento forçou várias mudanças na sociedade norte-americana. Forçaram a Associação Americana de Psiquiatria a repensar sua classificação tradicional de homossexual como doença e ganhou cobertura ampla nas suas reivindicações básicas: fim da discriminação no emprego, na habitação, fim dos ataques policiais contra a comunidade homossexual, pelos direitos dos professores etc. Em várias cidades, governos municipais instituíram leis pelos direitos civis dos homossexuais, proibindo discriminação no emprego e na habitação (OKITA, 2007, p. 74).

As lésbicas já participavam dos movimentos em defesa dos LGBT, contudo, só a partir do *Gay Liberation*, na década de 1970, iniciaram uma organização nacional nos EUA com o objetivo de lutar pelas suas pautas específicas (OKITA, 2007). As homossexuais buscaram uma aproximação do movimento feminista e tiveram que lutar contra a expulsão dele, pois as heterossexuais eram contra qualquer tipo de associação da imagem das mulheres feministas ao lesbianismo.

O *Gay Liberation* teve importantes vitórias nos EUA tais como a possibilidade de homossexuais atuarem no serviço público e fim de leis estaduais que condenavam a população LGBT por sodomia (OKITA, 2007). Os avanços não foram bem vistos pela direita conservadora no país. Quando a crise econômica dos anos de 1970 foi instaurada, a burguesia estadunidense iniciou a retirada de direitos da população. Fundamentalistas religiosos, bem como outros grupos ligados aos interesses da classe dominante, utilizaram as vitórias conquistadas pelos movimentos sociais como uma das causas dos problemas econômicos. A situação gerou um forte movimento racista, misógino e homofóbico no país, causador de inúmeros casos de violência (OKITA, 2007).

Todas estas experiências vividas pelo movimento LGBT internacional refletiram diretamente no Brasil. Veremos a seguir questões consideradas importantes para dimensionarmos como foram dados os primeiros passos na constituição do movimento homossexual brasileiro, com foco na organização lésbica.

3.6 Brasil e o movimento LGBT

Apesar da influência estadunidense, o movimento LGBT brasileiro não nasceu diretamente de um confronto com a polícia contra a repressão ou organização de algum tipo de ação nas ruas. Nas décadas de 1960 e 1970, quando se espalhou pelo mundo a organização política de homossexuais, o Brasil ainda vivia em uma ditadura militar (1964-1985), o que retardou o processo no país. Somado a isso, a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5)

censurava fortemente toda população.

Ao final de 1977, Winston Leyland, editor-chefe da revista estadunidense *Gay Sunshine*, veio ao Brasil em busca de escritores para realizar um trabalho sobre homoerotismo na América Latina (PÉRET, 2011). Durante seu período de estadia, esteve em contato com uma série de intelectuais brasileiros. A partir desses encontros e com o abrandamento da censura, após a revogação do AI-5 em 1978, surgiu a ideia de criar no Rio de Janeiro um jornal alternativo voltado para o público homossexual, o *Lampião da Esquina*.

O nome estava em total sintonia com as aspirações do jornal. O *Lampião*, assim como o original (o cangaceiro mais famoso do Brasil), exalava coragem, rebeldia e transgressão. O jornal se propunha a tratar de temas polêmicos relacionados não só aos LGBT, mas a outros grupos minoritários, denunciar a violência estatal, discutir fofocas, cultura, enfim, construir uma imagem positiva da homossexualidade. Suas páginas eram recheadas de humor, ironia, sarcasmo e gírias da comunidade homossexual, gerando forte identificação com o público-alvo.

Além de criar um glossário gay, o jornal começou a utilizar termos que eram vetados na mídia tradicional e malvistas na imprensa alternativa da década de 1970, como “bicha”, “lésbica”, “boneca”, “viado”, “bofe” e “guei” (forma aportuguesada de gay). Trevisan [um dos autores do *Lampião*] conta que, na época, um amigo que trabalhava na Folha de São Paulo um dia recebeu de volta um texto no qual a palavra “lésbica” havia sido riscada e substituída por “feminista”. “Para você imaginar a ruptura que criamos. Antes, a palavra 'lésbica' nem podia aparecer escrita no jornal” (PÉRET, 2011, p.50, aspas no original)

O *Lampião* foi o primeiro jornal homossexual de circulação nacional, com tiragem entre 10 e 20 mil exemplares e vendido em poucas bancas de jornais, já que muitas se recusavam a comercializar este tipo de conteúdo (PÉRET, 2011). Como se tratava de uma publicação evidentemente não-heterossexual, “o ato mesmo de comprar o jornal era uma espécie de saída do armário, uma forma de assumir [a homossexualidade]” (p.53).

A circulação do *Lampião* e o retorno de artistas, intelectuais e ativistas anistiados da ditadura militar do exílio no exterior a partir de 1979 contribuíram para a formação do primeiro grupo homossexual organizado brasileiro, o *Somos*. Para o escritor e ex-integrante do *Somos*, João Silvério Trevisan, a consolidação do grupo foi marcada pela realização de uma discussão sobre homossexualidade na Universidade de São Paulo (USP), no dia 8 de fevereiro de 1979: “de dez gatos-pingados, chegamos rapidamente a uma média de 100 pessoas (TREVISAN, 2000, p. 345).

Com o crescimento do *Somos*, vários subgrupos foram montados com realização de reuniões nas casas dos próprios integrantes, pois não havia sede (TREVISAN, 2000). Como a ditadura ainda perdurava, existia suspeita na época de que a movimentação era vigiada pelos

militares, então as pessoas interessadas em participar passavam antes por grupos de “reconhecimento ou identificação” (p. 345).

Inicialmente a composição do *Somos* era basicamente de gays, até que “cresceu também o número de mulheres, até quase igualar ao dos homens” (p. 345). Quanto mais aumentava a quantidade delas, ampliava também a necessidade de criar um núcleo que fosse formado exclusivamente por mulheres. A justificativa estava ancorada no machismo apresentado pelos próprios gays participantes do movimento que “monopolizavam as discussões e se referiam às mulheres pejorativamente como rchas ou rachadas” (MOTT, 1987, p. 156). Segundo Mira (1999), a lesbofobia dentro do movimento LGBT não é incomum, pois por vezes homens homossexuais calam vozes lésbicas ao assumirem posicionamentos ligados especificamente ao âmbito masculino, como certa agressividade sexual, machismo e o exibicionismo.

Uma das primeiras organizações de mulheres homossexuais do Brasil foi o *Grupo Ação Lésbica Feminista* (GALF) criado ainda 1979, como um subgrupo do *Somos*, que fazia seus debates a partir de textos feministas (MOTT, 1987). A aproximação do movimento de mulheres se deu especialmente a partir II Congresso da Mulher Paulista ocorrido no início de 1980. Cerca de dois meses depois o *GALF* se separou definitivamente do *Somos* (p. 157). Contudo, a proximidade com o movimento feminista não ocorreu sem tensionamentos, pois assim como nos EUA, parte das heterossexuais não queria estar associada ao lesbianismo (TREVISAN, 2000).

Luiz Mott (1987, p. 157) aponta a partir de informativos do *GALF* que os objetivos do grupo eram: a) Informar e conscientizar as mulheres lésbicas de seus direitos e da importância de apoiar e criar organizações que defendam nossos interesses; b) Desenvolver uma rede de contatos entre organizações de mulheres lésbicas no Brasil e no exterior, com o propósito de quebrar o isolamento a que muitas de nós estão sujeitas e obter o apoio emocional e político; c) Promover debates sobre lesbianidade e feminismo, bem como exibir filmes, vídeos, etc com a mesma temática; d) Desenvolver a biblioteca do *GALF* para colocá-la à disposição de todas as pessoas interessadas; e) Obter uma sede para o *GALF* desenvolver suas atividades. Em 1981, o grupo criou o primeiro jornal lésbico do Brasil, o *Chanacomchana*, que se definia da seguinte forma no editorial da primeira edição:

CHANACOMCHANA foi um pulo do conformismo para a participação. Nosso jornal é a nossa ponte. A palavra CHANA não pode ser sumariamente definida como órgão sexual feminino. É algo mais amplo, quanto os contrapontos de existir. Que a palavra CHANA soe para uns como CHANCE, para alguns como CHANCA (pé grande, sapatão), e para outros, como CHAMA. O importante é isentar-se das conotações... CHANACOMCHANA é um sopro, mas há horas em que um sopro pode representar tudo, inclusive a

vida. E a vida é negra, é prostituta, é homossexual, é mulher, e amamos todas estas suas facetas politicamente minoritárias (CHANACOMCHANA, 1981, p. 1 *apud* MOTT, 1987, p. 157)

Assim como o *Lampião da Esquina*, o *Chanacomchana* passou a compor o cenário da imprensa alternativa e a fazer um papel de diálogo importante com a comunidade homossexual, especialmente o segmento lésbico. As edições possuíam informações sobre “lesbianismo, poesias, depoimentos, inclusive uma coluna de troca de cartas, com endereço de mulheres solicitando correspondência” (MOTT, 1987, p. 157).

Uma observação importante sobre as lésbicas brasileiras diz respeito à marcação dos papéis “*butch-femme*” desde as décadas de 1940 e 1950, sendo o primeiro termo uma referência às mulheres homossexuais com características físicas e comportamentais tidas como “masculinas” e o segundo às mais “femininas” (TOLEDO, 2008). Em geral, as lésbicas de menor poder econômico, influenciadas pelo que associavam ao lesbianismo na época (inclusive a ideia da inversão sexual), não encontravam outro modelo de identidade social além do heterossexual existente. O resultado disso era a reiteração inclusive dos papéis de gênero tradicionais, levando-as por vezes a reproduzirem o machismo em suas relações homossexuais. Segundo Livia Toledo (2008, p. 158), apesar disso, tais mulheres possuíam um importante papel na história, por “serem as primeiras lésbicas claramente visíveis, as primeiras a construir uma subcultura lésbica e as primeiras também em conquistar espaços de liberdade para as lésbicas”. A situação contrastava com a vivência das mulheres homossexuais de nível social mais alto.

[Elas] tinham mais possibilidades de serem feministas e era mais frequente que rechassem a política dos gêneros dicotômicos. Foi nesse mesmo período que ativistas lésbicas mostraram o quão próximo era a relação entre a heterossexualidade e a supremacia dos homens, enfatizando o efeito controlador da norma heterossexual sobre as mulheres lésbicas e heterossexuais. Foram as lésbicas ativistas que “começaram a representar um momento histórico em que a heterossexualidade foi publicamente questionada, [o que] permitiu o desenvolvimento de uma crítica mais detalhada, ligando a supremacia heterossexual ao domínio masculino” (TOLEDO, 2008, p. 158, *aspas no original*).

O feminismo lésbico dos anos de 1970 e 1980 criticava a heterossexualidade obrigatória, desqualificação do amor lésbico, estabelecimento de expectativas comportamentais a partir da determinação do sexo biológico (SELEM, 2007). O lesbianismo estava associado a “um desafio e uma ameaça à ordem androcêntrica, pois escapava da tutela do 'contrato sexual', que reduz o feminino a uma condição 'naturalmente' subordinada” (p. 67).

Alguns fatos históricos da década de 1980 foram importantes para os rumos do

movimento homossexual. Os partidos de esquerda brasileiros reconsideraram seu posicionamento anterior de que as lutas contra a homofobia, racismo e feminismo eram secundárias ante a necessidade de se fazer a revolução proletária. A alteração de postura fez com que diversos militantes homossexuais (mulheres e homens) retornassem aos partidos políticos e criassem setoriais LGBT. O fato possibilitou o ingresso da pauta homossexual nos processos eleitorais, após o término da ditadura militar em 1985. Contudo, o movimento homossexual não conseguiu intervir para a inclusão do adendo sobre “orientação sexual” na Constituição de 1988. “Cidadãos e cidadãs homossexuais continuaram sem direitos constitucionalmente garantidos para se defender contra a discriminação homofóbica” (TREVISAN, 2000, p. 367).

A década seguinte foi marcada claramente pela adoção da política integracionista, que pregava a elevação do homossexual à categoria de “cidadão normal” (TREVISAN, 2000). Aliado a isso, pois se tratava de uma tática fortemente ligada ao pensamento liberal, o mercado percebeu o público LGBT como um novo segmento a ser explorado e passou a elaborar produtos para o consumo dessa minoria social.

Neste contexto em que se misturam militância e mercado, é natural que a tônica da luta pelos direitos homossexuais tenha passado de uma contestação social mais abrangente para uma busca de maior integração social, ampliando os limites do gueto. A ênfase em um “movimento de massa” orientou-se para outros parâmetros, envolvendo a mídia, que desempenhou a função de fazer chegar à massa. Foi assim que nos anos 90 apresentaram várias inovações fundamentais do liberacionismo homossexual brasileiro (TREVISAN, 2000, p. 376).

Diversos grupos ativistas foram criados em todo país e iniciaram uma atuação política direta. Em conjunto com grupos internacionais, participaram do tensionamento para que a Organização Mundial de Saúde excluísse a homossexualidade do Cadastro Internacional de Doenças (CID), em 1993. “Fundou-se em 1995 a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), procurando implementar políticas de liberação e coordenar ações em todo país” (TREVISAN, 2000, p. 380). Um dos resultados conquistados foi a discussão dos assuntos relacionados à homossexualidade nas Comissões de Direitos Humanos de diversos Estados e a inclusão do item antidiscriminatório por orientação sexual na Lei Orgânica de centenas de municípios e Constituições Estaduais (p. 383).

Por conta da opção da tática integracionista, uma das grandes reivindicações da época era pelo direito à união civil entre casais do mesmo sexo. Nesse sentido, o projeto de lei 1.151/95 foi criado com essa finalidade em 1995 pela deputada federal Marta Suplicy. Boa parte do movimento homossexual, inclusive de lésbicas, a partir da influência de

integracionista, defendia que o casamento civil representava aos homossexuais:

A pedra fundamental para que as sociedades incluam em seu seio, definitivamente, uma grande parcela de cidadãos/ãs produtivos mas abandonados ao seu próprio destino. Ao garantir o acesso a relacionamentos amorosos mais duradouros entre homossexuais [...] essencial também para “a estabilidade emocional e segurança econômica” de homossexuais. Assim, assimilava-se o modelo de casamento heterossexual (antes contestado como fonte de todos os males) para buscar maior integração social” (TREVISAN, 2000, p. 381).

A mobilização durou por mais 16 anos até que o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi aprovado pelo Superior Tribunal Federal em 2011, fruto de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade. Apesar dos avanços inquestionáveis para a vivência da homossexualidade, conquistados pela brava luta do movimento homossexual ao longo dos anos, o Brasil ainda não pode ser considerado um país que valoriza e respeita essa comunidade, vide os índices alarmantes de violência contra LGBT. Como apontado no capítulo anterior, nem mesmo a ficção televisiva é terreno de fácil acesso para a constituição de representação positiva da homossexualidade, especialmente a lésbica. Após termos apontado um breve panorama da organização do movimento homossexual no país, discutiremos a seguir o ativismo do Fandom Clarina. Para tanto, é necessário ressaltarmos as especificidades do ativismo na internet e como isso influencia a atuação dos movimentos sociais hoje.

3.7 Ativismo na internet

Ao longo das discussões elaboradas até aqui apontamos elementos para a organização ativista do movimento LGBT e algumas de suas ações concretas na luta contra a discriminação dos homossexuais. Podemos perceber que identificar o ativismo em sua prática social ao longo da História é uma tarefa consideravelmente simples e talvez por isso não existam muitos esforços para discuti-lo de forma minuciosa no campo teórico. O conceito é tomado como dado e devido a isso existe uma escassez materiais sobre o assunto.

No contexto atual de abrangência da internet e uma sociedade cada vez mais midiaticizada, Jandré Batista (2012) ressalta que as dificuldades para conceituação do ativismo são ainda maiores, pois “as ações coletivas, agora inseridas no ambiente da comunicação mediada por computador, readaptam as suas estruturas de poder e de coordenação de ações” (p. 22). Diante desse novo cenário, o ativismo acaba confundido com “ação coletiva, movimento social, sindicalismo, militância partidária, com qualquer mobilização individual ou de um grupo de pessoas” (p. 25). Algumas tentativas de discussão do que seria ativismo, no entanto, foram consideradas importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Jandré Batista (2012, p. 29), a partir dos estudos de Tim Jordan, define ativismo como uma forma de expressão coletiva de força entre segmentos sociais - que não se enquadram na lógica social individualista - com diferentes intenções e posicionamentos ideológicos. Outrossim, Érico Assis (2006, p. 11) argumenta sobre ativismo fundamentado em Aline Hernandez como “ações coletivas que produzem transgressão e solidariedade”, com ressaltos para as características também apontadas por Jordan sobre o entendimento do que se trata transgressão nessa circunstância:

A transgressão é essencial ao ativismo porque toda ação coletiva não tem um aspecto político se não houver alguma transformação entre as demandas. (...) O que é essencial ao ativismo não é simplesmente haver mais do que uma pessoa, como em um cinema, mas um sentido de solidariedade em busca da transgressão. Deve haver um sentido de identidade compartilhada, [pertencimento] que pode ser entendido nesta etapa como pessoas reconhecendo, umas nas outras a raiva, o medo, a esperança ou outras emoções que sintam quanto a uma transgressão (JORDAN, 2002, p. 11-12 *apud* ASSIS, 2006, p. 13).

Por conta da tentativa de distanciamento do pensamento Marxista para análise dos conflitos e mobilizações sociais, especialmente a partir da década de 1960, a designação “ativista” começou a ser utilizada no lugar de “militante”, “revolucionário”, e outras palavras ligadas a essa vertente. Um dos fatores para essa ocorrência está relacionado à criação de movimentos sociais com causas específicas (meio ambiente, mulheres, homossexuais, etc) que não estavam conectados necessariamente com as lutas pelo fim da sociedade de classes, conforme defesa do marxismo. Por conta da conjuntura política da época, inclusive de ditaduras em toda América Latina, a avaliação dos partidos de esquerda era de que a disputa pelo fim da sociedade de exploração do homem pelo homem era “maior” que as de temas específicos. Os integrantes dos movimentos divergiam da ideia e se afastaram desta visão teórica, pois ao mesmo tempo em que não concordam com o poder estabelecido pelo Estado, não se apresentam como uma alternativa a este poder (GOHN, 1997, p. 130).

Em vista dos aspectos apresentados, adotaremos a concepção de ativismo como organização coletiva de ações transgressoras, enquadradas politicamente como de esquerda, geradoras de solidariedade, que não possuem como horizonte a transformação radical da sociedade capitalista.

Um dos elementos a serem levados em conta na análise do ativismo são as tecnologias da comunicação de cada época. Pudemos observar na seção anterior que passos importantes do ativismo do movimento homossexual brasileiro estiveram ligados a jornais alternativos, especialmente do *Chanacomchana* e do *Lampião da Esquina*. Da mesma forma como a

apropriação da tipografia e telégrafo, foram fundamentais para a articulação dos movimentos sociais nos séculos passados. Para elaboração dos referidos jornais, por exemplo, foi necessária a constituição de equipe ativista para a realização de reuniões de pauta, criação e revisão dos textos, construção das capas, planejamento de distribuição e de finanças, etc.

Em tempos de internet o ativismo toma outras configurações, pois o indivíduo torna-se capaz de “melhor estabelecer as suas conexões, selecionar conteúdos, produzir as suas mensagens e transmiti-las a um grande público. Sem para isso arcar com custos operacionais significativos” (BATISTA, 2012, p. 22-23).

Nesse sentido, o ativismo na internet é caracterizado por ser difuso, descentralizado e de baixo custo. Não se faz necessária a criação de uma estrutura com papéis definidos entre os participantes, nem a distinção entre classes sociais. A pluralidade de ideias é uma das suas marcas, já que as redes sociais, especialmente, possibilitam o amplo debate com pessoas das mais variadas idades e de qualquer lugar do planeta. Em geral, ações não-violentas e criativas são incentivadas em detrimento das ações diretas mais radicalizadas.

O ativismo restrito ao âmbito da internet é um tema polêmico, inclusive entre os movimentos sociais de atuação offline. A discussão gira em torno do efetivo impacto ou a falta dele nas reivindicações sociais. O termo pejorativo *slacktivism* (ativismo de sofá, tradução nossa) foi criado pelos que acusam esse ativismo de ser apenas uma forma de “sentir-se-bem-clicando” (LIMA, 2013). De acordo com essa perspectiva, a atuação limitada não altera efetivamente os elementos concretos da realidade. Assinar uma petição pública *online* pela qualificação dos profissionais de saúde pública no atendimento de lésbicas, por exemplo, pode ser um elemento de pressão contra o poder público, contudo, não garante que apenas esse tipo de ação conquistará a implementação da reivindicação.

[*Slacktivism* é um] termo anglófono pejorativo que denomina uma forma de participação social que se caracteriza como preguiçosa, pois está à distância de um clique, mas que provoca nos indivíduos uma sensação de participação social e de um impacto positivo importante na sociedade. No entanto, há que ter em conta que clicar num botão é bastante simples e não implica envolvimento nem preocupação; o que leva à “demissão” da maioria dos utilizadores que rapidamente esquecem o assunto. Ou seja, é uma participação sem continuação, sem implicações, sem emoção, sem empenhamento (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 65)

Marcus Lima (2013) faz o contraponto em relação às críticas feitas ao ativismo realizado nas mídias sociais da internet. O autor defende que elas não são, como alguns fazem crer, “um 'pó mágico’”, feito de pixels, que pode ser espalhado sobre problemas complexos para fazê-los melhores, mas elas são o começo de um impacto no ativismo que vai além do 'curtir' e dos

'tweets'" (p. 289). Essa nova forma de fazer ativismo abre a possibilidade de engajar pessoas que não participariam de ações políticas nos moldes realizados historicamente (LIMA, 2014). Além disso, “a habilidade dos indivíduos de se auto publicarem elevam a nível mundial a visibilidade de alguns movimentos que talvez eles nunca fossem capazes de alcançar” (p. 3). Sónia Sebastião e Ana Catarina Elias reforçam a ideia da amplitude das pautas ativistas com a internet.

Os weblogues e páginas pessoais são também veículos de participação e de apelo e, hoje em dia, são cada vez mais bem-sucedidos, uma vez que a internet permite uma distribuição alargada da informação no espaço e no tempo. Assim, os pedidos de apoio passam a ser internacionais, bem como as respostas e as participações neles (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 64).

A partir dos estudos de Leah Lievrouw, Marcus Lima (2014, p. 5) aponta cinco classificações para os gêneros de ativismo realizados na internet: a) Interferência Cultural: subversão de elementos da cultura popular (ex.: *memes*, paródias); b) Computação Alternativa: desenvolvimento e distribuição de softwares para acesso livre como uma alternativa à propriedade privada (ex.: modificação de programas de computador pagos para acesso gratuito); c) Jornalismo Participativo: construção e veiculação de materiais jornalísticos sob práticas de produção e ideologia divergentes da mídia convencional (ex.: imprensa alternativa); d) Mobilização Mediada: ações coletivas nas quais os atores sociais organizam e trabalham por modificações da realidade (ex.: protestos virtuais); e) Conhecimento Compartilhado: produção colaborativa de conhecimento a partir da crítica contra o conhecimento institucionalizado (ex.: enciclopédias participativas). Focaremos nossa análise a seguir nos itens “a” e “d”, pois são estes os gêneros de ativismo realizados pelo Fandom Clarina.

3.7.1 Mobilização Mediada do Fandom Clarina

A mobilização mediada considera as comunidades *online* como espaços possíveis para a promoção da democracia mais participativa e direta (LIMA, 2013). Diz respeito aos sujeitos, que pensam de forma semelhante, e agem em torno de algum assunto em comum. Tal comportamento pode ir desde “interações e relacionamentos interpessoais, com o intuito de criar e compartilhar ideias, opiniões e informação via blogues, *websites*, *wikis*, *email* etc., à participação em larga escala, como protestos, oficinas, conferências” (p. 59). É perceptível a semelhança das práticas do Fandom Clarina com a mobilização mediada, inclusive por aspectos abordados no capítulo II relacionados à participação pública e a cultura de fãs.

Especialmente porque a mobilização é tida aqui não apenas com o objetivo de “coletar e alocar recursos (...), mas criar um sentimento de pertencimento, solidariedade” (p. 59) entre

os membros do grupo, que expressará isso no exercício das suas atividades. O mesmo acontece com os fãs, já que sua “sociedade é reativa às necessidades que atraem seus membros para o entretenimento comercial, em especial o desejo de afiliação, amizade, comunidade” (JENKINS, 2015, p. 284).

Além disso, a mobilização mediada “ajuda os movimentos a intervirem nas instituições políticas e culturais, modificando normas e valores, reconfigurando a distribuição de forças e recursos” (LIMA, 2013, p. 59). As ações coletivas promovidas pelo Fandom Clarina tinham exatamente esse objetivo: intervir no meio virtual de forma a dar visibilidade à pauta antidiscriminatória lésbica, para reconfigurar a distribuição da força de influência sobre os rumos das personagens Clara e Marina entre os fãs e produtores de *Em Família*. Além das características provenientes da cultura de fãs, o Fandom Clarina também absorve as do ativismo, e a atração exercida pelos membros ultrapassa o entretenimento e segue em busca da transformação social.

Em primeiro lugar é preciso identificar qual é a ideia comum presente no Fandom capaz de despertar os fãs para o ativismo. A partir de postagens e comentários do *Boteco Clarina* pudemos observar que os fãs que interagem no *blog* têm plena convicção do seu papel de contribuidor na criação de representação lésbica positiva em uma telenovela com grande alcance de público que, como abordado no capítulo II, exerce uma influência considerável no imaginário da população brasileira. A fã Bruna Cezário deixou claro esse sentimento no post [*Utilidade Clarina*] *Campanha de apoio a Clarina*, do dia 20 de abril de 2014.

A nossa voz tem que ser ouvida, Clarina tem a oportunidade de ser o primeiro casal homossexual da tv Globo a ser representado de forma natural. Todos os casais merecem isso, todo grupo, principalmente as minorias, como é o caso dos homossexuais, clama por algo muito importante: REPRESENTAÇÃO. Elas são a representação que as mulheres infelizes no casamento e que se apaixonaram por outra mulher esperavam, são a representação que mulheres jovens e gays podem se identificar, são a representação que mulheres e homens gays de todas as idades esperam, para mostrar que duas pessoas do mesmo sexo podem se amar, constituir família, viver como qualquer outro casal, porque infelizmente, boa parte da população ignora isso (CEZÁRIO, 2014d).

Em discussão do Fandom sobre o referido *post*, os comentários concordam com os aspectos apontados pela fã Bruna e dois chamam atenção pela forma como discutem as causas para a discriminação das lésbicas e a necessidade de organização. O primeiro é de uma usuária anônima que não se conforma com a intolerância da sociedade contra homossexuais.

Pra mim, é uma questão básica que tem fundamento no machismo. Lógico que não é o único motivo, mas acho que é o principal. Tem muita coisa pra ser combatida ainda, mas enquanto a sociedade não se curar desse câncer não vai haver grandes avanços não. Quando eu falo "sociedade", eu falo de apenas

uma parte dela, porque sinceramente eu vejo muita gente indo de encontro ao preconceito, seja ele de que tipo for. E isso a gente nota nos comentários de coisas postadas relacionadas a tais assuntos. Há muita gente defendendo a liberdade de cada um e isso é estimulante. O problema é a cabeça de quem ainda não se curou dessa doença que é o julgamento, que é achar que existe só uma maneira de se enxergar a vida e acabou. Porque, venhamos e convenhamos, nem todo mundo precisa concordar com isso ou aquilo, afinal as diferenças tão aí pra serem respeitadas, o problema é a maneira de encarar esse respeito. Tem que ter espaço pra todos, em qualquer tipo de mídia e fora dela (ANÔNIMO, 2014 *apud* CEZÁRIO, 2014d).

O segundo comentário é da fã Larissa Tatin que dialoga diretamente com o comentário anterior. Ela reafirma pontos destacados pela companheira de fandom e estimula o engajamento dos demais para que seja possível avançar com a reivindicação.

Para a menina "anônimo" acima. Gostei muito do que você escreveu. Estamos todas nos sentindo fragilizadas, frustradas e impotentes. É muito chocante ver a reação contrária ao amor entre duas mulheres. Compactuo com as suas ideias acerca das diferenças acentuadas entre os homossexuais masculinos e os femininos. Os primeiros têm uma aceitação pública maior e ocupam melhores postos de trabalho. É inexpressivo ainda o número de mulheres lésbicas com projeção social em relação aos homens gays. Temos pouca representatividade e quando há a possibilidade de nos vermos retratadas, mesmo na ficção, os poucos direitos tornam-se tolhidos. Que venham mais Clarinas! Não vamos nos desestabilizar! E sim, fazer com que essas adversidades nos fortaleçam e possam nos manter unidas nesta causa (TATIN, 2014 *apud* CEZÁRIO, 2014d).

Segundo Jenkins (2015), esse sentimento de frustração, apresentado em relação à novela, vem do fato dos fãs possuírem pouca voz sobre o que acontece com seus programas ou personagens favoritos. Essa insatisfação pode “tornar-se facilmente foco de campanhas massivas de larga escala, dirigidas contra produtores que violam de forma grosseira ou frequentemente o sentido que os fãs atribuem ao programa” (p. 130). No caso do Fandom Clarina, para além da frustração com a história em si das personagens, fica claro o por meio dos textos e comentários que as fãs se colocam em um papel de sujeito político capaz de contribuir na mudança da realidade classificada como opressora.

Apesar de não ser uma organização hierarquizada, o Fandom Clarina possui fãs com maior grau de engajamento ativista. Tais atores sociais são responsáveis por contribuir de forma mais efetiva com a elaboração das ações coletivas. A fã Pepé, criadora do perfil do *Twitter* @viaclarina e a fã Bruna Cezário, criadora do *blog Boteco Clarina*, foram identificadas como relevantes nesse papel. Pepé teve o mérito de organizar a inserção do Fandom Clarina no *Twitter*, pois como grupos de fãs não são um conjunto uniforme, as ações ocorriam de forma espontânea.

Desde quando *Em Família* começou a ser exibida, começaram a surgir blogs,

perfis em mídias sociais, incluindo páginas e grupos em redes sociais, muitos se apropriando, manipulando, propagando e circulando conteúdo proveniente da convergência corporativa. Antes mesmo de Pepé e seu grupo de fãs-ativistas começarem suas ações, já havia TAGs aparecendo no Twitter sobre Clarina, mas de modo desordenado, surgindo até mesmo mais de uma TAG por dia. Não somente no Twitter, mas também em diversos ambientes de socialização na rede, os comentários a respeito dos capítulos de *Em Família* já ocorriam (ARAB, 2015, p. 125).

Podemos considerar que subir uma *hashtag* no *Twitter* (twitaço) é uma forma de protesto virtual que tem como objetivo dar visibilidade a um determinado assunto. Para alcançar esse feito, é necessária uma elevada participação dos usuários e em casos de ações planejadas, requer um alto grau de organização. Em 2008, quando o microblog foi lançado, os *Trending Topics* (TT) funcionavam como uma espécie de *ranking* das palavras mais utilizadas na rede. O cálculo médio para estar entre os assuntos mais comentados do *Twitter* eram entre 1200 e 1900 mensagens de 500 a 900 usuários diferentes. Dois anos depois a lógica foi alterada. Não se trata mais da repetição de termos, mas do aumento súbito de discussão sobre um determinado assunto. Portanto, para que uma *hashtag* (TAG) suba aos *Trending Topics* é necessário um número enorme de usuários falando a respeito de um tema específico num curto espaço de tempo. Além disso, o algoritmo da rede social cria estratégias para excluir da contagem alguns tipos de mensagens de forma a dificultar a monopolização dos TTs por grupos restritos. Nesse sentido, a mobilização mediada do Fandom Clarina foi notável.

A fã Pepé organizou uma comissão que “visava eleger uma única TAG a ser utilizada pelo Fandom Clarina no Twitter, a fim de aumentar a visibilidade e chegar com mais facilidade aos trending topics” (ARAB, 2015, p. 130). Segundo informações da Pepé (ARAB, 2015) a comissão colhia as sugestões de TAG que fãs indicavam no *Twitter* e elegiam uma para o dia.

Depois disso, a fã produzia um *banner* de divulgação com o nome da TAG, data do dia, horário de início do uso e algumas orientações para burlar o algoritmo do *Twitter* contra a monopolização dos TTs. Os fãs basicamente não poderiam usar a mesma *hashtag* mais de uma vez no mesmo *tweet*, utilizar números depois da TAG, colocar a TAG sozinha na mensagem ou no início do *tweet* e começar a utilizá-la antes do horário estipulado. Os fãs também eram estimulados a marcarem jornalistas e meios de comunicação nas mensagens.



Figura 2: Banner de divulgação de Twitaço

De 5 de junho a 10 de julho de 2014, período da coleta de material para este estudo, foi observado que o Fandom Clarina conseguiu colocar suas TAGs diariamente nos *Trending Topics* do *Twitter*. A pesquisa realizada por Analú Arab (2015) de 25 de junho a 18 de julho sobre o fã-ativismo do Fandom Clarina também concluiu o sucesso das intervenções no *Twitter*.

No entanto, estar nos TTs era só a primeira etapa da intervenção. A orientação de citar jornalistas e veículos de comunicação era uma forma de chamar atenção da mídia, diariamente, para a mobilização em prol de Clarina, pois as redes sociais se tornaram fonte de pauta para o jornalismo contemporâneo. O Fandom também tirava *prints* da TAG do dia nos *Trending Topics* e voltava a marcar órgãos de imprensa e comunicadores nas publicações. *Hashtags* como “Queremos igualdade para Clarina” (11 de junho de 2014), “Primeiro beijo Clarina é importante” (13 de junho de 2014), “Globo não censure namoro Clarina” (16 de junho de 2014) e “Todos beijam menos Clarina” (20 de junho de 2014) foram algumas das usadas pelo Fandom.

A mobilização ganhou visibilidade e o Fandom Clarina conseguiu pautar suas reivindicações em uma série de sites e revistas especializadas. O *blog* do autor de *Em Família* também deu voz ao Fandom no texto publicado no dia 26 de abril de 2014:

Muitas pessoas me falam em Clarina. Algumas passam por mim e me dizem:
 — Não vai separar a Clarina, hein?
 E outras, com a intimidade de quem me conhece de vista aqui do Leblon, são ainda mais exigentes. E até simpaticamente ameaçadoras:
 — Se você separar a Clarina, não vejo mais a novela!
 E só depois de algumas dessas intervenções públicas, feitas com a autoridade que todo telespectador tem sobre o que vê na telinha, é que fiquei sabendo que Clarina é a junção dos nomes Clara e Marina, as duas jovens que vivem um grande amor, personagens das atrizes Giovanna Antonelli e Tainá Müller na minha novela *Em Família*, exibida na TV Globo. Clarina. A criatividade de quem vê novela é maior do que a de quem a escreve. Vida longa à Clarina. A

todas as Clarinas, tenham elas o nome que tiverem (FERNANDA, 2014).

Arab (2015) também traz uma informação relevante sobre o comportamento da Rede Globo em relação às ações ativistas do Fandom. No dia da exibição do primeiro beijo das personagens Clara e Marina, em 30 de junho de 2014, a emissora utilizou a mobilização dos fãs como marketing.

A própria emissora, que em outros momentos foi contra a convergência alternativa, banindo o vídeo da campanha #ClarinaAmorSemCensura no canal do Youtube, no dia do primeiro beijo de Clara e Marina, chegou a usar no perfil @rede_globo [...] “Beijo Clarina Vencendo o Preconceito”, que o fandom Clarina estava usando no Twitter (ARAB, 2015, p. 149).

Outra forma de mobilização mediada muito utilizada pelo Fandom, principalmente a partir do Boteco Clarina, é o envio de e-mails com mensagens favoráveis ao relacionamento Clarina para a Central de Atendimento da Globo (CAT) e sites especializados em telenovelas. Uma ação desse tipo, contudo, merece destaque por ressaltar a amplitude internacional do Fandom Clarina.



Figura 3: TAG do Fandom Clarina nos Trending Topics

No dia 28 de maio de 2014, a fã Bruna Cezário publicou no *Boteco Clarina* o texto [UTILIDADE CLARINA] *Passe a palavra!*, que discutia o envio de uma mensagem ativista da fã holandesa Colette – autora do *blog All Things Clarina* (Todas as Coisas sobre Clarina) – para a Rede Globo. Cezário ressaltou a importância da atitude de Colette para a mobilização em defesa do amor lésbico, a classificando como uma “representação internacional do Fandom Clarina”, e solicitou ampla divulgação do material. A holandesa faz um apelo emocional pela concretização do relacionamento Clarina.

Você pode escolher com quem você se casa. Você diz algumas palavras e

pronto. Você não pode escolher quem você ama. Você pode ignorar como se sente, se casar com alguém que não ama, mas, no final, você se perguntará por que você escolheu ser infeliz, porque outros lhe disseram algo que você deixou de acreditar há muito tempo. Os jovens precisam ser ensinados que amar alguém não é ruim. Você não pode controlar esses sentimentos, isso simplesmente acontece com você. Você deve ser punido por algo que você não escolheu porque outra pessoa tem algum tipo de problema com isso? (COLETTE, 2014, tradução nossa).

Não obstante o apelo emocional, Colette argumenta sobre uma dita dimensão global do Fandom do casal Clara e Marina. Portanto, tornar Clarina um *canon shipp* afetaria a vida de milhares de pessoas por todo o mundo.

Dizer que Clarina é popular é como dizer que o Titanic não era "muito pequeno". A base de fãs é imensa. Não é apenas grande, ou enorme, não, é global. Os fãs estão em todo o mundo, das Filipinas aos Estados Unidos, da Rússia à África do Sul, da Austrália à Colômbia, estamos literalmente em todos os lugares. Estou sentada no meu apartamento no terceiro andar na Holanda enquanto escrevo isso. No fórum [The L Chat] onde eu discuto a novela com outros fãs, havia tantas nacionalidades, que decidimos fazer um mapa [figura 4]. Temos mais da metade do mundo coberto quando se trata de países. Mas não é apenas a grande quantidade de fãs, ou o fato de que estamos em todo o mundo, o destaque é a nossa dedicação à Clarina (COLETTE, 2014, tradução nossa).

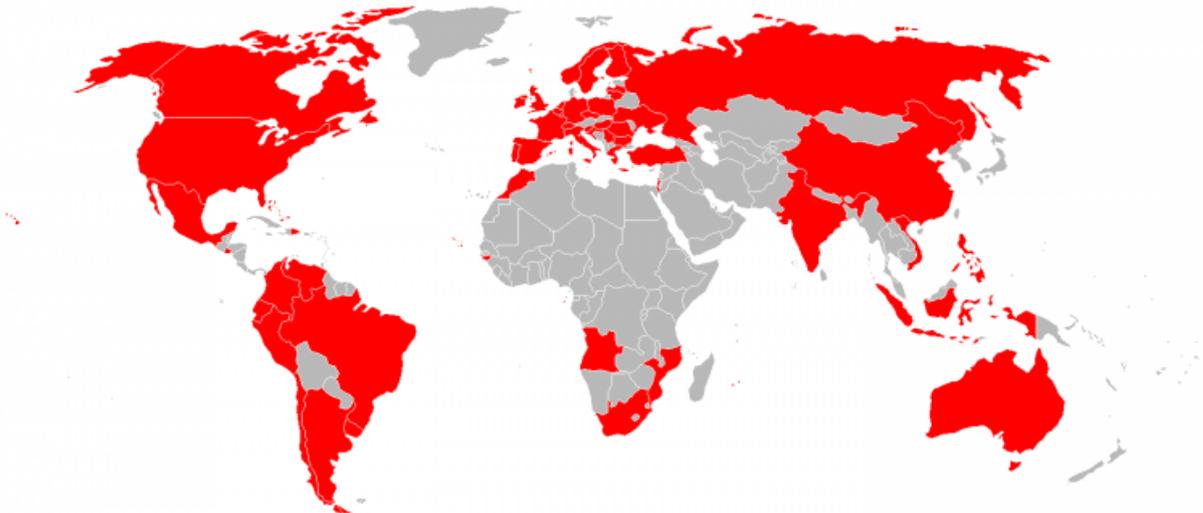


Figura 4: Mapa da abrangência da base de fãs Clarina, que atingiu a América, Europa, Ásia, Oceania, alguns países da África e da Ásia.

Apesar de não termos como comprovar a veracidade do mapa apresentado por Colette, apenas indícios dela, o engajamento de uma holandesa já comprova uma das características do ativismo na internet, a facilidade para o alinhamento virtual a uma determinada causa social. Além das atividades realizadas sob panorama da mobilização mediada, o Fandom Clarina também esteve engajado em ações de interferência cultural, gênero de ativismo altamente

ligado à cultura de fãs.

3.7.2 Interferência Cultural do Fandom Clarina

Assim como os fãs “saqueiam a cultura de massa” (JENKINS, 2015) e a subvertem para produzirem conteúdo que melhor se adequem às suas expectativas e necessidades, os “ativistas midiáticos se apropriam e reconfiguram elementos da cultura popular criando novos trabalhos de um ponto de vista irônico ou subversivo” (LIMA, 2014, p. 7). A diferença entre esse aspecto da cultura de fãs e o ativismo produzido pela interferência cultural consiste que a primeira, em geral, está conectada ao campo do entretenimento.

A interferência cultural tem raízes no dadaísmo, que no início do século XX confrontava a ideia de arte tradicional da época com a valorização do espontâneo, da desordem ou mesmo do acaso. Os primeiros projetos de interferência cultural “tomavam emprestado elementos dos meios de comunicação de massa e fontes da cultura popular” (LIMA, 2014, p. 7) para alteração do sentido original proposto e criticar a própria cultura cujo produto faz parte. Com a internet, esses ativistas passaram a atuar também no âmbito *online*, com a criação de *memes*, por exemplo. Marcus Lima (2014, p. 9), a partir de Leah Lievrouw, aponta sete características desta forma de ativismo: a) o uso da ironia nas questões e atividades que ela critica; b) normalmente produzida por poucas pessoas e com poucos recursos financeiros; c) salienta nas práticas, representações culturais e políticas, que são seu alvo, as contradições e hipocrisias delas; d) exige uma “competência cultural”, ou seja, a capacidade de reconhecer as convenções e clichês, símbolos e lógicas empregados; e) é nitidamente colaborativa, exigindo não apenas um esforço conjunto de seus criadores; f) cria espaços alternativos e oportunidades distintas de se perceber a cultura por um novo ponto de vista; g) normalmente são transitórias. Analisaremos a seguir alguns materiais elaborados pelo Fandom Clarina e publicados no *@viaclarina*.

Como interferência cultural, parte dos *memes* do Fandom eram produzidos a partir de imagens de *Em Família*, com subversão dos diálogos originais para criticar a própria novela ou a emissora. A cena usada no *meme* abaixo trata de um passeio completamente inexpressivo de Clara e Marina ao shopping. Para criticar a falta de evolução da trama, bem como a resistência da Rede Globo em avançar no relacionamento lésbico, as personagens pensam, por meio de balões (convenção gráfica utilizada em histórias em quadrinhos), sobre a censura do beijo entre mulheres. A opção pelo recurso que representa o pensamento é uma alusão à cena original em que Clara e Marina tentam se expressar apenas pelo olhar.



Figura 5: Clara e Marina passeiam no shopping

Outro exemplo interessante de intervenção cultural é o *meme* publicado no dia 30 de junho de 2014 pelo @viaclarina. O material faz uma analogia entre a luta pela representação lésbica positiva na novela *Em Família* e o filme *V de Vingança* (2006), dirigido por James McTeigue. Para compreensão da ideia proposta pelo Fandom é necessária a competência cultural tanto no que se trata o filme, quanto ao que ele passou a significar no contexto do Brasil.

V de Vingança retrata uma Inglaterra futurista e autoritária. Opositores políticos, homossexuais e outros segmentos são perseguidos pelo regime totalitário. O protagonista conhecido como “V”, foi desfigurado pelo governo, durante o golpe de chegada ao poder, e quer vingança. O personagem não quer só o fim dos responsáveis pelo que aconteceu com ele, mas o fim de toda estrutura totalitária. V destrói o edifício Old Bailey em Londres, assume a responsabilidade publicamente em um canal de televisão e convoca a população a se juntar a ele nessa luta um ano depois. Para esconder sua identidade, o personagem utiliza uma máscara branca com bigode e barbicha, que simula a face de Guy Fawkes, participante da “Conspiração da Pólvora” em 1605, que tentou explodir o Parlamento da Inglaterra. O filme foi um sucesso mundial e a máscara de Guy Fawkes transformou-se um símbolo popular de resistência contra uma ordem opressora.

Em junho de 2013, uma onda de protestos aconteceu em todo Brasil por transporte público de qualidade, bem como outros direitos políticos e sociais. Milhares de pessoas ocuparam as ruas e muitas delas foram registradas com a máscara de Guy Fawkes. Também nesse período, cartazes com os dizeres “Desculpem os transtornos, estamos mudando o Brasil” ganharam ampla repercussão.



Figura 6: Meme V de Vingança

O Fandom Clarina ciente de todos esses fatos, subverteu a ideia já transgressora das ruas e modificou a frase para “Desculpe os transtornos estamos mudando o rumo de Em Família”. A data da publicação é a mesma do primeiro beijo Clarina na telenovela. Portanto, os “transtornos” referem-se à reação negativa da parcela conservadora da audiência de *Em Família* ao beijo das mulheres homossexuais. Em “estamos mudando o rumo de Em Família”, o Fandom toma para si a responsabilidade de pressionar a Rede Globo a veicular o amor lésbico, ao mesmo tempo em que se vangloria do fato de ter conquistado a cena do beijo.

No decorrer deste capítulo foram discutidas as raízes da opressão contra mulheres e homossexuais e do que se trata o lesbianismo. Também apontamos passos importantes do processo histórico de organização do movimento homossexual, especialmente as lésbicas, na luta contra a homofobia. Apresentamos a concepção de ativismo presente neste trabalho e aspectos do ativismo na internet. Analisamos comportamentos ativistas do Fandom Clarina, a partir da mobilização mediada e da interferência cultural para mostrarmos que um fandom pode ser um agente ativista que visa a modificação da realidade. Passaremos agora ao debate das narrativas do Fandom Clarina, para verificarmos se o grupo de fãs consegue operacionalizar a construção da sua voz (COULDRY, 2010) e valorizá-la em suas ações ativistas.

4. ROMPENDO O SILÊNCIO: CONSTRUÇÃO E VALORIZAÇÃO DA VOZ

Desde os primórdios o homem sente a necessidade de narrar sobre si e o mundo. Independente do suporte empregado, a capacidade de contar histórias sempre esteve presente no cotidiano social. Tal habilidade presente nas práticas orais e escritas permanece na atualidade e tornou-se fundamental para o mundo contemporâneo, especialmente com o advento da internet e das redes sociais.

Já se falou que o homem é um animal simbólico, outros dizem que é um ser lúdico, outros como *Homo Faber* ou *Homo Economicus*, enquanto outros afirmam que é um ser que pensa. Mas pode-se dizer também que o que nos caracteriza universalmente é que somos seres que narram sua própria história. Assim como na natureza há os roedores e os herbívoros, os humanos pertencem à espécie dos narradores. Narram oralmente, narram por escrito, narram pelo teatro, narram pelo cinema, narram pela dança, narram por cores e volumes, narram conversando na esquina, narram pelos jornais, narram fofocando pelo telefone e até por e-mail não fazem senão narrar (SANT'ANNA, 2011, p. 60).

Podemos considerar a narrativa como uma forma do comportamento humano, relacionado à capacidade de imitação e representação, a serviço da comunicação (CARDOSO, 1997, p. 10). Através delas o homem se reconhece, é situado no tempo e espaço. As narrativas são essenciais para a constituição de identidades e relações socioculturais dos indivíduos. Segundo Luiz Motta (2012), através delas é possível compreender melhor o ser humano em sua complexidade, os processos de criação de representações e apresentações do mundo. Portanto, por meio das narrativas o “homem não apenas representa o mundo, mas o constitui na medida em que o nomeia e classifica” (p. 30).

As sociedades ocidentais por muito tempo tiveram suas organizações e relações sociais pautadas nas narrativas orais. Na Grécia Antiga, os *aedos* percorriam todo território a cantar sobre os grandes feitos dos heróis da época. Além de entreter, suas composições levavam aos ouvintes informações sobre história, geografia, política, estratégias de guerra e outras áreas do conhecimento. A importância na vida pública também estava relacionada à qualidade retórica do cidadão nos espaços de deliberação. Retomaremos aqui aspectos elencados no capítulo anterior sobre o silenciamento das mulheres, especialmente das lésbicas, como contribuição à questão da voz.

4.1 Voz como processo

Ainda sobre a capacidade humana de narrar, Nick Couldry (2015, p.146) compreende que a temporalidade é um elemento indispensável, pois permite que os sujeitos ao longo da vida possam refletir sobre “o que são” ou mesmo “o que se tornaram”. Contudo, diversos aspectos

dificultam a criação de narrativas com liberdade e que permitam aos narradores fazer determinadas reflexões, como as apontadas.

Conforme reflexão anterior, o mundo contemporâneo atravessa uma crise de voz, caracterizada pela dificuldade de as pessoas conseguirem ter pleno controle das formas de operacionalização de suas narrativas, bem como obterem reconhecimento por elas. A situação ocorre porque o neoliberalismo não permite a construção e valorização de narrativas sobre pontos de vista que não sejam de interesse do mercado, o que afeta diretamente na subjetividade dos sujeitos e traz consequências materiais para a sociedade, como o afastamento da vida pública (elemento discutido no capítulo II).

Diante desse cenário, podemos argumentar que “o poder de contar uma história (...) sob as condições de sua própria escolha, faz parte do processo político” (PLUMMER, 1995, p. 26 *apud* COULDRY, 2015, p. 147), inclusive pela incapacidade humana de viver em um mundo que seja radicalmente não-narrável. Portanto, a ideia de Couldry de voz a nível de processo se dá exatamente quando o sujeito dá conta de sua vida e das suas condições, chamado por Judith Butler de “dar conta de si mesmo” e consegue controlar as formas como essas narrativas são elaboradas. Nesse sentido, a voz é estabelecida a partir de cinco condições gerais, que utilizaremos como categorias de análise da voz a nível de processo do Fandom Clarina.

a) A voz é socialmente enraizada. É uma prática dos indivíduos em uma sociedade que requer tanto recursos práticos, como a linguagem, quanto um estatuto simbólico necessário para o reconhecimento pelos outros como portador de voz (LIMA, 2013, p. 286).

b) A voz é uma forma de agenciamento reflexivo. Ao criar narrativas de si e do mundo, o indivíduo se responsabiliza pelas narrativas e ações que conta. “A voz necessariamente nos embala em um processo contínuo de reflexão, permutando e entrelaçando narrativas passadas com experiências do presente, e entre os outros e nós próprios” (LIMA, 2013, p. 287).

c) A voz é um processo adquirido. As narrativas contadas pelos indivíduos fazem parte de uma memória coletiva. Assim, pode-se afirmar que a voz é plural (LIMA, 2013, p. 287).

d) A voz requer uma forma material que pode ser individual, coletiva ou distribuída. Um indivíduo pode se ver refletido em uma voz produzida coletivamente ou reconhecer-se em produções individuais e coletivas, processo definido por Couldry como voz distribuída (LIMA, 2013, p. 287).

e) A voz pode ser desvalorizada por práticas que a excluem e minam sua expressão. Conforme discutido no capítulo II, Nick Couldry (2010) afirma que as práticas neoliberais calam vozes e as desvalorizam em detrimento de outras. Os grupos estigmatizados são exemplos dessa postura. Mulheres, negros, indígenas, homossexuais, deficientes físicos e

outros tantos grupos sofrem com o silenciamento de suas vozes, especialmente no que se refere à vida pública. Nos interessa o foco nas vozes lésbicas.

Analisaremos as condições citadas para o estabelecimento da voz do Fandom Clarina, a partir de excertos do *post [Utilidade Clarina] Campanha de apoio a Clarina* e dos seus comentários (CEZÁRIO, 2014d), no *blog Boteco Clarina*. Para melhor identificação dos elementos a serem apontados a seguir, o referido *post* pode ser consultado nos anexos.

O primeiro princípio da voz é o enraizamento social, ou seja, a relação mantida entre o sujeito e outros sujeitos, bem como deles com a sociedade. Tal associação é marcada em pelo menos dois trechos. Ao dizer que *(I) vivemos em um país homofóbico e machista*, o Fandom coloca-se em posição crítica em relação aos problemas sociais. Por experiências próprias e/ou de outros, sejam elas trocadas pessoalmente ou por meios virtuais, ele percebe os males gerados pela homofobia e machismo que atingem o Brasil. *(II) Vamos continuar mostrando que unidos fazendo a diferença* (sic), apresenta a ideia de união como valor compartilhado socialmente. Apesar das dificuldades, como a existência da homofobia e do machismo, podemos superar se estivermos juntos. Assim, fazer a diferença é consequência de estar unido.

O mundo deixa marcas em mim e isso influencia no que sou ou mesmo no que me tornarei. *III) Ser obrigado a sofrer discriminação calado é muito pior* é uma demonstração de agenciamento reflexivo. O “ser obrigado” ocorre em razão de uma força que submete o indivíduo a algo considerado negativo, prejudicial. O sujeito busca aqui o conforto daqueles que passam ou passaram por essa mesma situação. Incita ainda a ruptura, pois se “calado é muito pior”, logo a vociferação é bem-vinda. O senso de quebra da ordem heteronormativa também está presente em *IV) diariamente vamos ouvir e ler comentários dizendo que não precisa mostrar gays na TV*. A vida cotidiana, por meio de tentativas diárias, sejam elas através de relações presenciais (“ouvir”) ou virtuais (“ler comentários”), diz que este “nós” estigmatizado (homossexuais) deve ser invisibilizado, pois aqueles que não são vistos e falados “não existem para a sociedade”.

E vemos bem que o que coloca problema não é tanto ser homossexual, mas dizê-lo [...] pois se a possibilidade de dizê-lo fosse admitida oficialmente, toda a inferioridade e a vulnerabilidade dos gays e das lésbicas, e, portanto, todos os meios de controle que podem se exercer sobre eles, estariam anuladas. Logo, o controle da homossexualidade repousa sobre esse silêncio imposto e sobre essa dissimulação forçada e, sobretudo, sobre o sentimento de culpa e de inferioridade que não pode deixar de ser produzido pela inscrição nas consciências individuais da clivagem entre o que se é e o que se pode fazer, entre o que se é e o que se pode dizer (ERIBON, 2008, p. 70).

A voz também é um processo adquirido, faz parte de uma memória coletiva

(COULDRY, 2010), acessada pelo Fandom Clarina a todo instante para referenciar sua voz. São citadas cenas já exibidas da novela *Em Família*, violência sofrida pela comunidade LGBT e o posicionamento expressado pela camada conservadora da população sobre a temática. Ao afirmar que V) *Em Viver a Vida, tivemos a felicidade de ver Félix e Niko terminarem a novela como um casal feliz, tivemos o primeiro beijo gay já transmitido em novelas da maior emissora do Brasil*, o Fandom recupera um fato que considera relevante para dar corpo ao seu discurso.

Nick Couldry (2010) classifica a materialização da voz em forma individual, coletiva e distribuída. Apesar de todos os modos estarem presentes na postagem do blog, daremos foco às duas últimas modalidades, as mais recorrentes. Em VI) *temos motivo para nos preocupar com o futuro das duas?*, a inquietação demonstrada pela autora é coletivizada para o Fandom Clarina. Mais ainda, para todos aqueles que torcem pelo casal, pois o “eu” torna-se “nós” à medida em que ocorre o reconhecimento com o que é dito.

Além de coletiva, a voz do Fandom é ainda distribuída, já que quando algo é dito pelo Blog Boteco Clarina, há um processo de identificação dos leitores no sentido de apoio, de tornar aquela também a sua voz. Quando a convocação para mobilização é feita ao Fandom Clarina em VII) *não vamos deixar de colocar nossa tag diária nos trending topics*, seus membros respondem ao chamado com comentários como VIII) *estou adorando essa mobilização e espero sinceramente que a Globo não acabe com uma linda história de amor!*

Foram discutidos até aqui o enraizamento social da voz, sua relação com a memória coletiva, a reflexividade do mundo sobre o “eu” que narra e as formas de materialização possíveis. Por fim, trataremos da característica mais marcante na voz do Fandom, a existência de práticas que podem minar ou desvalorizá-la.

IX) *Boa parte da audiência é conservadora, homofóbica e machista, então é fácil concluir que essa audiência influencia nas atitudes tomadas pela emissora, pois o que importa são os números, a utilidade pública/social fica em segundo plano*, é um dos enunciados carregados deste tipo de prática silenciadora. A fã demonstra conhecer as razões que levam a esse tipo de prática e se propõe a criticá-las. O machismo e a homofobia voltam a ser tratados como problemas que restringem a liberdade de vivência da homossexualidade. Agora tais elementos passam de características da sociedade brasileira à qualificação de uma grande parcela dos telespectadores de *Em Família*. De acordo com a enunciativa, os males sociais são incorporados ao público e a Globo, como uma empresa que vende um determinado produto, deve agradar para manter a fidelidade. O descontentamento com a lógica mercadológica que rege essa relação é visível quando a suposta supervalorização da audiência é criticada em “o que importa são os números”. De acordo com a perspectiva do Fandom, o possível papel

educativo que a novela poderia assumir para lidar com a questão lésbica, a “utilidade pública/social”, é deliberadamente deixada de lado, em uma clara opção pela garantia do lucro em detrimento da contribuição para o progresso moral da sociedade.

Conforme apresentado, o Fandom Clarina cumpre com as cinco condições para o estabelecimento da voz e, portanto, foi capaz de ter sob o seu pleno controle a construção dela. O Fandom deu “conta de si mesmo” enquanto sujeito capaz de elaborar narrativas de vida e do mundo sob a perspectiva ativista. Veremos na sequência como se deu o processo de valorização da voz.

4.2 Voz como valor

Controlar as formas de operacionalização da voz é apenas o começo, pois isso não é suficiente para que reconheçam valor nas narrativas criadas. As políticas neoliberais, por colocarem os interesses do mercado acima das necessidades da vida humana, criam a sensação de que existe algum tipo de verdade fundamental sobre as pessoas e o mundo. Assim, a sua visão, a construção de suas narrativas se sobrepõe sobre todas as outras. Para o cidadão comum é como se "todo percurso de uma pessoa adquirida no curso daquela jornada; seus gostos individuais, sensibilidades e afinidades, em suma, sua própria vida seja relatada por nada" (COULDRY, 2010, p.114, tradução nossa).

A voz como valor pretende ser uma oposição consistente a tal realidade. A primeira etapa para isso é elevar os relatos individuais do mundo ao status de importantes e de contribuidores para a vida em sociedade. Couldry (2010, p. 115) defende uma possibilidade interessante para a superação dos problemas, a busca dos indivíduos por soluções biográficas para contradições sistêmicas. Tais soluções operam em múltiplas dimensões, apontadas pelo autor a partir de cinco eixos: a) Apoio: série de elementos materiais e imateriais, visíveis e invisíveis, capazes de conectar o indivíduo ao seu contexto. São formas de possibilitar a sustentação da voz do indivíduo (p. 115); b) Papel: faz referência ao “grau de codificação e restrição que caracteriza os contextos de ação” (p. 115, tradução nossa). Ele permite atravessar domínios diversos de ação e propiciar contextos sob os quais o sujeito pode agir; c) Respeito: faz alusão às narrativas políticas e culturais “mais amplas que o senso dos indivíduos de seu alcance, para ação e interação competitiva” (p. 116, tradução nossa); d) Identidade: é tida aqui como expressão de si mesmo através de valores considerados essenciais e oposições estáveis; e) Subjetividade: contraste com a luta “menos orientada socialmente para defender um espaço autônomo de ação individual” (p. 116, tradução nossa). Identidade e subjetividade foram consideradas mais relevantes por Couldry, pois são “tanto uma tentativa de conseguir uma

narrativa satisfatória, que preencha as lacunas que as narrativas sociais deixam insatisfeitas, e a escultura de um espaço exclusivo de reflexão pessoal” (p. 116, tradução nossa).

Compreender a ideia de Nick Couldry (2010) de voz como valor requer ainda a dimensão de dois conceitos relacionais, o “reconhecimento” (Axel Honneth) e “liberdade” (Amartya Sen). O autor assegura que os conectar à voz a tornará robusta o suficiente para avaliar extensões da organização política e econômica.

Não há nenhum argumento que pretenda que esses três conceitos sejam, ou possam tornar-se, totalmente integrados em um sistema conceitual mais amplo. Eles têm origens diversas. “Voz” é um termo abrangente que, por motivos particulares, eu desenvolvi para referir a um domínio normativo que a doutrina neoliberal coloca nas sombras; “liberdade” é um termo utilizado por Amartya Sen para focar sua crítica da economia contemporânea, que não obstante continua ancorada em vários aspectos nas tradições do liberalismo e do utilitarismo; “reconhecimento” é um termo que Axel Honneth adaptou de diferentes tradições filosóficas da Teoria Crítica, de modo a reconectar as condições sociais contemporâneas. Meu objetivo é colocar esses conceitos em conversação entre si, elucidando o papel particular da voz como um conceito conector e, assim, ancorando a voz mais seguramente em debates mais amplos sobre as finalidades econômicas e políticas (...). A vantagem desse ecletismo, entretanto, é nos habilitar a ver as semelhanças e as interações entre essas duas aproximações que, juntamente com o conceito de voz, podem ser combinadas em uma rica e amplamente fundamentada contra-racionalidade ao neoliberalismo (COULDRY, 2015, p. 157).

Tomaremos o conceito de liberdade como primeiro elemento dessa discussão. A liberdade para Amartya Sen difere completamente da que o neoliberalismo está preocupado. Não se trata da mínima ou nenhuma interferência do Estado no mercado para que seja cultivada a liberdade de comércio. Segundo Couldry (2015), a autora se propõe a pensar liberdade como parte essencial do desenvolvimento. Assim, a liberdade política, por exemplo, abre margem para a conquista de outras liberdades, como a de expressão. Sen defende a “liberdade fundamental – a capacidade para optar por uma vida que alguém tem razão para valorizar” (SEN, 1999, p. 74 *apud* COULDRY, 2015, p. 158). Desse modo, para além da dinâmica econômica, a liberdade como destacada por Sen toma parte da reflexão individual dos sujeitos. A autora acredita que essa liberdade “depende do processo de relatar nossas vidas” (p.160). Então, a desvalorização da voz enfraquece a nossa liberdade, inclusive a política, sob a perspectiva de Sen.

O segundo elemento é o apresentado por Axel Honneth, o reconhecimento. De acordo com o filósofo, a democracia é uma forma de viver coletivamente, de modo organizado, em busca de uma cooperação social baseada no reconhecimento (COULDRY, 2015, p. 160). Honneth faz essa avaliação sob o mesmo olhar de Sen: priorização do social em detrimento da economia. O reconhecimento seria, portanto, uma forma de modificar a organização humana

levando em conta as necessidades e sentimentos das pessoas. Para tanto, o autor enfatiza o papel do conhecimento das narrativas dos sujeitos, que deve ser colocado em prática para alcançarmos uma vida política e social mais justa (p. 161). Ao reconhecer as habilidades uns dos outros, por meio da valorização da voz, é possível contribuir para uma maior participação e pluralidade nos processos decisórios da vida pública.

Couldry (2010, p. 117) adverte que por conta de as condições de reconhecimento serem desiguais, os sujeitos acabam por não possuírem controle de muitas estratégias narrativas e recursos narrativos sobre os quais uma narrativa pode ser construída. A situação acaba por criar barreiras para que a voz tenha valor. A partir dos argumentos apresentados, podemos pontuar que para alcançar a valorização da voz, é preciso dominar estratégias e recursos narrativos. Após ter cumprido com as condições para estabelecimento da voz (voz como processo), analisaremos o humor como principal estratégia narrativa empregada pelo Fandom Clarina para valorizar sua voz, bem como seus respectivos recursos narrativos.

4.2.1 Humor

Sem dúvidas a estratégia narrativa mais utilizada pelo Fandom Clarina é o humor. Apesar da leveza que a sua presença confere, trata-se de um tema de grande relevância, pois “de uma forma agradável ao espírito e sem criar, em certas circunstâncias, perigos e conflitos não desejados pelo homem graças ao seu jeito matreiro de quem não quer nada, a sua estampa de não-sério” (TRAVAGLIA, 1990, p. 56).

A presença do humor faz parte da trajetória humana enquanto seres sociais desde os tempos mais remotos. Travaglia (1990) afirma que na pré-história existiam espécies de caricaturas nas quais cabeças de gazela eram desenhadas sobre o corpo de inimigos de forma a classificá-los como covardes.

As primeiras formulações ocidentais relacionadas ao tema têm origem em Platão e Aristóteles com a diferenciação entre tragédia e comédia. A *Poética* escrita por Aristóteles por volta do século IV a.C. retrata o humor, presente na comédia, como algo inferior que manchava a arte de qualidade. A tragédia, ao contrário, carregava em si a grandiosidade das histórias, a seriedade, o sublime.

Tal visão teve continuidade ao longo do tempo e trouxe reflexos. “Na Idade Média, o gênero da comédia, como se podia supor dada a diferente valoração existente dentre os gêneros, era reservado às camadas populares e às práticas pagãs” (GRUDA, 2015, p. 751). Portanto, a comédia não possuía qualquer prestígio se comparado à epopeia e à tragédia, considerado uma arte ligada à pobreza, tanto estética, quanto social.

“Na modernidade a concepção marginal e de gênero menor sofre alterações e, aos poucos, o humor vai sendo englobado pela cultura e pelas artes o que, conseqüentemente, implica em uma maior valoração no campo estético e da expressividade” (GRUDA, 2015, p. 752). O novo cenário possibilitou o estudo do humor pelos mais diversos campos do saber, desde a sociologia e antropologia à linguística.

Nas escolas psicológicas o humor é visto como incongruência ou depreciação ou liberação (cf. DAVIES – 1987: 451, 452). O humor é visto como 'realização catártica de nossa existência limitada, livrando uma série de anseios, através da sensação de agrado'. Assim, as motivações inconscientes do humor seriam sobretudo os elementos submetidos a uma socialização intensa com característica cultural de repressão à sua manifestação direta. O humor permitirá expressá-los de modo aceitável pela sociedade (TRAVAGLIA, 1990, p. 60).

Outra discussão travada no campo acadêmico é a relação entre humor e riso. Parte dos estudiosos consideram que o primeiro não necessariamente está ligado ao segundo. Não se tratando de uma consequência ou um compromisso indissociável (TRAVAGLIA, 1990). O riso estaria ligado ao humor pela alegria de uma descoberta inesperada ou o prazer da quebra do controle social. Consideraremos as ponderações de Luiz Carlos Travaglia sobre a polêmica.

Para nós o humor está indissolúvelmente ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida, de outras formas de rebelião contra o estabelecido, do controle social e o impedimento dos prazeres e o conseqüente desequilíbrio e reestruturação do mundo sócio-cultural; de outras formas de revelação da verdade e da criatividade (TRAVAGLIA, 1990, p. 66).

Por sua natureza contestadora, o humor possui uma forte ligação com o universo LGBT. Desde momentos os quais a linguagem empolada e sóbria era um rígido padrão social, homossexuais subvertiam a ordem. “A clandestinidade produziu as características mais marcantes da cultura homossexual: a linguagem e o humor” (POLLAK, 1986, p. 67). Ainda nesse sentido, Trevisan (2000) baseado nas discussões de Andrew Sullivan destaca o posicionamento LGBT frente ao mundo.

[É uma] capacidade singular dos homossexuais historicamente resistirem aos sistemas de poder que os controlam, subvertendo para tanto as próprias convenções controladoras. Nessa subversão cultural se inscrevem o deboche, a desmunhecação, a ironia, o riso, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual (como o cultivo do travestismo) e no uso distorcido da linguagem (TREVISAN, 2000, p. 35).

Michael Pollak (1986) considera que o humor homossexual tem origem na teatralização dos sofrimentos relacionados à opressão vivida cotidianamente. A violência material e simbólica afeta o modo ver e agir sob o mundo gerando um “humor específico que caricatura

de forma irônica o próprio meio” (p. 67).



Figura 7: Dilma Rousseff defende Clarina

Uma das figuras emblemáticas do Rio de Janeiro, o João do Rio (1881 - 1921), famoso jornalista e cronista homossexual, é um exemplo clássico desse comportamento. Em seu transitar entre centro e periferia, burguesia e classe trabalhadora, João do Rio fez história ao narrar sob uma nova perspectiva a “cidade maravilhosa”, especialmente sobre os dilemas do crescimento urbano e a modernização. Em relação ao seu estilo literário, Trevisan (2000) aponta uma série de características subversivas provenientes do meio homossexual em sua obra.

O real por ele é captado numa linguagem sinuosa, distorcida, defasada; e vertido ficcionalmente de forma labiríntica; o resultado é uma literatura em dissonância, a caminho do desvio. A sinuosidade de seu discurso revela-se na abundância de neologismos, na construção afetada das frases e na expressão sempre carnavalesca ou travestida em seu contrário (...) sua aparente futilidade é provocadora, inventiva. Tudo isso, a meu ver, aproxima-o exemplarmente desse maneirismo contemporâneo que é o camp anglosaxônico, tão fronteiriço a certa prática homossexual enquanto experiência no artifício e na máscara (TREVISAN, 2000, p. 261).

Diante desses aspectos, o *blog Boteco Clarina* possui uma grande dose de humor, mesmo nas suas publicações ativistas. É importante deixar claro que o humor do Fandom Clarina requer por vezes uma competência cultural muito específica tanto da cultura de fãs, quanto da novela *Em Família*. Vale a pena ressaltar também que um fandom é produto da cultura de fãs, ligada primordialmente às questões do entretenimento, tradicionalmente descritas de forma mais leve do que política, por exemplo.

O humor do Fandom Clarina é uma estratégia narrativa utilizada para integrar os leitores do blog, participantes do grupo de fãs organizado ou não, demonstrar identidade com o meio LGBT e proporcionar uma quebra da tensão em momentos ativistas, garantindo, por conseguinte o interesse em acompanhar as atividades do fandom.

Acredito que não precisa nem escrever um Velho Testamento para o CAT não dessa vez, só é dar aquela sambada básica dizendo todos os casais que já se beijaram nesse flop e porque o nosso que é o mais querido, que tem torcida e faz a novela ser lembrada (CEZÁRIO, 2014)

Como pode ser percebido no excerto, o humor está presente mesmo em uma orientação de ação ativista (envio de e-mails para a Central de Atendimento da Globo). De acordo com Carmelino (2012, p. 48) “o humor pode ser um artifício valioso para despertar interesse, sensibilizar, incitar uma posição ou opinião, capturar a benevolência, provocar ação”.

Em “não precisa escrever um Velho Testamento” o humor é gerado ao fazer referência à primeira parte da bíblia, pois tratam-te de 46 livros (na versão católica), obviamente, um longo texto. O universo LGBT é remetido com o uso de “sambada”, uma gíria homossexual para determinada situação na qual o sujeito fala algo verdadeiro que causa algum tipo de constrangimento a quem se dirige.

Discutiremos a seguir os principais recursos narrativos recorridos pelo Fandom Clarina para proporcionar o humor. É importante ressaltar que os recursos narrativos estão discutidos separadamente com o objetivo de proporcionar uma visão mais clara dos assuntos abordados naquele momento. A compartimentalização da exposição não significa que não há intercruzamentos entre si na prática.

4.2.1.1 Hipérbole

Um dos mais antigos e populares recursos narrativos do humor é a hipérbole. O exagero é utilizado para tirar do lugar-comum algo ou algum fato do cotidiano. É uma extrapolação, uma lente de aumento da realidade. Segundo Travaglia (1990), o exagero é um dos elementos criativos fundamentais do humor.

O humor tem um componente agressivo forte, sendo, como afirma LUIZ (1970:63, 64), 'uma área de contestação desarmada a partir da qual se pode estabelecer uma relação dinâmica entre a estrutura social e suas bases, objetivando: a) a contestação da estrutura social mostrando seus absurdos e de seus componentes; b) permitir a comunicação entre os poderosos e os que eles submetem; c) fazer com que o povo olhe para si' (TRAVAGLIA, 1990, p. 69).

Podemos afirmar, desse modo, que o exagero possui o objetivo de fazer emergir as contradições sociais e contestá-las. O Fandom Clarina tem em vista esses aspectos, pois usa e

abusa de tal estratégia para reafirmar a coerência da reivindicação de tratamento igualitário ao casal lésbico na novela *Em Família*.

Após a realização do transplante de coração de Cadu (marido de Clara), a fã Bruna Cezário publicou o texto [*Utilidade Clarina*] *Mutirão somos todos Fandom Clarina* para comemorar o fim de um dos obstáculos da trama para a concretização do relacionamento Clarina e organizar novas ações para pressionar a Globo. Com o sucesso da cirurgia, Clara estaria livre do compromisso moral de continuar o casamento com o esposo gravemente doente.

Maneco pode estar louco da vida querendo escrever a história das duas, entretanto se a Globo inventar (de novo) que elas não são bem aceitas, que o planeta é contra Clarina e nós não somos desse planeta por isso nossa opinião não conta, Clarina não vai acontecer (CEZÁRIO, 2014e).

Ao afirmar que o “planeta é contra Clarina”, o Fandom recorre à hipérbole, pois obviamente o número de pessoas que acompanham a novela fora do Brasil é irrisório, se comparado à população mundial. A citação é uma referência à atitude realizada anteriormente pela emissora de afastar o casal de mulheres, por conta de uma possível rejeição do público ao término de um casamento heteronormativo. Em “e nós não somos desse planeta por isso nossa opinião não conta”, a humanidade é deslocada a nível interplanetário para justificar o motivo pelo qual a Globo insiste em não realizar o desejo dos fãs, que também são parte da audiência que não deseja desagradar.

No capítulo exibido em 17 de abril de 2014, uma forte chuva cai no Rio de Janeiro e deixa Clara presa no apartamento de Marina, local onde também trabalhava. Com receio de ampliar os problemas com o marido por dormir fora, ela dá a desculpa de que precisava fechar a porta do carro e volta para casa. No dia seguinte, desculpa-se com Marina por ter partido sem se despedir e recebe um beijo no canto da boca.

Nesse contexto, Bruna Cezário publicou *O laudo: eu acho é pouco* expressando a revolta do Fandom pelo não acontecimento do beijo na boca. O excerto “até a cachorra do seu Benjamin já deve ter pego alguém nessa novela e Clara e Marina nada” (CEZÁRIO, 2014c) mostra a utilização da hipérbole, pois até mesmo um animal teria mais importância e visibilidade na trama que o casal lésbico. A caracterização da cadela como “do seu Benjamin” remete ainda mais ao desprestígio, pois o personagem referido possui quase nenhuma inserção na trama.



Figura 8: Foto de divulgação de Seu Benjamin e sua cadela

Na sequência do mesmo *post*, “Noé tava quase passando com sua arca na frente do estúdio e Clara inventa uma desculpa que vai fechar a janela do carro só para ir embora (CEZÁRIO, 2014c) uma nova referência à bíblia é feita. No velho testamento, Noé foi o responsável por construir um grande barco (arca) para abrigar casais de animais e sua família do dilúvio enviado por Deus que arrasaria toda Terra. Portanto, o mau tempo do Rio de Janeiro foi extrapolado para uma das maiores referências de chuva de todos os tempos.

4.2.1.2 Neologismo

Uma questão importante colocada sobre o estudo do humor é quais as condições necessárias para o riso, ou melhor, o que é preciso para gerar o efeito de humor. Sobre o tema, Travaglia (1990, p. 71) aponta que “cada povo, cada conjunto sócio-cultural tem características só suas e, como o humor depende da situação como um todo, o seu conteúdo difere de sociedade para sociedade e de um período histórico para outro”. O autor destaca também que “nos neologismos o humor está, quase sempre, na violação da norma linguística culta ou naquele que se coloca como superior ao outro” (p. 64).

Para o entendimento do humor do Fandom Clarina é indispensável acompanhar *Em Família*, de modo compartilhar o repertório comum de referências. A partir dele, uma série de neologismos são criados pelos fãs principalmente para criticarem a novela, tanto o fato de Clarina não se concretizar, quanto à história em si. A utilização dos neologismos entre o Fandom reforça a identidade de grupo entre os fãs.

Um exemplo de neologismo é a junção entre personagem e substantivo. Em “Clara só

não perde para Helena e seu Laertelíbrio (desequilíbrio quando o assunto é Laerte)” (CEZÁRIO, 2014c). O Fandom parece não ter preocupação em deixar que o leitor compreenda sozinho o significado do “Laertelíbrio”, pois oferece a explicação logo na sequência. Aposta no humor pela criatividade da elaboração do termo e não necessariamente no desafio e surpresa de conseguir a compreensão de forma autônoma.

17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio
17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio	17 Cl Cloro	18 Ar Argônio	53 I Iodo	11 Na Sódio

Figura 9: Clarina não tem química e sim a tabela periódica inteira

A partir do trocadilho “Clara e Marina não tem química e sim a Tabela Periódica inteira” (CEZÁRIO, 2014i), as Clarinas desenvolveram uma série de neologismos. Os nomes dos elementos químicos são colocados na sequência de modo que a sigla de cada um forme uma nova palavra, como podemos observar no excerto “a gente volta para o inferno e encontra o Capeta trocando *whatsapp* com Deus, pois os dois estão Plutônio + Tantálio com essa falta de respeito” (CEZÁRIO, 2014g). Plutônio tem abreviação “Pu” e em conjunto com a sigla de Tanládio resulta em “puta”, um xingamento. É importante ressaltar que os neologismos com base na tabela periódica não são criados apenas para palavras de baixo calão. Em “para mim o surto não foi simplesmente por causa da Selênio e Cálcio dessa semana” (CEZÁRIO, 2014i). A expressão “seca” formada pelos elementos citados é uma gíria comum da juventude e aponta apenas para a falta de sexo ou beijo.

4.2.1.3 Metáfora

O humor é uma estratégia narrativa fundamentalmente criativa, pois sugere ao receptor a necessidade de descobrir informações ocultas e fora dos padrões (TRAVAGLIA, 1990).

Quanto mais elaborada a narrativa, no sentido da construção não aparente, maior a capacidade criativa do narrador. A metáfora é um dos elementos presentes nessa relação, pois a figura de linguagem dialoga com a construção de sentido deslocando o real ao figurado.

Uma das condições básicas do humor, segundo Aladro (2002), é que, em qualquer mensagem de cunho humorístico, há um plano de significação duplo ou múltiplo. É possível afirmar que, igualmente, na metáfora, tem-se essa duplicidade de planos - o literal e o metafórico -, embora nem sempre o primeiro deles seja acessado (KOGLIN; OLIVEIRA, 2008, p. 3).

A metáfora da morte está presente em boa parte dos *posts* de *O laudo*. Perder a vida para o Fandom não está ligado ao fim da existência em si, mas ao estado de plenitude após ter elevado ao máximo a emoção ao perceber algum avanço ou concretização do relacionamento Clarina.



Figura 10: Kit de sobrevivência Clarina

Um momento marcante para o Fandom na utilização dessa figura de linguagem é o *post O laudo: Aqui jaz o Fandom Clarina*. O próprio título faz a menção direta à morte, pois “aqui jaz” é uma expressão convencional de túmulos utilizada para designar quem está sepultado naquele local. Diante do já exposto sobre o que seria morrer para o Fandom, também é possível identificar que o *post* não tratará de um assunto desagradável para os fãs.

O texto foi publicado em 11 de abril de 2014, um dia depois da exibição de uma das cenas mais importantes do casal lésbico em *Em Família*. Clara tem um *flashback* de um encontro seu com Marina no estúdio fotográfico. É um dos poucos momentos de contato físico romântico explícito entre as mulheres na novela. São minutos recheados de olhares, dança,

abraços e tensão sexual.

Espero viver fora dos aparelhos para presenciar as cenas que estão por vir, pois enquanto eu escrevia esse texto *Born To Die* tocou várias vezes no meu aparelho de batimentos cardíacos, tanto que fugiu um pouquinho da programação do Boteco (CEZÁRIO, 2014b)

O excerto traz o narrador como sujeito de saúde frágil, que espera estar forte o suficiente para “viver fora dos aparelhos” que mantêm sua vida para ver os próximos passos de Clarina. O sentimento de tristeza construído nesse plano de sentido da metáfora é marcado também pela referência à música *Born To Die* da cantora estadunidense Lana Del Rey. A artista é conhecida internacionalmente por suas canções tristes e o próprio título faz referência à morte (nascido para morrer). A situação contrasta com a realidade do Fandom que está em festa. A morte não é considerada como um tema tabu, pois “o humor busca sacudir certezas milenares e evidências recebidas em todos os domínios sagrados ou profanos” (TRAVAGLIA, 1990, p. 68).

4.2.1.4 Ironia

Em poucas palavras, a figura de linguagem que pode se alcançar o sentido desejado enunciando o seu contrário é a ironia. O percurso é iniciado na “positividade do sentido literal, que atravessa a negatividade desse sentido e que culmina na subversão do sistema dos valores que havia possibilitado aquele sentido (KEMPINSKA, 2014, 470).

Ao contrário de outros recursos narrativos discutidos até aqui, a ironia tem necessariamente um caráter ideológico. “O riso irônico é profundamente ambivalente, pois ele reúne em si a morte e a ressurreição. É um riso ligado a uma visão do mundo” (MACHADO, 2014, p. 114), que por vezes esconde o sofrimento e a violência sofrida, especialmente quando o sujeito irônico se trata de segmentos oprimidos.

[A ironia] faz parte ou ajuda a compor um discurso de caráter transgressivo, que abre espaço para o riso, ao romper com as convenções. Mais que isso, ela pode também apresentar críticas amargas às atitudes por demais dogmáticas, aos discursos totalitários, aos gêneros do discurso que se julgam inatacáveis (MACHADO, 2014, p. 110).

Meses das intervenções ativistas do Fandom Clarina se passaram e *Em Família* se encaminhava para o fim, quando a Globo iniciou a divulgação que o casal lésbico ficaria junto. No entanto, não existia qualquer certeza que o aclamado beijo seria gravado e colocado no ar. Os fãs decidiram manter as mobilizações por acreditarem na importância da transmissão do beijo para a naturalização do amor LGBT e sua representação na televisão.

Com toda certeza é super errado beijar quem você ama, super errado beijar enquanto você ta namorando, pois beijo só depois do casamento ou chifrando

sua namorada ou namorado (CEZÁRIO, 2014l).

A ironia do Fandom está presente em todo excerto, pois as construções frasais afirmativas são usadas para produção de sentido negativo. A construção dessa inversão se dá exatamente pelo posicionamento ideológico do Fandom de luta contra a homofobia. Quando apresentam que “com toda certeza é super errado beijar quem você ama”, apropriam-se do discurso de amor universal, amplamente aceito, para mostrar as contradições das restrições aplicadas aos LGBT. A crítica segue com “super errado beijar enquanto você tá namorando”, pois a proibição da afetividade também se estende aos relacionamentos não-eventuais.

Em “beijo só depois do casamento ou chifrando sua namorada ou namorado”, o Fandom retoma a ideia da existência de uma audiência conservadora que pressiona para a não concretização de Clarina. Tal público é associado a uma parcela reacionária de cristãos, reconhecidos pela defesa da família heteronormativa, de posicionamentos homofóbicos e machistas. “Beijo só depois do casamento” é um enunciado facilmente associado à ideologia desse público mais ortodoxo e subvertido pelo Fandom. A sequência “ou chifrando sua namorada ou namorado” é apresentada como uma possível solução, mas que tem como finalidade afrontar mais uma vez o referido grupo, pois traição também é considerada pecado. Ao buscar a questão da traição, é possível perceber uma outra alfinetada aos cristãos que traem seus companheiros e companheiras em uma atitude hipócrita.

A partir da discussão da estratégia narrativa do humor e das figuras de linguagem como recursos narrativos no blog Boteco Clarina, espaço de amplo diálogo entre membros do Fandom, é possível afirmar que o grupo de fãs foi capaz de valorizar sua voz. Seguiremos o diálogo sobre o que significa a uma voz obter valor e a relevância disso quando se trata de uma minoria social.

4.2.2 Então, a voz importa

Alguns aspectos são importantes a serem levados em consideração quando afirmamos que uma voz foi valorizada. Especialmente porque quando uma voz assume qualquer forma que não seja individual, o reconhecimento é exigido (COULDRY, 2015, p. 153). Contudo, o processo não é simples, pois para que os sujeitos reconheçam a voz coletiva, eles precisam se sentir pertencentes e críticos ao próprio grupo. É um duplo movimento, pois enquanto voz coletiva busca o reconhecimento para além do grupo, seus membros, ao mesmo tempo, participam de processos de reconhecimento mútuo, geradores de cooperação e solidariedade.

Como pudemos notar até aqui, o cerne da cultura de fãs é exatamente a participação.

Não há a possibilidade de ela existir sem a ampla profusão de narrativas criadas pelos fãs e o reconhecimento delas, essa é a sua chama vital. A partir disso, aprofunda-se também o senso de liberdade dentro das comunidades de fãs, onde a expressão do pensamento, em geral, é incentivada. Fatos que propiciam, portanto, a valorização dessas vozes dentro da cultura de fãs. Isso porque “o ato de relatar a sua própria vida em público (**de forma que ela possa ser ouvida e por sua vez, possa ser registrada**) deveria ser o ato que constitui o reconhecimento” (COULDRY, 2015, p. 166, grifo nosso). Resguardar a capacidade de realizar essas narrativas de si e do mundo é um ponto de partida para que um sujeito seja reconhecido enquanto interventor da realidade. Couldry (2015) defende que esse é o tipo de “vida na qual nos engajamos quando fazemos política. A prática de dar, receber e aguardar por relatos de vida de alguém é uma forma de vida” (p. 167), baseada na prática da voz como valor.

Quando tratamos de um grupo social oprimido, a não-valorização da voz toma dimensões graves. De maneira a comprovar esse argumento, Couldry (2010, p. 118) cita o estudo desenvolvido em 1972 por Richard Sennett e Jonathan Cobb, sobre narrativas da classe trabalhadora estadunidense. Os resultados mostraram que o trabalhador com condições de trabalho precarizadas acreditam que pessoas de classes sociais mais altas podem julgá-lo, por serem “mais desenvolvidos”. Além disso, o trabalhador sente necessidade de se justificar a esses indivíduos considerados “evoluídos” por ele. A situação demonstra o que Nick Couldry (2010) denomina de “relatos de autodesvalorização”. Tal processo é extremamente comum entre homossexuais, motivado pela homofobia existente na sociedade.

O indivíduo gay [homossexual] vê-se confrontado com um “retrato compósito” de si mesmo que lhe é proposto por um conjunto de imagens, representações, discursos que fornecem a ele uma visão degradante ou, ao menos, inferiorizante de si mesmo. Não só as categorias inferiorizadas são sempre apresentadas sob traços ridículos ou depreciadores, mas as pessoas são sempre reduzidas pelo discurso dominante e “legítimo” a características gerais e a proximidades “descreditantes”, tais como o crime, a imoralidade, a doença mental, etc (ERIBON, 2000, p. 92-93).

No que se refere às lésbicas a situação é ainda mais complexa, pois existe uma dificuldade das mulheres em encontrar uma voz ou reconhecer-se na produção de narrativas-de-si e do mundo. De acordo com Nick Couldry (2010) a situação de grupos estigmatizados, como as lésbicas, se explica pela atuação de forças intensas que minam suas oportunidades de narrar e “serem reconhecidas positivamente pelo que dizem, dentro de uma distribuição social mais ampla de voz, aquela altamente gerida” (p. 120, tradução nossa), especialmente pelos empregadores das políticas neoliberais. A partir dessa ideia, Couldry (2010, p. 120) dialoga com Judith Butler sobre os problemas encontrados pelos que não se enquadram à “grade pré-

condicionada de gênero e sexualidade”. Pessoas como essas não são reconhecidas como plenas, assim, “permanecem como vozes deficientes, automaticamente excluídos da possibilidade completa de fala e reconhecimento enquanto sujeito (COULDRY, 2010, p.120-121, tradução nossa).

Para alterar essa realidade, “as pessoas precisam primeiro serem visíveis antes de serem reconhecidas como tendo voz. Elas devem ser consideradas primeiro como parte da paisagem em que as lutas por voz acontecem” (COULDRY, 2010, p. 130, tradução nossa). O Fandom Clarina compreende esse fenômeno, pois as ações coletivas realizadas pela efetivação do romance lésbico explícito na telenovela *Em Família* tiveram um objetivo para além da prática fã de *shipping*. Conforme discutimos nos capítulos anteriores, o Fandom entendeu a necessidade de combater a invisibilidade por meio da luta pela representação lésbica positiva em uma novela de grande público. Uma forma de contraposição à “visão degradante” (ERIBON, 2000), imposta socialmente às lésbicas.

O trabalho de Couldry (2010) aponta que uma das dimensões, geradoras dessa invisibilidade e desvalorização de narrativas, é a opacidade social. As narrativas consideradas como “mais antigas” que explicam a dinâmica do mundo social “não são mais plausíveis e geram impactos sobre os tipos de história que indivíduos e grupos podem contar sobre seu papel e lugar no mundo” (p.125, tradução nossa). A opacidade privilegia as narrativas que culpam o sujeito por suas falhas e problemas durante sua trajetória de vida de forma individual, excluindo a dimensão social dos fatores. Além disso, as narrativas que incentivam e validam ações e mobilizações coletivas não possuem espaço (p. 126).

Diante do exposto, como podemos pensar em uma mudança em larga escala das narrativas? Nick Couldry (2010, p. 129) afirma que o mais importante não é necessariamente o que estimula a mudança, mas sob quais mecanismos ela pode acontecer. O autor sugere que os quadros narrativos atuais sejam ampliados, de forma a viabilizar que as narrativas consideradas hoje menores ganhem legitimidade e não mais murchem sem qualquer suporte. Outra perspectiva apontada para encontrarmos narrativas mais favoráveis são as “redes de protesto”, o ativismo, onde há a promulgação de novas narrativas e o desejo de mudança social.

Nossas práticas de reconhecimento (e por isso nossas práticas de voz) são limitadas pelas histórias dos espaços onde nos encontramos: as histórias das lutas de reconhecimento de outros diante de nós, a história de nossa própria luta para ser reconhecida em contraste com outras particulares. Espaços para a voz são, portanto, inerentemente espaços de poder; Seu vínculo com o poder não se deriva apenas de instituições como o governo que procuram gerenciá-las. Assim, uma abordagem sociológica da voz nunca pode se basear apenas numa celebração de pessoas falando ou contando Histórias: ela deve ser colocada num contexto sociológico que é sempre, em parte, um contexto

político (COULDRY, 2010, p.130, tradução nossa).

Portanto, para que fosse possível estabelecer as relações necessárias no dimensionamento do processo de construção e valorização da voz do Fandom Clarina tivemos que perpassar pelo máximo de elementos possíveis da “paisagem” de sua voz, a fim de alcançarmos este contexto político. O Fandom Clarina não pôs fim aos problemas das vozes lésbicas, mas certamente contribuiu para que os sujeitos envolvidos avançassem, ao menos no âmbito individual, no controle das formas de operacionalização das suas narrativas de si e do mundo, assim como no processo de reconhecimento delas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 11 de junho de 2014 foi exibido o capítulo de *Em Família* em que Cadu encerra seu casamento com Clara, colocando um fim ao principal obstáculo que impedia que Clarina se concretizasse. A partir daí os capítulos seguintes retratam a aproximação do casal, dando a entender que estão juntas, mas de forma muito sutil (ARAB, 2015). Apenas no dia 25 de junho, “Marina faz um ensaio de fotos dela e de Clara para uma exposição de casais. Neste momento a união das duas finalmente é sacralizada” (ARAB, 2015, p. 142).

O tão aclamado beijo Clarina reivindicado pelo fandom aconteceu cinco dias depois, quando Marina pede Clara em casamento. É importante ressaltar que não se tratou de um beijo sensual, como os trocados pelo casal protagonista heterossexual. Contudo, foi uma cena delicada e romantizada, como boa parte da história das personagens.

Outros fatos importantes aconteceram até o final de *Em Família*. Um segundo beijo no dia 10 de julho, enquanto comemoravam a aprovação do noivado delas pela família, a construção de uma relação de amizade entre Cadu e Clara, bem como a aceitação do relacionamento lésbico por Ivan, o filho de Clara. Como se não fosse o bastante, o casal protagonizou o primeiro casamento lésbico em telenovela brasileira - cuja cerimônia foi encerrada com um novo beijo na presença de quase todo elenco - e discutiram ainda a adoção de uma criança. Concretizando, portanto, uma representação bem-sucedida de relacionamento lésbico e família homoparental.

Não podemos afirmar, contudo, que o caminho trilhado pelas personagens foi forjado especificamente pela luta do Fandom Clarina. No entanto, é impossível negar a importante pressão exercida pelos fãs para concretização do amor lésbico explícito, principalmente diante do histórico das representações lésbicas nas telenovelas da Rede Globo, no qual as mulheres homossexuais eram invisibilizadas.

Como discutimos, a relação entre fãs e a cultura de massa é contraditória, pois fascina e também causa frustração com a obra (JENKINKS, 2009; 2015). A situação os leva a criar novas narrativas, com foco em outros aspectos da obra original, de forma a atender suas necessidades. Nesse sentido, o fandom é caracterizado como espaço de compartilhamento de interesses em comum, produção de críticas e de conteúdo, laços baseados na cooperação e solidariedade. Enquanto a sociedade sofre com a falta de participação dos cidadãos da vida pública, fruto de uma crise de voz contemporânea (COULDRY, 2010), a cultura de fãs faz exatamente o caminho contrário, já que sua essência fundamental é a ampla elaboração de narrativas-de-si e do mundo, bem como a valorização delas.

Pudemos perceber que as práticas de fãs em geral estão relacionadas ao entretenimento, com ativismo voltado muito mais ao consumo, como a luta contra o cancelamento de uma série de televisão ou pela publicação antecipada de livro, por exemplo. O Fandom Clarina, no entanto, ultrapassou tais fronteiras e rumou ao ativismo. No decorrer dos capítulos, analisamos seus comportamentos, práticas e ações ativistas para demonstrar que um fandom pode ser um agente ativista capaz de intervir em algum nível na realidade. Por conta do seu diferencial político, o Fandom Clarina apresentou tanto práticas culturais tipicamente de fãs, quanto de movimentos interessados na transformação social, como o movimento homossexual.

Para entendermos o que motivou a realização das ações coletivas pelo Fandom fizemos uma breve retomada sobre as raízes para a opressão social contra mulheres, especialmente as lésbicas. Discutimos também as razões para a homofobia, como o preconceito afeta na constituição das mulheres homossexuais, e como isso está presente nas suas narrativas, como os “relatos de autodesvalorização” (COULDRY, 2010). Além disso, como se configura a invisibilidade lésbica e seus reflexos nas representações do amor entre mulheres nas telenovelas da Rede Globo. Portanto, um senso de responsabilidade social acerca da homofobia no Brasil esteve presente no Fandom Clarina e pôde ser comprovado especialmente nos excertos extraídos dos textos do *blog Boteco Clarina* e seus comentários.

A partir do conhecimento das forças que tentam minar sua voz (COULDRY, 2010), o Fandom soube utilizar as características positivas do ativismo realizado na internet e da própria cultura de fãs para operacionalizar sua voz e conquistar reconhecimento entre os próprios fãs, da Rede Globo, do autor de *Em Família* e de parte da sociedade. A situação está em consonância com a ideia de Nick Couldry de que a partir do ativismo é possível criar narrativas que se proponham a fugir da opacidade social, do que é legitimado pelo neoliberalismo (inclusive a homofobia).

Com o término de *Em Família*, pouco tempo depois o Fandom Clarina também se dissolveu, uma confirmação da efemeridade característica da cultura de fãs. Situação bem definida pela fã Bruna Cezário no título do último *post* do *blog Boteco Clarina*, no dia 15 de setembro de 2014: “Valeu, foi bom, adeus!”. É preciso lembrar, no entanto, que Jenkins (2015) alerta para a não idealização do fandom, da cultura de fãs e apresenta uma visão interessante sobre a questão.

A comunidade fã às vezes sofre com brigas e conflitos de personalidade. Aqui também encontram-se egoístas e maldizentes, gananciosos e grosseiros; diferente da realidade mundana, porém, o fandom continua sendo um espaço onde o compromisso com valores democráticos pode ser renovado e nutrido. O comportamento não cooperativo é entendido negativamente, como violação do contrato social que une os fãs e muitas vezes torna-se foco de indignação

[...]. Nas poucas e curtas horas que passam a cada mês interagindo com outros fãs, eles encontram algo mais que o relacionamento superficial e os valores inferiores da cultura de consumo. Encontram um espaço que permite que eles descubram “como seria sentir a utopia” (JENKINS, 2015, p. 284-285).

O fenômeno nos deixa margem para refletir sobre o que aconteceria se esse enorme potencial criativo e organizativo da cultura de fãs fosse empregado, assim como ocorreu com o Fandom Clarina, em prol da luta pelas transformações sociais. A experiência de fã-ativismo discutida nesse trabalho, contudo, nos recorda que “ao aprender as complexidades das vozes dos outros, podemos aprender alguma coisa sobre as complexidades das nossas (COULDRY, 2010, p.131, tradução nossa). Desse modo, até as lutas consideradas pequenas por muitos contribuem para rompermos com o silêncio, gerar algum tipo de mudança, principalmente em nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Talita. **Brasil é o país mais perigoso para homossexuais**. Revista Exame [site]. [Local desconhecido], 5 de julho de 2016, [Acesso em 18 de maio de 2017]. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/brasil-e-o-pais-mais-perigoso-para-homossexuais-diz-nyt/>
- AGOSTINI, Adriana. **Lésbicas na TV: The L Word**. São Paulo: Editora Malagueta, 2010.
- ALENCAR, Felipe. **Seis segredos sobre os Trending Topics do Twitter**. Techtudo [site], [Local desconhecido], 8 de abril de 2016. [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/04/seis-segredos-sobre-os-trending-topics-do-twitter.html>
- AMARAL, Adriana; TASSINARI, Larissa. **Fandoms transculturais: apropriações nas práticas de shipping dos fãs brasileiros de K-POP no Facebook**. Revista Vozes & Diálogo, Itajaí, v. 15, n. 01, jan./jun. 2016.
- ARAB, B. Analú. **Fã-ativismo na telenovela Em Família**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Artes e Comunicação, 2015.
- ARC, Stéphanie. **As lésbicas: mitos e verdades**. São Paulo: GLS, 2009.
- BATISTA, C. Jandré. **Apropriações ativistas em sites de redes sociais: cartografia das ações coletivas no twitter**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2012.
- BALDANZA, F. Renata. **Comunicação e interação on-line como nova forma de sociabilidade: analisando uma comunidade virtual de turismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.
- BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRAVO, Zean. **Manoel Carlos confessa não ter disciplina para criar e comenta sua nova trama, ‘Em família’**. O Globo [site]. [Rio de Janeiro], 12 de janeiro de 2014, [Acesso em 18 de maio de 2017]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/manoel-carlos-confessa-nao-ter-disciplina-para-criar-comenta-sua-nova-trama-em-familia-11265204>
- BROCHADO, Solon. **Com quantos tweets se faz um trending topic?** Super Interessante [site]. [Local desconhecido], 5 de janeiro de 2011. [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/com-quantos-tweets-se-faz-um-trending-topic/>
- CAPONE, V. Letícia. **Twitter e esfera pública: Pluralidade e representação na discussão sobre o Marco Civil da Internet**. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2015.

CARDOSO, F. S, Ciro. **Narrativa, Sentido e História**. Campinas: Papirus, 1997. Coleção Textos do Tempo.

CARMELINO, C. Ana. **Humor: uma abordagem retórica e argumentativa**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 40-56 – jul - dez 2012.

CEZÁRIO, Bruna **E se Clarina fossem as protagonistas de Em Família?** . Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 1 de abril de 2014a. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/04/e-se-clarina-fossem-as-protagonistas-de.html>

_____ **O LAUDO - Aqui jaz o fandom Clarina**. Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 11 de abril de 2014b. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/04/o-laudo-aqui-jaz-o-fandom-clarina.html>

_____ **O LAUDO: Eu acho é pouco**. Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 18 de abril de 2014c. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/04/o-laudo-eu-acho-e-pouco_18.html

_____ **[UTILIDADE CLARINA] Campanha apoio a Clarina** . Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 20 de abril de 2014d. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/04/utilidade-clarina-campanha-apoio-clarina.html>

_____ **[Utilidade Clarina] Mutirão somos todos fandom Clarina**. Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 9 de maio de 2014e. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/05/utilidade-clarina-mutirao-somos-todos.html>

_____ **Família Brasileira é o fandom (sqn)**. Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 20 de maio de 2014f. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/05/familia-brasileira-e-o-fandom-sqn.html>

_____ **[UTILIDADE CLARINA] Mutirão Somos Todos Fandom Clarina II**. Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 21 de maio de 2014g. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/05/utilidade-clarina-mutirao-somos-todos_21.html

_____ **[UTILIDADE CLARINA] #ChutaOBaldeClara**. Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 23 de maio de 2014h. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível

em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/05/utilidade-clarina-chutaobaldeclara.html>

_____ **Laudo: O dia que baixou o Seu Benjamin no Fandom Clarina.** Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 25 de maio de 2014i. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/05/o-laudo-o-dia-que-baixou-o-seu-benjamin.html>

_____ **[UTILIDADE CLARINA] Passe a palavra.** Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 28 de maio de 2014j. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/05/utilidade-clarina-passe-palavra.html>

_____ **[UTILIDADE CLARINA] Queremos beijos Clarina.** Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 4 de junho de 2014l. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/06/utilidade-clarina-queremos-beijos.html>

_____ **Notícias: vai ter copa sim.** Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 11 de junho de 2014m [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/06/noticias-vai-ter-copa-sim.html>

_____ **O laudo: Valeu, foi bom, adeus!** Boteco Clarina [blog]. [Local desconhecido], 15 de setembro de 2014n. [Acesso em 1 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://botecoclarina.blogspot.com.br/2014/09/o-laudo-valeu-foi-bom-adeus.html>

COELHO, C. C. Anna; AMERICO, S. Daiane; CAVALCANTE, K. Thaís; TOMAZ, Renata. **Feliko: Como o Fandom Tem Impactado a Indústria Cultural e Reformulado as Relações de Fãs.** XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015.

COHEN, Joshua. **Deliberação e legitimidade democrática.** In: MARQUES, C. S. Ângela (org). A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 85 – 108.

COLETTE. **A message to Globo.** All Things Clarina [blog]. [Local desconhecido], 27 de maio de 2014. [Acesso em 2 de junho de 2017]. Disponível em: <http://allthingsclarina.blogspot.com>

CORRÊA, D. Lucas; AZAMBUJA, Patrícia. **Por trás das grades e à frente do fandom: Um olhar sobre ativismo de fãs e Orange is The New Black.** XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015.

- COULDRY, Nick. **Filosofias da Voz**. Revista Fólio, vol. 7, n. 1, jan-jun, 2015.
- COULDRY, Nick. **Why Voice Matters: Culture and Politics after Neoliberalism**. London: Sage, 2010.
- CUNHA, I. V. Maria. **A figura do fã enquanto criador**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2007
- DENCK, Diego. **12 famosos que foram atacados por seus fãs**. Mega Curioso [site]. [Local desconhecido], 24 de maio de 2016 [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://www.megacurioso.com.br/personalidades/98980-12-famosos-que-foram-atacados-por-seus-fas.htm>
- ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Editora Escala, 2009.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. São Paulo: Companhia de Freud, 2008.
- ESTEVÃO, G. M. Flávia. **A telenovela e o diálogo online com o fandom**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- FERNANDA. **Drops**. Blog do Manoel Carlos [blog]. [Rio de Janeiro], 26 de abril de 2014, [Acesso em 18 de maio de 2017]. Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/blog/manoel-carlos/drops/>
- FILGUEIRAS, Luiz . **O Neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico**. In: Eduardo M. Basualdo; Enrique Arceo. (Org.). Neoliberalismo y Sectores Dominantes - tendencias globales y experiencias nacionales. 1a ed. Buenos Aires: CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006, v. 1, p. 179-206.
- FORATO, Thiago. **Ibope atualiza representatividade de 1 ponto de audiência**. Na Telinha [site]. [Local desconhecido], 7 de janeiro de 2016. [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/01/07/ibope-atualiza-representatividade-de-1-ponto-de-audiencia-veja-comparativo-95454.php>
- GOHN, Maria Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. Edições Loyola. São Paulo, 2007.
- GOMES, Wilson. **Da discussão à visibilidade**. In: GOMES, Wilson; MAIA, C. M. Rousiley. Comunicação e Democracia: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008. p. 117 – 162.
- GOMES, Wilson. **Participação política online: questões e hipóteses de trabalho**. In: MAIA, C. M. Rousiley; GOMES, Wilson; MARQUES, P. J. A. Francisco. Internet e participação política no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011. p. 19 – 45.
- GOMIDE, D. V. Silvia. **Representações das identidades lésbicas na telenovela Senhora do Destino**. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2006.

- GREEN, N. James. **Além do carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GRUDA, P. P. Mateus. **Uma análise do discurso do humor**. Revista Travessias, vol. 5, nº 1, p. 747- 760. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2015.
- GUIMARÃES, F. P. Anderson. **Lésbica é uma mulher? vozes e silêncios**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.
- HAILER, Marcelo. **A família, as lésbicas, a novela e o machismo evidente**. Revista Fórum [site]. [Local desconhecido], maio 2014, [Acesso em 27 de setembro de 2014]. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/familia-lesbicas-novela-e-o-machismo-evidente/>
- HAMBURGER, Esther. **Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano in História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 438 a 487.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens. Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora ALEPH, 2ª edição, 2009
- _____ **Cultural acupuncture: Fan activism and the Harry Potter**. Alliance. Transformative Works and Cultures, v. 10, 2012.
- _____ **Invasores do texto: fãs e cultura participativa**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- KEMPINSKA, D. G. Olga. **Ironia e discurso feminino**. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(2): 304, maio-agosto/2014
- KOZIEL, Elenice. **Práticas de leitura na cibercultura e a formação do leitor crítico: fandom e transmidialidade na série Percy Jackson e os Olimpianos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2015.
- KURTZ, B. Gabriela. **O chamado de Cthulhu na Internet: as modificações do monstro de H.P. Lovecraft realizadas por fãs no Facebook**. Revista Vozes & Diálogo, Itajaí, v. 15, n. 01, jan./jun. 2016.
- LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- LIMA, A. A. Marcus. **Homem Sexual: voz como narrativa-de-si em José Celso Martinez Corrêa**. XV Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação. Ponta Grossa, 2012.
- _____ **Celebridades e ativismo: a voz dos famosos em defesa do casamento igualitário**. Contemporanea, v. 11, n. 02, mai-ago 2013, p. 284-303.

_____ **Psico(sócio)análise da voz: narrativas-de-si e identidade na mídia.**

Manuscrito do autor. Vitória da Conquista, 2014a.

_____ **Interferência cultural: ativismo, mídia e arte.** Revista da Associação

Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-compós), Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014b.

MACHADO, L. Ida. **A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa.** Bakhtiniana, São Paulo, Número 9 (1): 108-128, Jan./Jul. 2014.

MAIA, Rousiley. **Sociabilidade: apenas um conceito?** GERAES, Revista de Comunicação Social, nº 53, 2001, p. 4-15.

MAIA, C. M. Rousiley. **Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política.** In: MAIA, C. M. Rousiley; GOMES, Wilson; MARQUES, P. J. A. Francisco. Internet e participação política no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MASCARENHAS, Alan; TAVARES, Olga. **A inteligência coletiva do fandom na rede.** XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande, 2010.

MARTINELLI, Andrea. **9 curiosidades de 'Cinquenta Tons de Cinza' que vão mexer com você.** Brasil Post [site]. [Local desconhecido], 11 de fevereiro de 2015 [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2015/02/11/9-curiosidades-50-tons-de_n_6662948.html

MILÁ, Morgan. **Income Concentration in a Context of Late Development: An Investigation of Top Incomes in Brazil using Tax Records, 1933–2013.** Paris School of Economics [site]. Paris, 18 de setembro de 2015 [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://piketty.pse.ens.fr/files/MorganMila2015.pdf>

MIRA, Alberto. **Para entendernos: dicionario de cultura homosexual, gay y lésbica.** Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1999.

MINDY. **Guia do ship: você sabe o que é shippar?** Garotas Geek [site]. [Local desconhecido], 29 de fevereiro de 2016. [Acesso em 9 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://www.garotasgeeks.com/guia-do-ship-voce-sabe-o-que-e-shippar/>

MITRE, Maya; DOIMO, Ana Maria; MAIA, Rousiley. **Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net.** Revista Comunicação & Política, n.s., v.X, n.1, p.063-185. Rio de Janeiro, 2003.

MONTEIRO, Camila. **Fandom: cultura participativa em busca de um ídolo.** Revista Anagrama Ano 4 - Edição 1 – São Paulo, Setembro-Novembro de 2010.

MOTTA, L. Célia; MOTTA, G. Luiz; CUNHA, J. Maria. **Narrativas Midiáticas.** Florianópolis: Editora Insular, 2012, p. 23-32.

- MOTT, Luis. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- NAVARRO, Lico. **Beatles e seus recordes insuperáveis**. Escola de Música e Tecnologia [site]. [Local desconhecido], 20 de novembro de 2004. [Acesso em 5 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://www.territoriomusica.com/emt/noticias/?c=4898>
- NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- NOVAES, André. **Consenso de Washington: crise do Estado Desenvolvimentista e seus efeitos sociais – um balanço crítico**. Revista Ensaio – n.1, v.1, ano 1, 2º semestre de 2008.
- OKITA, Hiro. **Homossexualidade da opressão à libertação**. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.
- PAGLIA, Camille. **Personas Sexuais. Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson**. SP: Companhia das Letras, 1992.
- PALOMINO, T. Paula. **A cultura fandom e os fanfictions. Métricas para analisar a recepção dos fãs aos jogos eletrônicos: o caso Mass Effect**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP – 03 a 05/07/2013
- PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- POLLAK, Michael. **A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto**. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 54 – 76.
- RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana; MONTEIRO, Camila. **Fandoms, Trending Topics and Social Capital in Twitter**. Association of Internet Researchers, Salford, 2012
- RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional**. Revista Digital EFDeportes - ano 8, nº 56, Buenos Aires, janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>
- RODRIGUES, Carla. **Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida**. Revista Latino Americana Sexualidad, Salud y Sociedad, n.10 - abr. 2012, p.140-164.
- SACHS, S. Rafael. **O texto digital como processo e a política como regime de enunciação: um estudo de mashups multimodais nas jornadas de junho**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2015.
- SEBASTIÃO, P. Sônia; ELIAS, Ana Catarina. **O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas**. Revista Sociedade e Cultura, v. 15, n. 1, p. 61-70. Goiânia, jan./jun. 2012.
- SEDGWICK, K. Eve. **A epistemologia do armário**. Cadernos de Pagu, n.28, Campinas jan./jun. 2007.
- SELEM, O. Maria Célia. **A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do**

sujeito político lésbica.

SOUZA, Andressa; MARTINS, Helena. **A Majestade do Fandom: a Cultura e a Identidade dos Fãs**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, 2012.

STEIW, Leandro. **John Lennon: quem acabou com o sonho?** Super Interessante [site]. [Local desconhecido], 30 de setembro de 2005. [Acesso em 8 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/john-lennon-quem-acabou-com-o-sonho/>

TOLEDO, G. Livia; FILHO, S. T. Fernando. **Laços de família e segredos (sexuais) compartilhados: narrativa de história de vida de uma jovem dissidente em uma família homofóbica**. Bagoas : revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. - V. 1, n. 1 jul./dez. 2007)- . - Natal : EDUFRN, 2007.

TORREGLOSSA, Silvia; JESUS, V. M, Adriano. **Estudo sobre Fãs de Telenovela Brasileira e sua representação modelar em “Cheias de charme”**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística**. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990. ISSN/ISBN: 01024450.

TREVISAN, João. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANEXO 1 – BOTEÇO CLARINA “E SE CLARINA FOSSEM AS PROTAGONISTAS DE EM FAMÍLIA?” (1 DE ABRIL DE 2014)

Não desmerecendo a Julia Lemmertz e sua primeira protagonista, ela ia continuar sendo a Helena, mesmo porque não ia dar certo Giovanna Antonelli sendo a Helena por causa do nome do ship, ia dar muito ruim se ao invés de Clarina tivéssemos que as chamar de Helina, não ia ficar bonito e já me basta um monte de nome feio de ship que essa novela já tem. Enfim...

Clara é uma dona de casa, casada com Cadu, um marido que pensa que sonho (não o da padaria) enche barriga e paga a conta de luz. O casamento de 10 anos não é mais tão feliz assim, então em uma tentativa de sair da monotonia Clara e Cadu vão a uma exposição de mulher pelada e conhecem Marina que faz questão de virar logo “amiga” da dona de casa. Ai acontece aquelas coisas tudo que já vimos porque não sou besta nem nada de mudar todas essas cenas lindas, fofas, minha vida todinha que vi até agora, só que a única diferença é que não ia ter aqueles picotes malditos que a edição anda dando, pois quem picotasse ia ser demitido e só ia conseguir emprego vendendo Nova Schin na praia..

Como Clara não ta sabendo lidar com seus sentimentos pela fotografa, ela vai conversar com sua irmã Helena, que é uma das maiores psicólogas do Rio de Janeiro, pois um núcleo de uma psicóloga é bem mais interessante do que de uma leiloeira que só fica gritando “quem da mais, quem da mais”. Quem da mais são as moças dos pontos dos drive-in, dos motéis e da Augusta, então né... Helena a aconselha a se divorciar e ir fundo porque ninguém merece ficar em um casamento infeliz (diferente da Helena do universo verdadeiro que só fica em cima do muro traindo o movimento Clarina), mas Clara sabe que ainda não pode fazer isso, porque Cadu tem um problema no coração e se chegar pedindo o divórcio é capaz do coração dele parar de vez e ele morrer e ela ficar viúva, livre, leve e solta para viver seu romance com a Marina, mas não desejamos a morte do Cadu por aqui, então a morte não é a saída. Só que Clara não sabe que Cadu ta apaixonado pela sua cardiologista, a doutora Silvia, mas como ele não quer magoar a Clara ele não manda a real para ela, o que é burrice, pois se ela ouvisse uma coisa dessas ela ia era sair dançando I will Survive no meio da casa de tanta felicidade.

Mas não é só a doença do Cadu que atrapalha o romance das duas não, existe também a Vanessa, ex-namorada da Marina que tem um recalque tão grande que se ela entra em algum lugar todos tem que sair, pois ela e o recalque não cabem em um mesmo ambiente fechado com outras pessoas. Com seu veneno, caras e bocas e histórias, cada vez que Clarina tão pra virar canon ela vem com uma intriga e faz as duas terem um afastamento radical de 24 horas. Faz com que Marina demita a Clara de seu coração. Pra terem ideia, Vanessa chega até dizer que

por culpa da Clara, Marina desmaiou na festa lá da sua exposição, ficou pobre (pois Clara atrai pobreza, vide seu casamento com Cadu), foi empurrada da escada pela Nazaré, torcendo o pé em consequência do capote e óbvio que começou a amar pela primeira vez na vida, mas Vanessa foi logo cortada, porque a explicação para todas as desgraças da Marina tem uma explicação bem simples: SAPATÃO!

Em núcleos paralelos... Clara fica perguntando para todas as mulheres da família se elas já foram cantadas por mulheres ou se ficariam com alguma mulher. Juliana diz que não via problema nenhum em ficar com uma mulher, ainda mais se ela tivesse uma filha chamada Bia. Luiza diz que não vê problema nenhum também e que até assiste *Orange is the new Black* e *shippa Vauseman*. Chica não curtiu muito a pergunta e disse para a filha tomar tento na vida que ela só precisava encontrar um homem que nem o Ricardo para ela ser feliz.

Em núcleos paralelos 2... Juliana descobre que Marina é sua filha, mas que por algum motivo ela bloqueou isso da memória e é por isso que o pai da Marina não aparece nem em voz e a mãe nunca é citada. Por tanto Marina e Clara são primas, mas ninguém liga porque Helena pegava o Laerte, que morreu ainda quando era novo e Selma culpa a psicóloga pela morte até hoje, assim como Shriley que diz que Helena estragou sua felicidade e com muito humor e maldade ela tenta destruir a felicidade da Helena. Tudo isso inspirada na Regina a *Evil Queen* de *Once Upon a Time*.

Em núcleos paralelos 3... Verônica é uma paciente de Helena que diz que o piano é seu moção porque ela não acredita mais no amor desde as surras de flauta que levou e também por que eu nunca na vida ia excluir Helena Ranaldi de alguma novela né.

Os outros núcleos, começando com o da Branca, ia excluir tudo porque não sou obrigada a ficar aguentando chatice.

ANEXO 2 – BOTEÇO CLARINA “O LAUDO: AQUI FAZ O FANDOM CLARINA” (11 DE ABRIL DE 2014)

Eu sou uma seriadora, mas antes de ser uma seriadora eu era uma noveleira. Comecei minha vida de novela no SBT como qualquer criança da minha época. Carrossel, Chiquititas, Carinha de Anjo, Pequena Travessa, Picara Sonhadora, Pérola Negra, Esmeralda e aquelas milhares de novelas mexicanas que são reprisadas até hoje. Só que chega uma hora que toda aquela história que a gente sabe que vai terminar em casamento não faz mais efeito e querendo ou não era hora de Globo.

Por Amor, Laços de Família, Mulheres Apaixonadas, Páginas da Vida e Viver a Vida. Essa foi a sequência que eu segui de verdade do Manoel Carlos. Sempre tudo escrito com uma delicadeza, com uma carga emocional de você perder o rumo da vida, uma trilha sonora que praticamente te leva para dentro de toda a cena. Suas Helenas, seus conflitos familiares, a história dos brasileiros contada de uma forma mais fina acompanhada de Bossa Nova. Existem as pessoas que gostam, existem as pessoas que não gostam, mas todos assistem, pois querendo ou não é Manoel Carlos, ele sabe tocar no coração, ele sabe tocar na ferida, ele sabe criar polêmicas, ele sabe escrever novela.

Por Em Família ser sua última novela todo mundo esperava a Helena das Helenas, o conflito familiar que viraria primeiro assunto nas manhãs de trabalho, primeiro assunto no almoço, primeiro assunto no jantar e depois todos na frente da televisão esperando para ver como toda aquela trama iria se desenrolar, porém a Helena não comove, a Helena irrita, a Helena só da chique, só serve para conselheira familiar, não serviu nem pra ter uma rival de peso, pois sua “inimiga” não quer lhe destruir, e muito menos quer o seu marido e sim um homem que um dia chegou a ser seu noivo, a história da Helena não anda, na realidade ainda não sei muito bem qual é a história da Helena a não ser ficar fazendo barraco com a filha mimada e quase arrancar o cabelo fora quando o assunto é Laerte. Só que com o capítulo de hoje uma coisa que já estava clara para mim há um bom tempo, ficou mais clara ainda e eu digo sem ter medo de ser apedrejada pela Soninha Deus é Mais: Helena, desequilibrada, desculpa, mas você não é a protagonista de Em Família, você pode levar o nome de protagonista das novelas do Maneco, porém você não é.

Já virou rotina na vida de Giovanna Antonelli protagonizar novelas em que ela não é a protagonista, o que me deixa imensamente feliz, pois sei que junto com ela vem mais uma pessoa para protagonizar junto, pessoa essa que é seu par romântico e dessa vez tivemos a sorte de nos depararmos com a Tainá Müller e seu primeiro trabalho como “protagonista sem

intenção”.

Eu me lembro de *Mulheres Apaixonadas*, também lembro de uma amiga me dizer que o nome da novela tinha um outro sentido, que não era porque as mulheres eram apaixonadas pelos seus respectivos pares românticos e todas suas situações, e sim porque teriam como protagonistas duas mulheres que iriam se apaixonar, mas era 2003, se Globo estava vetando beijo entre pessoas do mesmo sexo até ontem, óbvio que uma novela protagonizada por duas mulheres iria ser vetada, porém 11 anos depois Manoel Carlos consegue, que eu penso por mim, realizar esse sonho, de duas mulheres protagonizarem uma novela. Não sei dizer se foi intencional, se uma coisa levou a outra, eu só sei que ele está escrevendo uma história de amor tão linda, intensa, emocionante e destruidora de carreiras, que da raiva a Globo aproveitar tão mal disso, mas eu não vou falar do antes, eu não vou falar do depois, eu vou falar de agora, eu vou falar do capítulo dessa *Quinta-Feira*, do capítulo que eu quero ver o próprio Maneco conseguir bater a perfeição daqui pra frente, do capítulo que me mostrou o motivo de eu estar acompanhando o flop que é essa novela, pois consta no meu histórico que eu já abandonei novelas por muito, mas muito menos mesmo, o motivo que de todos os casais que existem nessa novela eu escolhi shippar Clarina.

O capítulo foi um milhão de vezes a cima da média. Não teve spoiler, não teve foto, não teve teoria, não teve absolutamente nada que fizesse o capítulo perder a magia que ele teve.

Someday, when I'm awfully low

When the world is cold

I will feel a glow just thinking of you

And the way you look tonight

Os tiros começam quando Clara vê aquela bendita revista com uma foto de capa que a Marina pegou do Gshow, aliás.. Eita casal pra gostar de pegar as fotos de lá, gente como a gente. Graças a foto do Gshow, Clara se lembra de uma das cenas mais sensacionais que eu já vi nessa minha carreira de novelas, séries e filmes. A moça shipper que vazou a foto do flashback não estava brincando quando disse que a cena foi linda, Maneco não estava brincando quando disse que a cena seria delicada e eu não estou brincando quando digo que esse flashback foi uma poesia, começando pela música que Marina escolhe para dançar com a Clara, onde *Mulheres Apaixonadas* gritou demais. Não tinha *L'amour*, *Born To Die* e muito menos *Só Vejo Você* quando o assunto é Marina escolher *The Way You Look To Night*, ainda uma versão exclusiva para a cena que eu não achei em lugar nenhum, mas se alguém tiver favor compartilhar que o Boteco agradece.

The Way You Look To Night...

Romântica como a cena...

Linda como a cena...

Delicada como a cena...

Até sensual como a cena...

You're so lovely, with your smile so warm

And your cheeks so soft

There is nothing for me but to love you

And the way you look tonight

Mais um pouco Giovanna e Tainá iriam explodir as televisões brasileiras, pois aquilo era um exemplo de que elas não tem química, era o exemplo de que elas tem a tabela periódica inteira como já cansamos de dizer aqui. As duas estavam excepcionais, sem duvidas elas sempre se entregam aos personagens, mas quando o assunto é Clara e Marina elas estão se entregando o dobro. O que o texto do Maneco tem de lento, cansativo, chato e sem emoção dos outros núcleos nessa novela, até quando não envolve texto, as cenas Clarina é de acabar com a vida, exemplo desse flashback e quando as cenas precisam ser faladas, quando tem um texto a seguir, os tiros só continuam.

With each word your tenderness grows

Tearing my fears apart

And that laugh that wrinkles your nose

Touches my fletch heart

Depois da cena de hoje eu não quero mais Clara perguntando para Zé ninguém sobre desejos lésbicos, mesmo porque não sobrou muitas pessoas para perguntar, pois depois de hoje Marina sabe o que todos da novela, até mesmo o Cadu sabe, tudo que ela sente por Clara é recíproco, que diferente do que a Vanessa disse, Marina não está doente de amor sozinha, as duas sofrem na mesma proporção. Marina por não poder ter a Clara por ela ser casada e Clara não poder ter a Marina por ser casada, claro que isso pode ser resolvido, mas um tiro de bazuca de uma vez.

Yes you're lovely, never ever change

Keep that breathless charm

Won't you please arrange it?

'Cause I love you

Just the way you look tonight

A forma como elas conversaram. O modo como quase saiu o “eu te amo” da Clara,

resposta para aquele “eu to te amando” que a gente espera tem capítulos. Os abraços, os toques, Clara mais uma vez roubando flores para dar para a Marina... Elas estavam chorando e era aquele choro de medo de perda, aquele choro de quanto a gente pensa que nunca mais vai ver o amor da nossa vida novamente... Tudo tão simples, mas ao mesmo tempo tão complexo, tudo tão feliz, mas ao mesmo tempo tão triste, tudo Clarina. Isso! Se tem uma palavra para descrever a cena a palavra é tudo Clarina, pois desde o primeiro momento tudo que envolve as duas é nessa pegada, onde gestos falam, os olhos falam e os lábios também falam. Lábios esses que ficou no quase de se encostarem e fazer com que todo aquele estúdio pegasse fogo, mas não foi dessa vez, talvez muitos podem não concordar comigo, mas eu não me importo por não ter sido dessa vez que saiu o tão esperado beijo, não nesse capítulo, não com essas bomba nucleares, pois muita coisa foi dita, muita coisa foi revelada, a coitada da Clara ficou até desnorteada, Marina ficou com cara de boba mal acreditando no que tinha acabado de acontecer, mal acreditando que ela é sim correspondida.

With each word your tenderness grows

Tearing my fears apart

And that laugh that wrinkles your nose

Touches my foolish heart

Vivemos ouvindo que Maneco está escrevendo uma história de amor e esse capítulo foi a prova disso, pois se depois de tudo que vimos isso não é amor, eu simplesmente não conheço mais o significado dessa palavra.

Yes you're lovely, never ever change

Keep that breathless charm

Won't you please arrange it?

'Cause I love you

Just the way you look tonight

Minha reverencia, palmas, assobios e um “muito obrigada” para Giovanna e Tainá que estão fazendo o que protagonistas tem que fazer... Conquistar o público, arrancar risos, arrancar suspiros, emocionar, pode até irritar as vezes, mas nada que faça com que perca o encanto, perca o brilho, que pare de torcer pela história. Assim como meu muito obrigado ao Maneco e a todo equipe que nos presenteou com esse laudo.

Just the way you look tonight

Darling

Digo que desde que essa novela começou, após esse capítulo, valeu cada 30 segundos de cena Clarina por capítulo, isso quando tinha cena Clarina. O que está por vir depois do

segundo quase beijo eu não sei. Se os próximos capítulos vão voltar a ser novamente de só 30 segundos? Eu não me importo, contanto que Maneco continue escrevendo a história das duas como ele vem escrevendo, contanto que elas fiquem juntas no final, pois uma coisa que vai ser inaceitável é depois de tudo isso elas escolherem caminhos completamente diferentes, primeiro porque vai fugir de tudo que Manoel Carlos sempre quis escrever em um relacionamento entre duas mulheres e segundo porque iam estar jogando fora uma das melhores histórias de amor que já vi na vida.

Just the way you look tonight

Espero viver fora dos aparelhos para presenciar as cenas que estão por vir, pois enquanto eu escrevia esse texto Born To Die tocou várias vezes no meu aparelho de batimentos cardíacos, tanto que fugiu um pouquinho da programação do Boteco e espero acordar viva para que eu possa seguir com a programação do Boteco ou que pelo menos o wifi de Jesus continue sendo a data de nascimento dele para que eu continue a usando.

Nos vemos na próxima ida a UTI.

Ah! Família brasileira: LATE MAIS ALTO QUE DAQUI EU NÃO TE ESCUTO!

ANEXO 3 – BOTEÇO CLARINA “O LAUDO: EU ACHO É POUCO” (18 DE ABRIL DE 2014)

Na época da escola lembro que toda vez que anunciavam o passeio para o PlayCenter eu fazia a vida da minha mãe um inferno porque se tinha um lugar que eu gostava de ir mais do que no McDonald's comer o quanto de lanche que eu pudesse aguentar era ao PlayCenter, mesmo porque os hambúrgueres de lá não eram tão bons, mas a pizza era ótima e mesmo que eu comesse uma pizza inteira eu não ia ao PlayCenter por causa disso e sim pela montanha-russa. Se tinha uma coisa que eu fazia com prazer era ficar horas na fila do Boomerang e do Looping, pois eu amava aquela adrenalina, o coração disparado, ainda mais quando eu resolvia soltar as mãos da barra e erguê-las pra dar aquela emoção maior, os gritos e obviamente a cara de desespero das minhas amigas. Tudo era tão simples... Entrou, sentou no carrinho, erguei os braços, gritou, coração disparou, as pernas saíam bambas e pronto, eu tinha a opção de enfrentar a fila novamente, podia ir para a fila de outro brinquedo ou podia ir comer minha pizza inteira porque não ia mais correr o risco dela voltar.

Com toda certeza minha vida de shipper seria muito mais fácil se ela fosse como a montanha-russa do PlayCenter, mas não...

Com Clarina é isso... Vivemos em uma montanha-russa, porém de emoções, que parece que nunca vai terminar. Não ligo para altos e baixos, de forma alguma, acredito que eles são o que constroem uma ótima história, mas os altos de Clarina é pular de bungee jump, pois em um segundo você está lá em cima e no outro alguém te empurra e você tá tão no subsolo que mais um pouco você tá dando de cara com a Branca por que chegou ao inferno de tão baixo que está. E foi isso que aconteceu nesse capítulo...

Eu estava prestes a nomear as quintas-feiras de Clarina Day ou até mesmo de quinta-feira sagrada, pois semana passada tivemos aquela bomba nuclear que foi o flashback e o quase beijo e nessa quinta-feira teríamos outro quase beijo, como não querer dar um nome especial para um dia da semana que trás tanta felicidade para o nosso ship? Porém ship de sapatão e felicidade na mesma frase não faz sentido nenhum e tudo começou errado, e eu não digo sobre os dois segundos de cena que você pisca e já pula pra alguém se pegando na novela, pois essa é nossa realidade, até a cachorra do seu Benjamin já deve ter pego alguém nessa novela e Clara e Marina nada. Se Vanessa não fosse tão psico em relação ao “amor eterno” dela e da Marina eu diria que até ela pegou alguém também, porque essa novela faz até milagre, menos Clarina canon. Dois segundos de cena, Marina toda amor e Clara falando de quem? Obviamente que era do Cadu.

Depois disso temos os nossos 13 segundos de cena, pois 2 segundos só não foram tão desperdiçados por que teve Marina dando um abraço na Clara, mesmo que ela estivesse falando do Cadu. Nesses 13 segundos de cena tem beijo no rosto, mas não é porque Clara está sendo amor, está tratando Marina com todo amor e carinho agradecendo por ela trazer uma camisola, toalha e ainda dividir a cama com ela, não é por que Clara está tratando a Marina como ela merece e a bichinha toda apaixonada resolveu lhe dar um beijo no rosto, mas sim por que Clara está falando de quem? Um acento na primeira fila do concerto exclusivo Laerte e Luiza que acaba com um barraco da Helena para quem respondeu Cadu.

Nossa Meredith Grey brasileira e sapata (significado para pessoa imortal que só se ferra e por ser sapatão se ferra o dobro) vai tomar banho e ao invés de Clara ir dar uma espiada nela, pois não vê o corpo nu da Marina desde o começo da terceira fase da novela o que ela faz? Obviamente inventa uma desculpa que aquele carro velho dela deve ter ficado com a janela aberta e ela precisa ir lá fechar. Não pessoas excluídas da família brasileira, eu não estou contando uma piada... Noé tava quase passando com sua arca na frente do estúdio e Clara inventa uma desculpa que vai fechar a janela do carro só para ir embora, sem nem ao menos dar tchau para sua não namorada que estava louca para assistir Elena Undone com ela pra ver se assim ela se situava na vida, mas o pior não é isso, o pior é ela chegar em casa, mais molhada que a Estela de Mulheres Apaixonadas e querer beijo de boa noite do Cadu. Eu sei que ela pensou na ameaça do Cadu de brigar pela guarda do Ivan, mas alguém avisa esse ser humano que é mais fácil Em Família chegar a 40 pontos na audiência do que algum juiz dar a guarda do Ivan pra um pai que se você coloca a Marina na frente dele ele começa a ficar um arco-íris e cai duro no chão por que o coração não aguenta? Tirando que nem nas reuniões de pais ele vai, por favor.

Nesse momento do capítulo já estávamos ligando o ar-condicionado no inferno porque estávamos em um baixo muito baixo e o Diabo como também shippa Clarina, uma das únicas coisas que ele e Deus tem em comum, resolveu nos deixar a vontade.

Hora dos nossos 15 segundos finais de Clarina. Hora do quase beijo que já tinha gente no caps lock no twitter dizendo que não queria mais nem essa cena porque eles não eram circo pra ficar aguentando toda essa palhaçada da Clara e que Marina tinha que dar um iceberg nela pra ela largar de ser mais louca que a Juliana, mas “coração apaixonado é bobo, um sorriso seu e ele derrete todo”... Só foi Vanessa, que essa sim deve ser praticante de magia negra, invocar o nome da Clara e como sempre ela aparece e Marina vai logo ouvir as desculpas dela.

De verdade gente... Tenho certeza que até a igreja ta esquecendo a orientação sexual da Marina e estão pensando em canonizá-la, porque essa mulher é uma santa. Você procura a

palavra Santa no dicionário e aparece uma foto da Marina com aquela carinha doce, compreensível dizendo “Eu sou sua amiga, para o que você precisar eu estou aqui, mesmo eu estando completamente apaixonada por você e querendo te fazer realmente feliz, querendo te trazer aquela felicidade que te dá alegria que você tanto disse que estava procurando, mas até agora não vi você tomando nenhuma atitude”. Tenho certeza que se fosse qualquer outra pessoa ouvindo as mesmas desculpas da Clara, sem mudar uma única vírgula tinha demitido ela do coração, do trabalho, da vida e se possível do planeta, além de ficar traumatizada e nunca mais poder escutar o nome Cadu na vida. Por que olha... Eu não sou a Marina, mas já estou tão de saco cheio da Clara falando do Cadu a cada 40 segundos das cenas de 30 segundos que temos que eu desisti de colocar o nome do meu filho de Carlos Eduardo, só pra não o apelidarem de Cadu.

Só que a Marina representa o fandom, ela sofre, tem que aguentar as desculpas esfarrapadas da Clara, mas não desiste, pois o amor é maior e com isso ela inicia o segundo quase beijo e... Nunca vi uma trollagem mais sutil do que essa na minha vida. Gshow deveria aprender com a Marina, quer trollar, trolla com jeitinho, pois assim ninguém fica puta e ainda diz um “eu acho é pouco!”. Eu queria um ppv na casa da família brasileira para ver a cara deles quando a mãe de família ia deixar ser beijada pela destruidora de lares. Não... Aqui não é o Gshow, eu não estou trollando ninguém, Clara ia deixar Marina beijá-la, ela não virou o rosto em nenhum momento, pelo contrário, foi a própria Marina que virou o rosto dela e beijou bem no catinho, foi o famoso na trave. Virei Carminha e fiquei no lixão com essa cena! Clara só não perdeu o posto de rainha do autocontrole porque não resolveu mostrar pra Marina que não é certo trollar as pessoas e tascou um beijo nela de fazer família brasileira ir queimar colchão na frente do Projac, isso se tivesse sobrado alguém vivo.

Após isso estávamos no céu de novo, pensando que as próximas cenas que viriam é Clara lembrando do quase beijo com Só Vejo Você tocando, tocando e tocando em sua cabeça, mas segundos depois somos empurrados, voltamos para o inferno e encontramos o Diabo chorando, dizendo que desistiu da vida, que não aguentava mais, pois Clara está toda sorrisos e olhares apaixonados para o Cadu.

Ai eu pergunto: COMO ALGUÉM QUE JÁ FOI “DIAGNOSTICADA” APAIXONADA E QUASE RECEBE UM BEIJO DA CRUSH CONSEGUE EM SÃ CONSCIÊNCIA MANDAR OLHARES APAIXONADOS PARA UM MARIDO QUE SÓ TE DÁ PATADA, AMEAÇA PEGAR A GUARDA DO SEU FILHO E SÓ ESTÁ COM VOCÊ POR ORGULHO FERIDO?

Lembram quando vocês falaram que a Clara é a única certa da família Fernandes?

ACORDA BRASIL POR QUE NÃO VAI TER COPA! Clara só não perde para Helena e seu Laertelibrio (desequilíbrio quando o assunto é Laerte).

De verdade gente... Eu não posso mais viver com a presença da ausência do simancol da Clara, então por uma questão de sobrevivência minha eu estou demitindo Clarina do meu coração.

~ Afastamento radical de 31 segundos (maior que as cenas Clarina) ~

Apesar dos pesares eu ainda tenho muita esperança para Clarina, independente dos spoilers que saíram. Nessa vida de ship ferrado eu aprendi a ser otimista, pois se você shippa um casal xodó do autor você pode continuar nessa montanha-russa infernal, mas uma hora ela chega ao fim e quando você vê está tudo bem. E isso está sendo dito por uma pessoa que esperou 6 temporadas (o que equivale a cinco anos) para Lois e Clark darem UM beijo em Smallville

Mesmo por que eu acho é pouco! Tanto para Clara que foi trollada pela Marina pra largar de ser mais louca que a Heloísa, aquela doida ciumenta de Mulheres Apaixonadas, tanto para gente que de tanto casal lindo e maravilhoso que tem nessa novela como Juliana e Jairo, Alice e aquele namorado mudo dela que eu não sei o nome, Chica e Ricardo, Luiza e Laerte (um dos mais queridos, ainda mais para as meninas que sofrem de bulimia que é só comer assistindo o beijo deles que tudo fica muito bem), a flauta com qualquer personagem que resolve tocá-la ou minha mão na cara da Helena quando vem com conselho errado pra Clara, resolvemos logo shippar Clarina.

Tem mais é que parar com a montanha-russa de cabeça pra baixo mesmo!

ANEXO 4 – BOTEÇO CLARINA “[UTILIDADE CLARINA] CAMPANHA APOIO A CLARINA” (20 DE ABRIL DE 2014)

Os últimos capítulos de Em Família vem plantando uma semente de dúvida em quem acompanha o casal interpretado por Giovanna Antonelli e Tainá Muller, a ponto de fazer questionar se ainda poderemos usar o nome de Clara e Marina juntos em um termo que a torcida carinhosamente usa para se referir a um relacionamento amoroso definitivo que supostamente não demoraria a acontecer: Clarina.

Temos motivos para nos preocupar com o futuro das duas? Provavelmente sim, e é por isso que ressaltar que vivemos em um país homofóbico e machista é necessário, não é sensacionalismo ou exagero quando reagimos nas redes sociais pedindo a rede Globo que seja fiel a história das duas na novela, pois boa parte da audiência é conservadora, homofóbica e machista, então, é fácil concluir que essa audiência influencia nas atitudes tomadas pela emissora, pois o que importa são os números, a utilidade pública/social fica em segundo plano.

Uma recente reunião dos responsáveis pela novela das 21h definiu mudanças, algumas sutis, outras nem tanto, como é o caso do plot de Clara e Marina. Até semana passada eu diria que os empecilhos na história das duas eram normais, pois o autor Manoel Carlos inúmeras vezes demonstrou a atenção especial que tem com esse (ainda por vir) belo relacionamento, ele garantiu um tratamento igualitário com a história delas e não se pode negar que desde o começo da novela nos surpreendeu com cenas delicadas e outras consideradas ousadas, que ainda não tínhamos visto serem permitidas a um casal gay na teledramaturgia. Mas infelizmente, o rumo da novela não depende só do autor.

A audiência está muito insatisfatória e isso pode afetar bastante Clarina embora saibamos que elas são a única parte que funcionava bem, o problema é a novela como um todo, que não consegue engrenar. As cenas anunciadas pelo próprio site da Globo estão sendo diminuídas ou cortadas, isso está acontecendo com outros núcleos da novela também, mas o que causa alarde maior é que estava praticamente confirmado que o romance das duas começaria até o fim deste mês, não podemos tirar conclusões precipitadas, pois não sabemos os planos dos diretores, sabemos que Maneco de forma alguma daria para trás com esse casal, e a essa altura, não tem como apagar tudo que Clara e Marina passaram juntas, elas estão apaixonadas, e sim, nós sabíamos que haveriam (e haverão) altos e baixos e muitos empecilhos, obviamente que um marido doente não se pode largar do dia para noite, mas a emissora claramente está testando a torcida, fazendo Clara demonstrar interesse em Cadu e Marina ao mesmo tempo e provavelmente vai empurrar a história de qualquer jeito por muitos capítulos.

Porém, para ajudar o (futuro) casal a seguir o rumo que estava se desenhando de uma forma tão bonita, nós precisamos nos mobilizar.

O problema não é a torcida delas, que sem dúvida é grande, organizada e além disso ultrapassa as barreiras do Brasil e chega a outros países, o problema talvez nem seja o barulho feito pela audiência conservadora, talvez seja por erro de planejamento da emissora, de qualquer forma, a nossa voz tem que ser ouvida, Clarina tem a oportunidade de ser o primeiro casal homossexual da tv Globo a ser representado de forma natural. Todos os casais merecem isso, todo grupo, principalmente as minorias, como é o caso dos homossexuais, clama por algo muito importante: REPRESENTAÇÃO. Elas são a representação que as mulheres infelizes no casamento e que se apaixonaram por outra mulher esperavam, são a representação que mulheres jovens e gays podem se identificar, são a representação que mulheres e homens gays de todas as idades esperam, para mostrar que duas pessoas do mesmo sexo podem se amar, constituir família, viver como qualquer outro casal, porque infelizmente, boa parte da população ignora isso.

Em Viver A Vida, tivemos a felicidade de ver Félix e Niko terminarem a novela como um casal feliz, tivemos o primeiro beijo gay já transmitido em novelas da maior emissora do Brasil. Com Clarina nós podemos ir mais longe, e quanto mais pessoas exigirem isso, mais perto de uma representação justa chegaremos. Diariamente vamos ouvir e ler comentários dizendo que não precisa mostrar gays na TV, pois todos sabem que eles existem, que ninguém pode ser obrigado a ver beijo gay, que isso é um desrespeito com a família tradicional. Pois bem, essas pessoas não precisam como muitos dizem, que a luta pela causa gay vá devagar para não chocar a população. Chocante é o que os gays sofrem todos os dias com a homofobia. As pessoas tem que aprender que se não gostam, que mudem de canal, que todos sabem sim que gays existem, mas que eles precisam se mostrar mais do que nunca, porque diferente de obrigar a ver uma demonstração de carinho como um beijo, ser obrigado a sofrer discriminação calado é muito pior. A luta pela causa é muito complexa, e talvez essas personagens homossexuais não sejam o aspecto mais impactante nesta luta, mas é com certeza, uma grande vitória conseguir que elas estejam presentes da forma mais natural possível na mídia, para mostrar que o respeito é essencial e que amor é amor.

Então para continuar mostrando que Clarina tem o nosso apoio e que queremos um final feliz para o nosso casal e que elas engatem logo nesse romance e também que as cenas parem de ter somente 30 segundos, não vamos deixar de colocar nossa tag diário nos Trends Topics já que vimos que faz a diferença e saímos até no site da UOL, mas precisamos ir mais longe, por isso pedimos a todos que enviem email aos principais sites que serão listado a baixo, assim

como tweets e mensagens no facebook (os dois últimos serão atualizados com mais nomes no decorrer da campanha), pedindo para que ajudem a divulgar a nossa campanha e mandando pedidos e argumentos do porque Clara e Marina devem viver sim essa história de amor sem censura.

Fale com a Globo (@rede_globo) - O nosso principal alvo. Com a caixa de entrada cheia com nossos pedidos, eles não tem como nos ignorar, eles vão ver que não somos só uma torcida que sobe tag no twitter e não toma outras atitudes, mas também não vamos deixar de encher as mentions deles também.

Os emails enviados pela Globo, favor encaminhar também para o email clarinainaina@gmail.com, pois eles serão impressos e o objetivo é que eles sejam entregues diretamente ao Maneco, então lembrem de exaltar como o Manoel Carlos está fazendo um excelente trabalho e que é para que ele continue.

Para o mesmo email mandem também recados para a Tainá, contando a importancia do papel dela, como ela está fazendo a diferença e agradecer por todo o carinho e apoio que ela da para a gente, pois esses emails também serão impressos e entregues a ela.

Fale com o Extra - O Extra é um dos principais sites sobre a novela e que no começo soltava vários spoilers Clarina, mas agora com as cenas cortadas também não temos spoilers. Mandem o link do Boteco pra eles, façam pedidos para falarem da campanha. O Fale com o Extra fica no final da página.

Pra quem tem wpp também mandem pedidos para o Extra pelo número (21) 99809 - 9952

Patricia Kogut (@PatriciaKogut) - Outro site também com chuva de spoilers Clarina no começo e que já fez até enquete perguntando se os telespectadores são a favor de Clara e Marina ficarem juntas.

Fale com o Uol (@UolNoticias)- Como tem o link da noticia lá em cima... Uol já postou até uma noticia sobre a tag #MarinaBeijaClara, então se lotarmos o fale conosco deles não vejo o porque deles não fazerem uma noticia sobre a nossa campanha. O Fale Conosco fica no final da página.

AfterEllen (afterellentips@gmail.com) - Quando a novela começou o After Ellen que é um site internacional voltado ao público bi e homossexual fez uma matéria maravilhosa sobre Clarina, como a história delas estava sendo contada. Mandem falando da campanha para eles, pedindo o apoio, pois isso já seria mais um diferencial para mandar emails para a Globo usando até o próprio site do After Ellen. Lembrando que é necessário que o email esteja em inglês.

MSN Entertimento - O único meio de contato é pela página do Facebook, porém eles vivem postando notícias Clarina também, então...

Junto com os emails também mandem links com prints dos Trends Topics, incluindo desse sábado que fomos parar nos mundiais, mais o link do video Clarina Amor Sem Censura encontrado logo a baixo.

Vamos continuar mostrando que unidos fazendo a diferença. Que homofobia e hipocrisia não tem vez aqui. Conto com a participação de todos, pois o Boteco também é coisa séria.

ANEXO 5 – BOTEÇO CLARINA “[UTILIDADE CLARINA] MUTIRÃO SOMOS TODOS FANDOM CLARINA” (9 DE MAIO DE 2014)

Gostaria de compartilhar uma notícia boa com vocês: O TRANSPLANTE DO CADU FOI UM SUCESSO!

Agora gostaria de compartilhar uma notícia melhor ainda: CLARINA VAI SER CANON SIM, SENHOR!

Obviamente que Clara e Marina não vão ficar juntas porque a família brasileira quer, e sim porque nós, fandom destruidor Clarina queremos.

Maneco disse que ia agilizar o transplante do Cadu para que assim as duas finalmente pudessem viver o romance que nos foi prometido. Pois bem, ele agilizou em um nível, cheio da vontade de escrever de vez a história das suas xodós, que o capítulo foi até um pouco, talvez muito vergonha alheia, mas não precisamos comentar isso novamente, teve o transplante, todo mundo ficou feliz, usou do caps lock comemorando a graça alcançada, só que nosso ship não está totalmente a salvo, porque Maneco pode estar louco da vida querendo escrever a história das duas, entretanto se a Globo inventar (de novo) que elas não são bem aceitas, que o planeta é contra Clarina e nós não somos desse planeta por isso nossa opinião não conta, Clarina não vai acontecer, e tenho certeza que ninguém assistiu essa novela Helena (chata) até agora pra ver isso acontecer, não é verdade? Então foquem nas próximas linhas que eu tenho algo a propor.

Sexta-feira, depois da novela, vamos mostrar para a Globo que nós fazemos parte do planeta sim, que somos a maioria, e queremos o que é nosso por direito: Clarina canon. Clara e Marina vivendo de vez a história de amor que nos foi prometida. Clara parando com suas bipolaridades e dizendo que finalmente quer a Marina, deixando o coração do Cadu livre, leve e solto para amar a Verônica (sim, virei Carônica shipper assumida e não sinto muito por isso).

Então sexta-feira, depois da novela, todos nós vamos mandar um email para o CAT da Globo. E quando digo todos, somos todos nós mesmo, entre hoje e amanhã antes da novela já é para todo mundo deixar seu email pronto, porque quando acabar a novela é só entrar no Fale Conosco da Globo e enviar.

Por que eu estou propondo isso? Porque está tendo cenas fofas de Cladu pós transplante e com toda certeza a família brasileira assim que acaba a novela, vai lá com seus erros de português que fazem o Aurélio se revirar no túmulo, para o CAT dizendo que Clara tem que ficar com o Cadu e que Marina está destruindo uma família feliz, então não adianta eu vir aqui e dizer para vocês “Escrevam para o CAT da Globo” e simplesmente irem levando com a barriga e só meia dúzia escrever. Meia dúzia de pessoa não vai fazer Clarina canon, ainda mais

quando todo mundo sabe que nosso fandom é composto por muito mais que isso.

Eu sei que tem hora que a gente se estressa com a bipolaridade da Clara, que tem hora que a gente acha que perdeu tempo shippando o casal, mas não minha gente... Eu não shippo para meu casal não ficar junto, quando eu sonho que to investindo meu tempo em um ship que independente do que eu faça não vai acontecer, eu pulo fora antes que o Titanc afunde, eu não vim para esse mundo para ver meus ships não sendo canon, e eu acredito que vocês também não, caso contrário, mesmo com o Boteco que vocês dizem que é a válvula de escape para aguentar o horror que é a novela, vocês também não estariam aqui, vocês não estariam subindo tag no twitter e muito menos estariam revoltados com o andamento da história, porque quando sabemos que vamos ganhar não abandonamos o barco.

Tudo que estamos assistindo até agora é um teste para ver se estamos realmente comprometidos com Clara e Marina, se queremos vê-las juntas, pois a Globo não é boba nem nada e sabe que se não fosse a gente Em Família não ia ser nem lembrada, eles querem ver o quanto de barulho ainda estamos dispostos a fazer, então temos que mostrar para eles que todas as matérias publicadas sobre nós foi só o começo, que agora com esse transplante queremos Clara e Marina juntas e queremos pra ontem!

Para ajudar no email e também para ver se eu consigo impedir que vocês usem o caps lock e xinguem até a terceira geração de parentes do Maneco, vou deixar alguns tópicos para que vocês montem o email com base nisso.

- Falar sobre a importância da Globo como formadora de opinião e em como Clara e Marina não ficando juntas daria razão aos conservadores de plantão que acham que uma família só é constituída por um homem e uma mulher e que mesmo que você esteja infeliz em seu casamento você deve mantê-lo.

- Comentar sobre a evolução tanto da Clara quanto da Marina na novela, mas ainda a da Clara que querendo ou não começou tudo isso, pois ela que estava atrás de uma felicidade alegre e encontrou isso com a Marina, então ela terminando a novela onde começou (casada com o Cadu) seria morrer na praia e não teria sentindo nenhum em ter começado com essa história para começo de conversa.

- Falar sobre a promessa do Maneco em escrever uma linda história de amor e em como apoiamos isso.

- Falar também sobre o Cadu e dizer como foi importante Clara ficar ao lado dele por causa da doença, mas que agora queremos os dois felizes, porém a felicidade deles são em caminhos separados. Lembrar de tudo que foi dito quando Cadu descobriu que Clara tem sentimentos pela Marina e em como não tem coerência voltar com um casamento depois de

tudo que foi dito.

- Falar da química entre Cadu e Verônica, lembrar que Maneco disse que os dois são lindos juntos e concordar e ainda dizer que o “final feliz” do Cadu podia muito bem ser com ela, porque eles combinam.

- Falar sobre todas as pessoas envolvidas na torcida. Que somos compostos por jovens, adultos, idosos, homens e mulheres, gays e héteros, pessoas casadas, mostrando que algumas matérias que dizem que nosso fandom é composto só por homossexuais está completamente errado. Se possível colocar idade e orientação sexual também para deixar mais claro o que estamos dizendo.

- E obviamente dizer que o único motivo de assistir a novela é por causa de Clarina.

Fale Conosco da Globo

* PARA OS SHIPPERS DE OUTROS PAÍSES MANDAR O EMAIL AS 22:30 HORÁRIO DO PAÍS DE VOCÊS! Isso se não puder ficar até o fim da novela, pois sei que tem gente que acorda 4 da manhã pra ver a novela com a gente. Orgulho! O email vai chegar antes dos nossos, mas o envio nesse caso o envio é o que importa.

* PARA OS SHIPPERS DE OUTROS PAÍSES QUE NÃO CONSEGUEM SE CADASTRAR NO CAT PORQUE PEDE CPF E OUTRAS INFORMAÇÕES DO BRASIL MANDAR O EMAIL PARA O BOTEÇO QUE EU AMANHÃ VOU REDIRECIONAR TODOS PARA O CAT.

* QUEM NÃO CONSEGUIR VALIR O CADASTRO ENTRE NA PÁGINA INICIAL DO FALE CONOSCO, COLOQUEM O EMAIL QUE VOCÊS CADASTRARAM E COLOQUEM EM "ESQUECI MINHA SENHA" VÃO MANDAR UMA SENHA NOVA PARA VOCÊS E DEPOIS DE ALTERÁ-LA VOCÊS JÁ VÃO ESTAR VALIDADOS.

Por favor, não sejam ofensivos, defendam nosso casal com classe.

Somos a única torcida que ganhou destaque em tudo quanto é site e jornal. Somos a única torcida que tem um fandom que ultrapassou os limites do Brasil, somos um fandom internacional. Somos a única torcida que tem as protagonistas do nosso casal sendo chamadas para diversos programas de Tv e capas de revista. Nosso casal é o único que ganhou um Chat exclusivo na Globo. Se isso não é porque Clarina conquistou e nossa torcida pode sim fazer com que elas fiquem juntas, eu não sei mais o que isso significa.

Usem a indignação de vocês que normalmente fiquem só nos comentários do Boteco para o CAT da Globo. Pois eu vejo muita gente reclamando nos comentários, então quero ver se vão agir também fazendo a diferença para que nosso casal fique junto.

Conto com cada um de vocês para fazer esse mutirão acontecer!

PS: O post vai ficar fixo como o primeiro do Boteco para cada vez que vocês entrarem aqui lembrarem o que tem que fazer.

PS 2: Por favor, não usem os comentários como chat, pois na sexta-feira vai ser neles que vou ter o “controle” de quem realmente entrou nessa mobilização comigo. Qualquer comentário fora do conteúdo do post (o conteúdo se limita a dúvidas e sugestões sobre o mutirão) será deletado.

PS 3: Caso queiram ajuda com o texto ou só queiram que eu dê uma olhada mesmo podem enviar um email para botecoclarina@hotmail.com com o assunto Mutirão Somos Todos Fandom Clarina para que eu possa ter o controle.

PS 4: Quem tem contato com as gringas, por favor, passar sobre o mutirão para elas, pois quanto mais gente melhor.

PS 5: Vamos mostrar que nosso fandom é realmente destruidor e que shippar sapatão de novela da Globo não é somente sofrer. Conto com vocês!

ANEXO 6 – BOTEÇO CLARINA “FAMÍLIA BRASILEIRA É O FANDOM (SQN)” (20 DE MAIO DE 2014)

Saiu recentemente que o fandom Clarina foi completamente injusto com a Família Brasileira, pois diferente do que pensávamos eles apoiam sim o romance entre Clara e Marina, contanto que não tenha encoxada no bistrô, flashback destruidor e muito menos beijo na mão, porque francamente, onde já se viu pessoas trocando caricias quando estão em um relacionamento não é verdade? Eu também acho o cúmulo da ofensa isso.

Com base na injustiça com a Família Brasileira, nós mandamos nossa repórter Brunisa para as ruas cheias de granizo de São Paulo, ao som de samba, pois já estamos cansados da visão do Rio de Janeiro ao som de Bossa Nova, para conversar com essas pessoas tão injustiçadas e fazer o fandom se envergonhar pelos seus atos.

“Claro que eu sou a favor do romance de Clara e Marina, eu não tenho preconceito, mas eu vou para a rua caso tenha beijo, porque a Globo manipula as pessoas, exemplo disso foi o beijo do Félix e do Niko, no outro dia eu peguei meu filho beijando seu amigo, melhor amigo, único amigo, e com toda certeza isso não teria acontecido caso esses dois não tivessem se beijado, e meu filho não estaria no hospital devido a surra de flauta que eu dei nele. Prefiro ter um filho shipper Luerte do que gay! Então vocês acham mesmo que eu vou querer beijo de Clarina e Marina pra minha filha sair por ai beijando a amiga fotógrafa dela? Nunca nessa vida!” (Jovelina Aceito A Homossexualidade do Filho dos Outros).

Minutos depois nossa repórter encontrou a Jovelina dando uma surra de livro em sua filha e quando fomos ver a capa do livro era a edição couro do livro Cantadas & Xavecos por Marina Meirelles.

“Não ligo para Clara e Marina juntas mesmo não, mas fiquem dando beijinho na mão é demais, vocês não acham não? Se fosse para mulheres fiquem de saliência por ai Deus teria criado Adélia e Eva, não Adam e Eva!” (José É O Fim do Mundo Mesmo).

Encontramos um evento no facebook promovido pelo José dizendo que NÃO VAI TER COPA se Clara e Marina ficarem juntas, mas mal sabe ele que VAI TER COPA SIM!

“Claro que somos contra as caricias, incluindo o beijo, porque se já foi um sofrimento ter que ver o vídeo do flashback e dos quase beijos no Gshow inúmeras vezes, vocês acham que vai ser fácil ver o do beijo? Pois coloquem uma coisa na cabeça de vocês, esses vídeos só estão entre os mais vistos por nossa causa, porque precisamos analisar minuciosamente o vídeo para comentar depois com os outros integrantes da Família Brasileira o absurdo que aquilo é. Tivemos que assistir 20 mil vezes o vídeo do flashback só para ter certeza que não teve beijo

no momento que só aparece a sombra das duas, imagine para os outros detalhes? Dentro dessas 20 mil vezes, 35 mil nós assistimos na Tv de Plasma 60 polegadas 3D que compramos para assistir aos jogos da Copa para ver se não deixamos passar nenhum detalhe mesmo. Então se contentem só com os “Oi” “Oi” por que esse tipo de vídeo a gente assiste 10 mil vezes só ” (Soninha Deus é Mais).

Ao terminar de dar seu depoimento e provavelmente pensar que nossa repórter não estava mais de olho nela, Soninha Deus é Mais, que frequenta mais o Boteco do que vocês todos juntos, foi pega cantarolando The Way You Look Tonight e quando percebeu que Brunisa estava a encarando disse que essa música é mais endemoniada que as da Xuxa tocadas de trás para frente, e que essa versão nova da música que ela tem em seu v3 pink, no seu Positivo e em todos os CDs que ela escuta no dia de faxina é horrível e ela prefere a versão de Mulheres Apaixonadas. Mais tarde recebemos esse print no Beba Conosco.

Estamos de olho em você Soninha sua shipper Clarina enrustida!

Espero que esses depoimentos de pessoas bem alto nível da Família Brasileira tenham sido o suficiente para vocês pensarem 20 vezes antes de os julgarem, pois eles são do bem, eles são do fandom, eles querem ver Clarina canon. E caso isso não seja o suficiente, posso postar uns emails que recebi com depoimentos do Paulinho Axo Isso Uma Pouca Vergonha, da Ritinha Sou A Favor da Família e da Joaquina Se Deus é Por Nós Quem Será Contra Nós, todas pessoas bem estudados que deixem de colher uma cana para ficar em todos os sites que saem spoilers de Clarina deixando sua opinião bem coerente sobre o casal, mas se isso também não adiantar, Brunisa vai ficar mais do que feliz em pegar um voo até Goiânia para pegar mais depoimentos, porque ir de São Paulo a Goiânia está mais rápido do que ir de uma zona para outra em São Paulo.

ANEXO 7 – BOTEÇO CLARINA “[UTILIDADE CLARINA] MUTIRÃO SOMOS TODOS FANDOM CLARINA II” (21 DE MAIO de 2014)

E quando a gente pensa que está no limbo sai uma matéria falando que não vai ter mais beijo Clarina e a gente volta para o inferno e encontra o Capeta trocando whatsapp com Deus, pois os dois estão Plutônio + Tantálio com essa falta de respeito que a Globo tem com o fandom Clarina.

Então vamos acabar com essa falta de respeito depois do capítulo de hoje. Quando o capítulo acabar todo mundo corre para o CAT, pois vamos enviar dois emails hoje. Segue os tópicos.

- Continuar batendo na tecla sobre a história de amor que nos foi prometida. Citem a chamada da Clara onde ela dizia que não ia ficar em um casamento infeliz como a sua mãe e argumentem porque ela continuar casada com o Cadu, depois de tudo que a gente assistiu até aqui, incluindo o capítulo de ontem em que ele foi completamente ingrato com ela, não é e nunca será sinônimo de felicidade.

- Joguem na cara que a novela só é comentada na internet por causa de nós, fandom Clarina, que sempre estamos nos Trends Tópicos, que sempre saímos nas matérias dos sites que falam da novela, e que nunca vão encontrar fã base de novela maior que a nossa, pois somos internacionais, caso contrário essa novela não seria nem lembrada.

- Soltem a Vanessinha que tem dentro de vocês e falem tudo que vocês tem para falar, porque a essa altura da novela, depois de todo mundo já ter pegado todo mundo nessa novela, e Clarina não ter dado um misero beijo ou Clara pelo menos ter se declarado para a Marina é uma falta de respeito enorme com a gente, que diferente da Família Brasileira, a gente assiste sim a novela, mesmo quando tem capítulos lixosos como o de segunda e terça e só a Globo faz a cega fingindo que nós não somos um ótimo público.

[Clique aqui para entrar no Fale Conosco da Globo](#)

Claro que é para soltar o verbo, mas sem o Caps Lock e palavrões montados com a Tabela Periódica. Sei que nesse momento é difícil, pois pensamos que finalmente íamos ver Clara e Marina juntas, e como eu sei, porque escrevendo esse post eu tive que apagar umas 20 vezes as palavras com caps lock que eu escrevi, mas eu sei do poder da palavra de vocês. Vamos pifar aquele CAT!

Bom... Como eu disse que são dois emails, segue o segundo que vamos mandar também.

Na opção Dúvidas enviem as seguintes perguntas:

- Por que Luiza e Laerte vão ter 7 cenas de sexo em 7 capítulos quando o casal é rejeitado

pelo público e Clara e Marina não pode nem ter um beijo quando boa parte do público aceita o casal?

- Por que todo mundo já ficou com todo mundo nessa novela e Clara e Marina ainda não ficaram juntas?

- Por que Jairo pode agredir a Juliana grávida e Clara e Marina não podem ficar juntas?

- Por que uma história de amor escrita com toda delicadeza e poesia como a da Clara e a da Marina é censurada e a Luiza se dizendo apaixonada pelo Laerte, que foi o homem que enterrou o seu pai vivo não?

Essas são algumas duvidas que eu acredito que todos tenham, mas caso tenham mais podem mandar também, porque se tem uma coisa que eu não gosto na vida é de ficar com duvida.

Vamos mostrar mais uma vez o quanto o nosso fandom é destruidor por que VAI TER COPA SIM e se a Globo continuar faltando com respeito VAI TER DUAS!

* QUEM MORA EM OUTRO PAÍS MANDAR O EMAIL PARA botecoclarina@hotmail.com QUE EU VOU ENCAMINHAR PARA O CAT.

* OS DEMAIS PODEM ENVIAR O EMAIL DIRETO PORQUE NÃO VAI DAR TEMPO DE OLHAR TUDO.

**ANEXO 8 – BOTECO CLARINA “[UTILIDADE CLARINA]
#CHUTAOTALDECLARA (23 DE MAIO DE 2014)**

Aproveitando a onda da nossa rainha do fandom in real life Tainá Müller e o futuro mais novo casal de ainda bem que é sapata de Em Família Maria Eduarda de Carvalho e Luisa Moraes, foi proposto para que nós, Fandom Destruidor Clarina, tirasse essa campanha da tag e também trouxesse para uma foto com plaquinha mandando Clara se situar na vida e chutar o balde.

Então nos próximos dias (quando digo próximos dias é no máximo até domingo pra não deixar esfriar a matéria), vamos tirar uma foto com a plaquinha #ChutaOBaldeClara. Não precisa se “amostra” na foto quem não quiser, só sejam os mais criativos possíveis e mandem a foto para o botecoclarina@hotmail.com com o assunto tema da campanha, pois o Boteco vai fazer um espaço especial para todos as fotos, e obvio que vamos dar um jeito de conseguir a atenção da Globo e de outros sites com isso.

Quem quiser fiz dois modelos para impressão, mas fiquem a vontade para fazer a zueira de vocês.

Quem ta junto comigo?

ANEXO 9 – BOTEÇO CLARINA “O LAUDO: O DIA QUE BAIXOU O SEU BENJAMIN NO FANDOM CLARINA” (25 DE MAIO DE 2014)

Foram 5 dias sem nenhuma cena Clarina, pois como eu vivo dizendo, a quase cena de segunda-feira não conta. Acredito que essa foi a semana mais difícil desde que resolvemos shippar sapatão de novela da Globo, pois demissão do coração a gente suporta, afastamento radical de 24 horas a gente também suporta, mas o que a gente não consegue e não deveria nem ser obrigado a pensar em como suportar isso, é a presença da ausência de cenas Clarina.

Me corrijam se eu estiver errada, mas cenas Clarina virou algo essencial no nosso dia a dia, fazendo a Selma (louca), não ter cenas com o melhor casal que já foi escrito por um autor da Globo é como ficar um dia sem almoçar e/ou jantar, é como ficar um dia sem tomar banho, coisas realmente essenciais na vida, e espero eu que não aparece ninguém nos comentários dizendo que só toma banho de sábado, por favor. Tudo bem que se for continuar fazendo a analogia com cenas Clarina, tomar banho só de sábado ou de quinta (saudades Clarina's Day) faria todo sentindo do mundo, mas enfim...

Não foi nenhum flashback, não foi nenhum primeiro quase beijo, mas os tiros vieram na mesma proporção, ou talvez, por causa da falta de cenas, veio um tiroteio quase início de guerra. Não tinha bunker que protegesse! E tudo foi resumido em:

ASDFGHJKLÇKJHGFDSPUIUYTREWMNBVCXLKJHGFDSOIUYTREW

Seu Benjamin deu RT nisso até com o FC que ele fez para subir tag no twitter em prol de Clarina.

Confesso que fazia muito tempo mesmo que eu não surtava nível o surto do flashback com uma cena Clarina, e para mim o surto não foi simplesmente por causa da Selênio e Cálcio dessa semana, mas sim porque a cena foi realmente maravilhosa, não tinha fanfic no Gshow, que na realidade nem teve mesmo dessa vez, que fizesse com que eu imaginasse que a cena seria essa destruição toda, eu estava ansiosa, mas já tinha em mente que seria cena água com açúcar como vimos na semana passada que se resumia a abraço, beijo na mão e a enconxada inédita, mas que não causava o nível de surto de hoje.

Podem me dar uma surra de flauta se eu tiver falando besteira de novo, mas esse capítulo só me fez ter mais certeza que VAI TER COPA SIM! Esquecendo por um minuto o fato de que pode ser no final da novela (coisa que não vamos deixar acontecer) ou na segunda-feira (sonhar mais um sonho impossível), mas vai ter!

Não tem como na vida mudar a história nesse momento que chegamos dela. Não tem como Clara acordar um dia e dizer que estava errada sobre tudo que sentia pela Marina e que

não ama nossa galã coisa nenhuma, pois mesmo com sua indecisão que está mais do que na cara que não é indecisão e sim medo, com aquela cena final ficou nitido o quanto Clara está sofrendo, o quanto ela se sente segura com a Marina e o quanto ela quer logo viver sua felicidade alegre, mas por causa desse medo, não pode. Não tem a mínima possibilidade de Marina daqui a pouco desencantar da Clara e voltar a sua antiga vida, porque isso não é encantamento é amor, e esse só permaneceu mais claro hoje, a pessoa do "pose e amor não combinam", a pessoa do eu " não sou exclusivista", ama tanto que está (continua) sofrendo por não ter o amor de sua vida por completo. Clara não ama os dois em querer passar o resto da vida juntos, ela ama a Marina e o autocontrole ta cada dia mais bugado.

Inventamos a história que Clara e Marina não tem química e sim a Tabela Periódica inteira, mas isso não é nenhuma inverdade, cada sorriso, cada olhar, cada abraço, cada fungada no cabelo cortada pela edição, cada palavra trocada, faz com que as reações químicas que o professor de química fazia com que a gente fizesse nas aulas praticas se sintam inibidas, porque elas nunca vão chegar no nível químico de Clarina.

Uma cena que mais uma vez tinha tudo para ser de 30 segundos e só com o texto de sempre, foi o melhor "abaixa que é tiro" da história Clarina (depois do flashback e primeiro quase beijo, obviamente). Parecia que as duas ali era o fandom matando a saudade de Clarina. Marina falando sobre a ausência da Clara, sobre ela não dar sinal de vida, era a gente reclamando da Clara não ter ligado nenhum desses dias pra ver se Marina estava realmente viva. Clara dizendo que se sente desamparada longe da Marina, era a gente se lamentando sem cenas Clarina. Foi mais uma cena escrita com todo amor e carinho para a gente, foi mais uma prova de que 3 minutos e 22 segundos de cena tem mais valor do que qualquer cena de 6 minutos de qualquer outro personagem que só sabe ficar com chatice, foi mais uma prova de que Clara e Marina são as protagonistas e as pessoas tem que começar a aceitar porque dói bem menos, foi mais uma cena interpretada pela Tainá e a Giovanna com toda dedicação do mundo, mostrando que mesmo que matem a gente com a falta de cenas Clarina, elas estão dispostas a nos matar o dobro quando tiver esse tipo de cena, fazer com que a gente pense o impossível, sim o impossível, porque mesmo meu subconsciente sabendo que não ia sair nenhum beijo dali, o lado shipper ficou sem piscar, com um sorriso ridículo no rosto esperando pelo beijo, que mais uma vez ficou no quase, mas mais uma vez foi tudo tão lindo, tudo tão delicado, que nenhuma menção sobre o Cadu faria com que a cena perdesse o encanto, na realidade fez com que aumentasse, e esquecendo por um minuto a parte da enrolação, a menção vindo mais uma vez da Marina mostra que o autocontrole da bichinha, que não chega a ser tão poderoso quanto o da Clara, também está bugando, então ou toca no nome do ex cardíaco ou rola noite tórrida

de amor, e como nosso ship é diferente de todos os outros dessa novela e só trai em pensamento, tórrida noite de amor está fora de cogitação, por enquanto.

Eu não ia escrever na sobre, eu queria guardar todas as minhas palavras para o beijo, eu não sei nem se estou fazendo algum sentido, mas finalmente, depois dessa semana Marina (sofrida), meu coração voltou a ficar mais aquecido, as forças para continuar nessa luta foram novamente renovados e a certeza que eu estou shippando o melhor casal que algum autor da Globo poderia escrever permanece. Obviamente, sem tirar nenhum segundo o mérito de Tainá e Giovanna, que com toda certeza, se fosse qualquer outras atrizes ali no lugar das duas a cena não teria 1% de todos os tiros, por que Clara foi escrita para a Giovanna, que realmente foi escrita, sabemos, assim como Marina foi escrita para a Tainá, mesmo que sem querer, e glorificando.

Agora que venha mais tiro, que venha mais porrada, que venha mais bomba e FAZ CONTINUAR, FAZ ACONTECER PORQUE VAI TER COPA SIM E SE SAIR ALGUMA NOTICIA FALANDO MAL DA CENA VAI TER DUAS COPAS, OLIMPIADAS, ROCK IN RIO, MARATONA SÃO SILVESTRE E KARAOKÊ NO FIM DE ANO PARA CANTAR SÓ VEJO VOCÊ!

**ANEXO 10 – BOTEÇO CLARINA “[UTILIDADE CLARINA] PASSE A PALAVRA”
(28 DE MAIO DE 2014)**

Como vocês devem saber, pois ontem uma tag foi até subida sobre o assunto, a Colette, autora do blog “All Things Clarina”, escreveu uma mensagem para a Globo como uma representação internacional do fandom Clarina, mostrando que realmente nós não somos um fandom pequeno (coisa que eles já perceberem, mas vivem fazendo a Clara) e também uma forma de dizer, como já falamos diversas vezes aqui no Boteco, nas tags que subimos no twitter, nas entrevistas que algumas meninas do fandom já deram, o motivo que o romance Clarina deve ser retratado como qualquer outro romance e como seria dado um passo para trás (até mesmo depois de ter tido o primeiro beijo entre homens na história da emissora) não só no romance em si, mas em tudo que lutamos até aqui.

Clique aqui para ver o post: [A Message To Globo](#)

Então, como mais uma mobilização da nossa luta, peço que vocês passem o post para frente. Na hora que forem subira tag de tarde no twitter divulguem o link do texto, mandem o link do texto para o CAT e para quem mais todos os sites que estamos acostumados e que vivem de olho na gente, pois acredito que já chegou a hora de nos unirmos, mais do que já somos unidos e fazermos acontecer, pois talvez a Globo possa até não querer, mas não vão poder ignorar nossos pedidos para sempre e muito menos fazer juz a eles no último capítulo da novela, já que eu acredito que todos sonham aqui em ver os dois meses que faltam com Clarina lindas, juntas, sendo namoradas de verdade, vivendo como todo casal tem o direito de viver, com pedido de casamento (vindo da Clara, por Santa Xena, pois o sonho da minha vida é ver a carinha da Marina de besta com Clara pedindo ela em casamento, por que sim), chinesinha e muitos beijos.

Vamos fazer acontecer!

ANEXO 11 – BOTEÇO CLARINA “[UTILIDADE CLARINA] QUEREMOS BEIJOS CLARINA” (4 DE JUNHO DE 2014)

Como depois de muito esforço, estresse e até momentos desanimados e desacreditados do casal mais lindo que alguém poderia shippar na vida, nós não desistimos e conseguimos que nossa Copa finalmente tivesse data de início. Só que Copa sem gol, não é Copa, então para combinar com a tag de hoje que vamos subir na hora da novela, nada mais digno do que depois dela irmos até o CAT e reforçar o pedido de BEIJOS Clarina para a Globo.

Sei que vocês já devem estar morando lá desde que saiu as notícias namoro sim, beijo não, pois com toda certeza é super errado beijar quem você ama, super errado beijar enquanto você ta namorando, pois beijo só depois do casamento ou chifrando sua namorada ou namorado, porque estamos em 2014, um absurdo rolar beijo antes disso no ano em que vivemos.

Acredito que não precisa nem escrever um Velho Testamento para o CAT não dessa vez, só é dar aquela sambada básica dizendo todos os casais que já se beijaram nesse flop e porque o nosso que é o mais querido, que tem torcida e faz a novela ser lembrada não pode ter. Claro que sem ofensa e sem usar o caps lock, pois como já cansei de dizer, somos um fandom educado, pelo menos no CAT.

Vamos fazer com que a compra da vuvuzela para quando saísse o beijo ANTES do final da novela não tenha sido em vão. Vamos mostrar que beijo Clarina rainha, a junção de todos os beijos dos outros casais que teve na novela até hoje nadinha, pois aqui é fandom destruidor, é fandom Clarina e vamos ter quantas copas a gente quiser, pois aqui não é circo não!

Para quem não mora no Brasil, mesmo esquema. Mandem o email para o botecoclarina@hotmail.com com o tema do mutirão que eu vou encaminhar.

ANEXO 12 – BOTEÇO CLARINA “NOTÍCIAS: VAI TER COPA SIM” (11 DE JUNHO DE 2014)

Marina (Tainá Müller) e Clara (Giovanna Antonelli) finalmente vão se tonar canon na novela flopada da Globo. "Em Família" ou "Em Clarina", para quem entende quem são realmente as protagonistas dessa miséria, terá a tão esperada passagem de tempo de alguns meses que a gente já tinha até cansado de esperar no dia 11. Cadu (Reynaldo Gianecchini) vai sair de casa, colocando fim em seu casamento, mostrando que bambu quebra sim, pela graça do senhor bom Deus, Jesus, Santa Xena, Santa Alex Vause, Santa Callie Torres, e para desespero da Família Brasileira. com beijo na boca, pois nosso ship não é bagunça e tem direitos mais do que iguais, Clara e Marina surgirão em cena andando de mãos dadas, finalmente mudando o status de não namoradas para namoradas, e já falando em juntar as jaquetas de couro assim que Ivan (Vitor Figueiredo) ver que ter 3 mães é bem melhor do que ter uma só (sim, já estou crescendo a Verônica, porque quero copa para todos os meus ships), fazendo com o que fandom nunca mais consiga se levantar do chão ou nunca mais sai a da UTI.

Cadu tomará a iniciativa de se separar, mais uma vez novamente, após ver a ladra de flores em clima de romance com a galã no Galpão Cultural. Magoado, se sentindo exposto na frente de todos, se fazendo de vítima, como se não soubesse que a mulher já pula nas poças coloridas tem vidas, ele pegará Clara pelo braço, pois violência pode, beijo entre Clara e Marina também, e dirá que percebeu que ela já tomou sua decisão. Como se ele não tivesse percebido isso antes né fandom? Cadu se fazia mais de cego que a Família Brasileira.

- Eu te esperei até hoje porque eu tava com meu orgulho ferido e nunca na minha vida ia aceitar você me trocando por uma mulher ao invés de por um homem, mas vamos dizer que é porque eu te amo. Mas, se você não tem coragem de dizer que já chutou essa porta do Itatiaia tem é tempo, de parar de se fazer de Clara, faço eu por nós dois, pois eu tenho um ship pra fazer canon também. Fui! Deu pra mim, não da mais! Só quero aproveitar o tempo que deixei pra trás. Fui! Deu pra mim, não da mais! Já me cansei de ser aquele bom rapaz! Eu fui!

Clara vai dar uma volta na quadra e será encontrada por Marina aos prantos. Bem na hora que a galã a consola, Cadu, que não foi coisa nenhuma, aparecerá e jogará seu ponto de vista na cara da campeã da copa.

- Podem continuar! Não quero atrapalhar a linda história de amor das duas. Você é muito cínica mesmo! Você perguntou se minha mulher queria posar para você na minha frente, deu beijo na mão dela na frente de todo mundo desde que conheceu a gente!

Gritará ele, fazendo com que ninguém mais fique aflito porque o coração do operário shipper não corre mais o risco de rejeitar.

A coisinha bandida da Marina vai deixar claro que o flop da relação deles não é responsabilidade de Marina, e que o casamento já não estava bem desde que ela gritou o “CHEGAY” com os braços abertos em sua primeira aparição na terceira fase. Virado na Vanessa (capeta), o futuro marido de Verônica vai se virar para Marina e dizer:

- Eu só não meto a mão na sua cara porque senão não vou sair de coitado no fim dessa cena. Mas se você fosse homem, era exatamente isso que você merecia, mas mesmo assim eu não ia dar na sua cara, porque com galã de novela ninguém mexe, e se mexe da ruim na vida.

Mesmo depois do Tretas Em Família, a despedida de Cadu ao sair de casa, e ser mais digno que o Nando, que com toda certeza com essa passagem de tempo ainda vai ta pulando de apartamento em apartamento, em ir se hospedar em um hotel será emocionante, o que vai ser mesmo, prevejo os shippers Clarina tudo com lenço na mão chorando de emoção porque a copa finalmente vai começar, não gosto de dar minhas opiniões nas notícias, pois sou bem imparcial, mas eu particularmente já to emocionada é de agora. Ele vai explicar para o filho que está se separando de Clara (lágrimas, lágrimas e mais lágrimas), mas finalmente vai fazer uma para ser lembrado e não vai colocar o filho contra a mãe.

Dando início a copa

O autor Manoel Carlos finalmente parou de ouvir um Bob Marley e escreveu duas cenas que mostrarão o caminho do arco-íris que a Clara deseja seguir. A finalmente decidida aparecerá sozinha em uma praia, mas não se preocupem que não vai ser que nem aquela cena de vergonha alheia da Alice, pensativa:

- Esse tempo tem sido muito bom para entender que eu sou ainda bem que é sapata de verdade. E posso mudar minha conta do twitter para Clara Decidida. - Lispectorá Clara.

Em seguida, Marina receberá um email da coisinha bandida ladra de flores, pois aparecer no estúdio está fora de cogitação, pois senão teriam que incluir o beijo nessa cena, e vai ler a mensagem com os olhos cheios d'água, distribuindo tiros até pra quem não tava passando nem perto.

- Comecei a entender, finalmente, que eu podia sair de Narnia quando eu bem entendesse. Olha só a responsabilidade de levar uma novela nas costas! Vou explodir essa porta to Itatiaia, pois não tenho mais motivo de ficar presa aqui dentro. Chegou a hora de iniciar essa copa. Por que eu te quero comigo, mais que uma amiga, melhor amiga, única amiga, eu quero ser sua namorada. Te peço uma chance. Pense com carinho nessa recém chegada ao lado B da sexualidade.

Primeiro tiro com elas juntas

A passagem de tempo será pontuada por nada mais, nada menos, que a gestação da rainha do fandom, Juliana (Vanessa Gerbelli), pois certeza que Maneco lê a tl e fez isso para nos mandar um recado, que posa para fazer uma foto de sua barriga, que ainda tem aparece, como se a gente nem tivesse percebido isso nessa altura da novela. Do “diga X”, a novela vai para 2020, pois o tanto de passagem de tempo que já teve, não é possível que ela ainda esteja em 2014. A rainha estará bem barriguda, com seis meses de gravidez, e lágrimas continuam escorrendo de emoção.

Clara surgirá em cena com Ivan em casa, sugerindo fazer um lanchão que ele gosta para convidar Marina para jantar. O menino não reagirá bem, pois ainda não entendeu as vantagens de ter Marina como mãe, e fingirá que não ouviu o que a finalmente namorada da Marina propõe. Depois, Marina e Clara aparecerão, atirando em quem estiver por perto, caminhando juntas de mãos dadas, como duas namoradas, nada de não namoradas, nada de não amantes, nada de não relacionamento, ela serão namoradas, vou repetir porque é muita emoção escrever algo assim depois de tanta enrolação, elas vão aparecer andando de mãos dadas como namoradas ao redor da piscina da mansão da galã.

- Às vezes eu penso: e se a gente encontrasse um cantinho gostoso para nós duas? Um lugar menor? Acha loucura pensar assim?

Não mudeu nenhuma vírgula da frase só para usar esse meme, porque Clara sugerindo morar junto com a Marina é tudo que eu pedi para o Papai Noel de Natal e eu to me segurando tanto para não usar o caps lock para escrever essa notícia, mas eu to aqui estirada no chão para quem quiser saber. Voltando...

- Você está falando sério?

Marina perguntará pelo fandom, pois ninguém vai estar acreditando que é a vida real, porque parece sonho.

- Eu penso nisso desde que eu era moradora do armário de sucupira. Assim que Ivan entender que ter você como mãe é um ponto positivo, pois ele vai ter alguém expert em Xavecós & Cantadas para ajudá-lo com as namoradinhas, eu quero muito assistir a nova temporada de Orange is the new Black com você. Você não quer?

EU...

- Claro que sim! Mesmo com a Laura Prepon só aparecendo em 4 episódios, eu mal posso esperar por isso. Vai ser o dia mais feliz da minha vida.

- Das nossas vidas. Incluindo a do fandom que não aguentava mais. Espero estar desculpada por tudo depois dessa. - Dirá Clara beijando Marina.

PEGADINHA DA BRUNA!

Olha... Sei que tem muita gente chateada porque comeram nosso beijo com farinha, mas vocês me desculpem, eu não to não por que VAI TER COPA SIM E NÃO É NO FINAL DA NOVELA E EU NÃO VEJO A HORA DE VER ESSAS DUAS SE TORNANDO DE VEZ MEU SHIP TOP 2 NA LISTA TOP 5 DOS SHIPS PORQUE O TOP 1 É DE CASKETT E NÃO VAI TER SHIP NENHUM QUE VAI FICAR NO LUGAR DELES, MAS CLARINA VAI ENTRAR NO LUGAR DE CLOIS E VOCÊS NÃO ESTÃO ENTENDENDO E EU NÃO SINTO MUITO PELO CAPS LOCK NESSA NOTICIA POR QUE EU MORRI, MAS PASSO BEM, MAS EU NÃO TO BEM NÃO PORQUE QUERO DIA 11 LOGO!

AS VEZES DA BOM MESMO SHIPPAR SAPATÃO.

TCHAU!

ANEXO 13 – BOTEÇO CLARINA “O LAUDO: VALEU, FOI BOM, ADEUS!” (15 DE SETEMBRO DE 2014)

Foi no primeiro spoiler, com essa foto que eu comecei a shippar Clarina, não precisei esperar a cena ir ao ar, não precisei ver a chamada, não precisei de nada mais “concreto” para começar a shippar as duas porque só com aquele diálogo algo me dizia que elas seriam um casal destruidor e felizmente eu não estava errada.

Tivemos cenas de 30 segundos, tivemos cenas que eu considero uma verdadeira vergonha alheia, mas também tivemos cenas maravilhosas de deixar qualquer um Seu Benjamin e completamente baleados. Clarina era um casal tão amor que apesar dos pesares conquistou muita gente, pois eu continuo batendo na tecla que não era um casal de ainda bem que é sapata e sim um casal, duas pessoas que se amavam, que passaram por diversas coisas, provaram diversas coisas, até finalmente ficarem juntas.

Eu não queria que o último O Laudo fosse esse, na realidade eu nem queria chamar esse post de “O Laudo” porque todos os posts que tiveram com esse nome foram baseados no momento Seu Benjamin que eu me encontrava e precisava me expressar de alguma forma, o verdadeiro O Laudo deveria ter sido feito no dia que a novela acabou, com tipo uma retrospectiva dos melhores momentos, coisas que eu já tinha feito na minha cabeça, mas aquele final deu tão ruim em qualquer coisa que eu estivesse pensando em escrever para dizer o quanto Clarina foi um casal que me deu gosto de shippar, de acompanhar cada segundo da história e de lutar para que essa história fosse contada realmente até o final, que terminasse com as duas juntas e não fazendo a vontade da Família Brasileira. Não que eu tivesse alguma dúvida de que elas não ficariam juntas, pois como disse em dezenas de posts que fiz aqui, elas eram o xodó do Maneco e ele não iria estragar isso, mas do que a novela em si já tinha estragado em alguns momentos.

Normalmente sou alguém que cumpre minhas promessas. Como cumpri quando disse que eu ia até o final shippando Clarina, como cumpri com vários posts que eu fiz no Boteco, como cumpri acordar cedo para os programas para ajudar a subir as tags, como cumpri a promessa que eu fiz para a minha amiga que assistiria Orange is the new Black com ela, mesmo que ela achasse que eu não iria porque estava muito “ocupada” com Clarina, assim como também cumpri a promessa que fiz para outras amigas, e para mim mesma, que eu “voltaria” para elas quando a novela acabasse, colocaria minhas séries em dia e voltaríamos com o surto na Fall Season porque é isso que se faz quando a história de um casal chega ao fim. Eu sei que para muitos Clarina foi o primeiro casal, muitos não conheciam nem os termos “shippar”,

“ship”, “otp” entre outros que foi explicado aqui, mas para mim não. Eu já vi ship meu perdendo a memória e não lembrando nada que aconteceu durante as cinco temporadas da série. Já vi ship meu morrendo faltando poucos episódios para a série acabar. Já vi ship meu passando a ser o ship mais insuportável da vida fazendo com que eu passasse a desejar que eu nunca tivesse desejado que eles ficassem juntos se era pra ter estragado daquele jeito, como também já vi vários ships meu serem felizes, então eu sei quando é hora de desapegar, de superar, mesmo que doa, mesmo que eu ache que nunca vai existir um ship igual na vida, mas para quem assistiu séries, sempre terá um ship novo esperando para ser shippado.

Antes que me entendam mal, eu não estou dizendo tudo isso para que quem não desapegou, desapegue, para que todo mundo supere o fim de Clarina e vá caçar qualquer outro casal para passar o tempo, mesmo porque até hoje vivo comentando de ship que já acabou e depois eu não sou ninguém para sair dizendo isso as pessoas, cada um tem o seu tempo. O que eu estou querendo dizer é que meu tempo já chegou, e particularmente já to shippando um casal mais dor que Clarina, pois os dois nem se tocam e uma das partes do ship sempre aparece menos de 30 segundos, então... O que estou querendo dizer é que eu, Bruna Cezario, já superei o fim.

Querida pedir desculpas por não cumprir minha promessa de não escrever os posts que eu ia escrever e fazer o Boteco continuar, mas se tem uma coisa que eu não faço na minha vida é escrever por obrigação, e depois dos meus lanchões, uma das coisas que mais amo na vida de lazer é escrever e quando isso se torna uma obrigação não sai nada, e depois de um tempo, de muitas coisas que eu li, de muitas coisas que eu vi, infelizmente escrever para o Boteco não era mais uma diversão, eu não tinha um pingão de motivação para continuar e talvez esse tenha sido o mesmo motivo para que eu superasse não ter Clarina todo dia na minha televisão tão rápido. Sei que isso chega até ser injusto para quem não teve nada a ver com a história, que sempre curtiu o que eu estava fazendo e que esperava que o Boteco realmente continuasse, mas para mim não dava mais, tanto que foi um dos motivos para eu ter tirado o cantinho do ar, mas nunca com a intenção de não voltar mais com ele, mas sim para poder ter um tempo de dar uma satisfação do por que não ia postar mais nele, do por que não ia abrir mais chat e do por que eu praticamente não estar falando muito (na realidade quase nada) de Clarina por esses últimos dias.

Querida deixar registrado o meu muito obrigada a todos que me aguentaram por todos esses meses, que me motivaram, que me fizeram rir, que de alguma forma contribuíram para que o Boteco fosse o sucesso que foi e por mais que eu não concorde com algumas (muitas) atitudes do fandom, esse foi sim um fandom destruidor que eu vou sempre ser feliz por ter participado, pois me proporcionou conhecer pessoas maravilhosas que espero conhecer

pessoalmente (as que eu ainda não conheci) e levar para a vida, assim como vou dizer que me orgulho de ter participado desse fandom por existir pessoas como essas fazendo parte dele. E gostaria de pedir desculpas também se fui mal educada com alguém, com toda certeza não foi minha intenção e dependendo do que foi que eu disse, talvez só fosse eu sendo eu. Diferente do que algumas pessoas pensam, eu sou legal, mas acredito que sou legal do meu jeito e isso acaba sendo confundido com má educação ou até mesmo estrelismo, esse segundo sem motivo, já que eu não sou famosa, se me conhecerem um pouquinho eu só sou alguém, fã da Claudia Leite, que gosta de comentar séries, novelas e programas de televisão no twitter, assim como comentar da minha vida e tentar ser um pouco engraçada, mas falhando sempre na missão, como qualquer outra pessoa (às vezes abusando e muito do caps lock).

E quero que vocês saibam também que eu nunca vou renegar o fandom Clarina, mas foi por ele que eu vivi os últimos meses, então se não falo mais nada sobre não é porque estou fingindo que o casal nunca existiu e que eu nunca fiz parte de fandom nenhum, Clarina sempre será um ship importante, ainda mais pelas coisas que citei, pelas pessoas que conheci através do casal, mas acabou, não vai ter filme, não vai ter série e talvez nem tenha reprise no Vale a Pena Ver de Novo, porque essa novela foi tão lixosa que os estagiários já devem ter queimado ela é toda, eu só preciso mesmo me desligar um pouco e continuar com a vida, porque agora tem tanta série pra assistir, tem novela (Boogie Oogie), tem o The Voice que começa essa semana e tem qualquer outra besteira que esteja passando na tv para comentar, assim como os debates políticos que são só sucesso para a criação de novos memes.

E eu pretendo cumprir minha promessa de nunca mais shippar casal de ainda bem que é sapata da Globo, mas posso voltar nessa promessa também, caso um spoiler que eu leia me faça shippar o casal e ver que ele vale a pena.

Desculpa mais uma vez por qualquer coisa, obrigada mais uma vez por terem feito com que eu fizesse o Boteco continuar, lá no primeiro post, foi realmente muito importante e tenham como O Laudo final o último Hangout, pois nele eu falei boa parte do que eu queria colocar em palavras no verdadeiro O Laudo final.

Nos esbarramos por ai!